

Kalena

Livro I

A Fortaleza do Centro

Eder Sabino Carlos

CAPÍTULO 1

Noite trágica

Apesar de estar uma noite linda e estrelada, com uma enorme lua cheia que iluminava toda Kalena, a floresta de KiBay permanecia na penumbra.

Parecia uma noite comum como todas as outras, mas esta seria diferente, seria uma noite decisiva que com certeza mudaria a história deste lugar.

KiBay era uma floresta bem densa com poucos caminhos mal traçados, pois poucos se atreviam enfrentá-la, pois ela transpirava o medo e o sofrimento dos que tentavam vencê-la; Estava muito escuro, mas ainda penetrava alguns feixes de luz através de algumas frestas nas copas das árvores, dando a ela um visual ainda mais sombrio, fazendo seus troncos parecerem silhuetas de monstros vigiando todos os movimentos.

Estava um silêncio total, gélido e enigmático, fazendo parecer que até os animais, insetos e outras coisas extraordinárias que o povo vivia dizendo que a habitava, aguardassem algo acontecer.

O silêncio só foi quebrado com o ranger de uma carroça velha, que naquele momento cruzava um caminho estreito e quase intransponível.

-Sabe é a primeira vez que entro nesta floresta - disse uma voz feminina - sempre me disseram que aqui moram seres esquisitos.

-Sim, com certeza aqui é bem perigoso - disse a voz de um velho.

-Você tem certeza que foi melhor sairmos durante a noite, pois esta floresta já é perigosa durante o dia, imagine há esta hora.

- Mas a chance de nos seguirem a noite é bem menor.

- Mas e os Málacas? - disse ela ficando cada vez mais nervosa

-Eles não costumam atacar nesta parte da floresta, pois é muito perigoso até para eles, além do mais, peguei esta carroça velha para não parecer que temos algo para ser roubado.

Quando ele disse isto, ela começou a ficar apavorada.

-Nossa se é perigoso para aqueles marginais, imagine para nós.

Então ela olhou para o velho e disse bem firme - vamos voltar!

-É impossível!

-E por que é impossível? - rebateu ela

-Quando sairmos da floresta eu te explico - disse o velho tentando cortar o assunto.

-Mesmo assim acho que não deveríamos ter saído hoje, pois estou com um mau pressentimento, como se algo iria acontecer de muito ruim.

- Tinha que ser hoje, já não havia mais sentido você continuar lá - falou a voz já esganiçada do velho - poderia se tornar muito perigoso, pois você já não fazia mais parte de lá.

A mulher fez um breve silêncio, e começou a acariciar seu anel e se perdeu em pensamentos, era um anel tosco feito com certeza por alguém que não tinha nenhum conhecimento de artesanato, mas com certeza devia significar muito para ela.

-Não me conformo, eu tenho certeza que ele nunca iria me deixar ir embora.

- Já disse - retrucou o velho - já estava se tornando muito perigoso.

Ela então silenciou, notando que o velho não estava querendo mais prosa com ela.

Então cada vez mais eles iam penetrando na floresta, que parecia interminável.

Ela ia observando cada detalhe das árvores, pois pareciam olhar para ela de tão sinistras que eram.

Depois de algumas horas sem ninguém conversar, ela percebeu uma coruja branca observando-a.

-Será que elas pensam? - Perguntou a mulher para o velho tentando quebrar o gelo do momento.

-Quem? – Perguntou o velho intrigado.

- As corujas! – Disse apontando para ela.

Ele olhou e então sorriu pela primeira vez e disse:

- Sim – elas são muito observadoras e podem ser de muita serventia para quem as trata bem.

-- Serventia? - perguntou ela com muita curiosidade, esquecendo por um breve momento que estava dentro daquela floresta tenebrosa.

- Exato, quando você as trata com carinho elas costumam te acompanhar e observar tudo ao seu redor e por terem os sentidos muito aguçados te avisa se algum perigo se aproxima de você.

-Interessante, acho que vou criar uma - disse ela em tom de brincadeira - mas do jeito que as coisas andam ela rapidinho vai querer ir embora.

- Por quê?

-Ora do jeito que você diz que eu corro perigo - ela vai ter que fazer hora extra até durante o dia - e começou a rir.

O velho então fechou a cara e parou novamente de conversar.

A mata estava cada vez mais densa, com galhos já próximos as suas cabeças.

Depois de se passar quase uma hora em total silêncio, ela começou a conversar novamente, mas já com lágrimas nos olhos:

- Mas eu sou a mulher dele, ninguém se atreveria a tocar em mim - disse já soluçando.

- Minha senhora é muito complicado e não tem como explicar agora.

-Acho que deveríamos voltar - insistiu ela - tenho certeza que ele me ama.

-Não tenho dúvida, mas agora isto não importa mais.

-Mas por que você está me ajudando? Ele sabe disso?

-Não, não sabe, ele perdeu a confiança em mim, de certa forma ele acha que sou culpado.

-Como? Você não tem culpa...tem?

-É que tenho alguns poderes, e ele acha que eu...

- Você o que?

-Eu tenho alguns poderes, mas tem coisa que a natureza faz que não devemos ou não podemos fazer nada.

Mas você não fez nada por que não consegue ou por que não quis fazer?

- Silêncio! - Gritou o velho parando a carroça na esperança de ouvir melhor.

- O que aconteceu? Não ouço nada.

- Silêncio...Já disse! – agora aguçando os ouvidos.

Seguiu-se um silêncio tão grande que dava para escutar o medo no coração acelerado da mulher.

Passaram-se alguns segundo que pareciam horas, mas o silêncio total permanecia.

Ela olhava para todos os lados para ver se algo acontecia, com a esperança de não ser nada, que o velho estava sendo apenas cuidadoso demais.

Ele levantou-se na carroça empunhando seu cajado, pois tinha certeza que algo estava para acontecer.

Apesar do ar denso da floresta ele sente uma brisa gélida e estranha tocar-lhe a face, denunciando que algo de ruim estava para acontecer.

Ele sabia do perigo iminente, mas não sabia de que lado viria, mas sentia bem longe a floresta acordar, pois a agitação estava aumentando aos poucos, pássaros passavam por eles agitados junto com pequenos roedores que corriam por todos os lados. A floresta pulsava mais forte aumentando a tensão e com isto a mulher não se conteve e começou a gritar em desespero. O velho pedia para ela se calar, mas não adiantou nada, ela já havia denunciado a posição deles. Eles estavam em uma parte mais larga da estrada e não tinham como esconder, então ela silenciou rezando para que fosse algo passageiro, mas conforme aumentava a agitação na floresta maior era sua angústia, seu desespero, foi quando ela avistou aquela coruja novamente, agora bem mais próxima, ela a olhava de uma maneira como que querendo dizer algo, foi quando distinguiu entre toda aquela agitação grunhidos vindo de todas as partes parecendo cercá-los.

- O que é isso? – gritava a mulher chorando em desespero.

-não tenho certeza, não estou vendo nada, mas parece que estamos cercados pelos lobos de caça reais.

-Devem estar nos procurando para voltarmos - disse a mulher tentando achar alguma esperança em meio aquela situação.

-Se nos quisessem de volta não mandaria estes lobos.

-Tenho certeza que ele não nos faria mal - insistiu ela

-Mas porque então soltou os lobos - disse o velho em estado de alerta e continuando a falar – somente ele pode liberar a saída deles.

Quando perceberam que estavam bem próximo deles, no meio da mata, ela não agüentou e pulou da carroça apavorada, quando neste instante...

Kabrum... Um Koskam abalroou a carroça jogando o velho no chão. O Koskam é um animal peludo com dentes de sabre do tamanho de um filhote de elefante, só que muito mais inteligente e rápido que acompanha os lobos de caça reais. Quando os lobos acham sua presa é ele que ataca para derrubá-la para depois os lobos pegarem a presa indefesa.

Corra, corra, fuja, pois estão atrás de nós - gritou o velho - vou tentar retê-los o máximo que puder.

Ela saiu correndo desesperada com suas roupas prendendo entre os galhos baixos das árvores, enquanto o velho tentava retardar os lobos de caça.

Ele fazia um barulho enorme para chamar a atenção dos animais, mas para sua surpresa os lobos de caça passaram direto por ele indo atrás da mulher.

Ele bateu seu cajado no chão criando uma luz meio azulada na esperança deles voltarem à atenção para ele, mas nada, eles continuavam determinados em direção da mulher como se estivessem hipnotizados. Foi quando ele percebeu que o que eles queriam, não era uma presa qualquer e sim ela. Ele então rumou em direção a ela, ultrapassando os animais com tamanha facilidade que parecia flutuar no ar.

- Estão atrás de você, corra sem parar e não olhe para trás.

Ela correu muito... Escutando um barulho ensurdecedor que iluminou a floresta as suas costas. Com isto os latidos pararam e logo após o velho a alcançou novamente.

-Dei um jeito nos lobos, mas isto só vai retardá-los um pouco e creio que o perigo só está começando, continue correndo.

- Eu não agüento mais preciso descansar - disse ela ofegante.

-Não, não podemos parar enquanto não sairmos de dentro da floresta.

-Mas quem está atrás de mim?

-Não sei, mas com certeza foi ordem real, pois estes lobos só podem sair com autorização.

O velho estava nervoso e não parava de olhar para trás esperando que algo pudesse acontecer.

- Vá em frente que eu vou esperar um pouco para ver quem está comandando esta...

Não deu tempo de terminar a frase, pois um Koskam atingiu o velho jogando-o de encontro a uma árvore.

- **Deixe o velho e mate-a** - uma voz gritou.

Ela sem saber para onde ir, corria sem parar gritando:

- **Quem é você por que me persegue?**

Ela só conseguia ouvir o Koskam em sua direção e uma risada ao longe.

Ela então parou, pois estava na beira de um precipício e olhou desesperadamente para o Koskam em sua direção. O velho só conseguia vê-la de longe com uma visão meio desfocada e não podia fazer nada, pois estava atordoado com a pancada que levava.

Ela estava tão desesperada com aquela fera indo a sua direção e vendo que não tinha saída para escapar, decidiu por uma morte menos sofrida pulando no precipício.

- **Nãoooooooo** - gritou o velho ajoelhando-se impotente próximo a uma das raízes de uma árvore, então virou e gritou para o vulto que transbordava uma alegria maléfica - quem é você e por que a matou?

Ele não dava a mínima atenção e continuava rindo, era uma risada estranha, parecia uma mistura de prazer, ódio e escárnio.

O velho tentava enxergar quem estava rindo, mas estava muito escuro e o cavaleiro também vestia uma capa com capuz que mesmo se estivesse claro ele não conseguiria ver quem era.

De repente ele parou de rir e olhou na direção do velho gritando para os lobos que já estavam posicionados ao seu lado.

-Pegue ele agora!

Apesar de estar abatido pela morte da mulher o que mais importava naquele momento era escapar daqueles animais enraivecidos, então se levantou com dificuldade e cruzou seus braços junto ao peito e fixou seu olhar como se estivesse em transe e conjurou algumas palavras em sons inaudíveis, criando uma aura circular ao seu redor fazendo com que os animais parassem temerosos pelo que poderia acontecer.

Seu olhar agora transbordava raiva e descruzando seus braços com as palmas das mãos viradas em direção ao chão parou de conjurar e gritou bem forte **Petrifique!** Com isto sua aura em forma de raios voou em direção aos animais transformando-os em monumentos de pedra.

Rapidamente pegou seu cajado e olhou para todos os lados à procura do cavaleiro, mas ele havia sumido como num passe de mágica.

Ele então desolado e cambaleante caminhou em direção ao precipício e disse:

- Foi tudo culpa minha, eu devia ter escutado você. Então vendo que sua arrogância o cegara do perigo verdadeiro que cercava esta viagem virou-se sumindo na escuridão.

CAPÍTULO 2

Vinte anos após O Julgamento de Frigg

A estrada que dava acesso à parte sul da cidade era a Alameda Gavril que além dos grandes Ipês que a acompanha, é também feita toda de pedra com sulcos entre elas para não a deixar alagar mesmo na época das chuvas. Ainda era muito cedo e o sol já estava querendo dar sinal de vida.

Haddock vinha descendo-a com sua capanga em direção à Academia Militar como fazia todas as manhãs. Ele é o filho do Rei Bartok, o soberano da Cidade da Vitória, mais conhecida como Fortaleza do Centro. É uma cidade maravilhosa e de grande extensão, que além de serem protegidos por um grande exército é toda cercada por uma grande muralha com vários Vultigrifus; Os Vultigrifus são grandes aves de rapina e são consideradas sagradas pelos vitorianos e somente podem ser montadas pelos oficiais da Fortaleza que ficam posicionados em locais estratégicos, observando tudo que se movimenta fora dos domínios da Fortaleza. Estas muralhas tem três enormes portões, um ao norte que dava direto a um deserto escaldante, outro ao Sul que dava saída para as montanhas e a floresta de KiBay e outro ao oeste que dava de frente ao mar.

O castelo do Rei Demetrius Bartok ficava junto a uma das muralhas do lado oeste para dar maior proteção, porque do outro lado dela ficava um pântano que todos temiam. Todos acreditavam que ele era habitado por seres ruins, inclusive todas as estórias de terror que seus habitantes cresceram ouvindo tinha como cenário este pântano.

Haddock começou a ficar ansioso, pois escutara algumas marteladas, pois estava chegando próximo a casa do melhor ferreiro da cidade.

- Oi Aminthas Tá fazendo a minha espada especial? – disse Haddock todo empolgado para a espada em que ele estava martelando.

- Ainda não, seu pai prometeu trazer um pedaço da pedra sagrada que caiu do céu para mim hoje, e então vou aproveitar e fazê-la durante os festejos da semana que vem – disse Aminthas um homem magro de cabelos negros com algumas mechas brancas.

- Meu pai deixou tirar um pedaço dela? – Perguntou Haddock todo intrigado.

- Sim, eu disse que era para você e que ia ser um presente pela sua entrada na academia de oficiais.

- E ele mesmo sabendo que era para mim ainda deixou?

- Haddock a opinião que você tem do seu pai é muito errada.

- Não sei por que você o defende tanto, sabe se você não fosse o melhor ferreiro da cidade eu faria minha espada com outro.

- Muito obrigado, mas não estou defendendo-o, apenas temos que ser justo em nossa opinião sobre qualquer pessoa.

- Bom se depender de meu pai esta espada não sai nunca, só vendo para acreditar.

- Haddock... - disse Aminthas num tom de repreensão.

- Não quero mais falar sobre ele – disse Haddock rispidamente cortando o assunto e continuando disse:

- E os meninos?

- Que bom que perguntou. Hoje não posso levá-los na escola, você os leva para mim?

-Claro, onde estão eles?

- Clayde! Byron! Venham aqui! - gritou Aminthas.

Já dava para escutar longe os gritos dos dois brigando para ver quem chegava primeiro.

- Cheguei primeiro - Falou Clayde o mais velho de 12 anos com olhar de superioridade.

- Assim não vale, você roubou – disse Byron o menor de seis anos.

- Roubei não, você que é um lixo.

- Paiê! Ele me chamou de lixo.

- Gente eu já não falei que não quero que fiquem brigando.

- Mas ele roubou, ele disse que quem chegasse por último ganhava – insistiu Byron.

- Deixa de ser burro – disse Clayde para irritar mais ainda o irmão.

- Paiê! Ele me chamou de burro.

- Clayde eu já falei para não chamar seu irmão de burro.

- Mas ele tá mentindo...

- Chega! Eu não agüento mais, parem com isto seus moleques, vocês não estão vendo que Haddock está aqui.

- Ah! – disse Clayde com desdém.

- Oi Dock – disse Byron com um sorriso no rosto.

Meninos vão se arrumar por que ele vai levá-los para a escola.

- Legal - disse Byron já correndo para dentro da casa para se arrumar, e Clayde seguindo-o lentamente.

- Nossa estes dois não são fáceis hein?

- É, case e tenha filhos, muitos filhos – disse Aminthas em tom de ironia.

- Eu não quero ter filhos tão cedo – disse Haddock.

Neste instante sai Byron gritando – fui eu que ganhei desta vez.

Logo atrás vinha lentamente Clayde, como que não querendo chegar, despediram do pai e foram embora.

Haddock deixou os meninos na escola e seguiu para a academia militar. Hoje seria um dia especial para ele, pois era seu último dia de aula como cadete, pois ele havia passado nos testes finais para ser um oficial do exército de Kalena e na semana seguinte iria fazer parte da elite militar.

A Academia militar é um prédio bem antigo de construção sólida bem imponente.

A frente da academia é toda murada com um portão largo com duas gárgulas de Vultigrifus em sua entrada. O Vultigrifus é o símbolo da academia, e somente quem é oficial tem o direito de carregar o brasão dourado dele em seu peito.

Passando este portão é necessária uma caminhada através de jardins imensos até a chegada da entrada principal da academia.

Caminhando pelos jardins dá para ver ao lado esquerdo um pequeno campo de Tsutum, onde poderia ver alguns recrutas jogando. Este campo não é o principal da academia, que fica do outro lado.

Para se chegar à porta principal da academia é necessário subir alguns degraus de escada chegando ao salão principal. É um salão amplo onde havia a estátua do Rei Ambrosio que acabou com as grandes Guerras. Guerras que duraram centenas de anos, todas em nome da religião. Nossos reis condenavam quem não seguissem as regras religiosas. Quem não agisse igual às leis dele eram considerados hereges e passíveis de punição.

Há diversas pinturas retratando várias batalhas vencidas, que apesar de hoje todos saberem que o motivo das guerras era errado, não deixa de ser um tributo para a vitória.

O Rei Ambrosio acertou com os líderes das outras nações a não agressão mútua, trazendo a paz novamente a Kalena.

Haddock como sempre estava chegando atrasado à escola e passou direto pelo salão e abriu outra porta, que dava acesso a um corredor onde tinha vários quadros pintados com todos os líderes da Fortaleza do Centro. Ele sempre que passava por ali ficava imaginando se um dia seria um grande líder e teria um quadro seu exposto ali.

O barulho da conversa de alguns cadetes que passavam ao seu lado, o trouxe de volta a realidade e ele continuou seu caminho para a porta do outro lado que dava acesso à parte interno da academia. Ela era imensa parecia não ter fim. Bem a sua frente à direita tinha uma capela onde se realizavam missas para os cadetes, pois os vitorianos eram muito religiosos. No lado esquerdo havia uma construção de três andares em forma de “L”, todas de salas de aula, e a frente delas os campos de treinamento. Bem ao lado da porta em que se encontrava tinha uma grande escadaria que dava acesso a todos os andares de salas de aula. Imediatamente ele subiu correndo esta escada e foi direto para a parte superior onde se encontrava sua sala.

Ele correu para ainda tentar chegar na hora, mas sua sala era a última, quase que contornando toda a academia.

Tentou abrir a porta da sala bem devagarzinho para não chamar a atenção do professor Bilharinho, pois este não ia muito com a cara dele. Mas a porta era pesada e antiga rangendo no momento que forçou ela. Assim que entrou na sala de aula foi advertido pelo professor:

- Chegando atrasado de novo, aposto que estava enrolando em algum lugar por ai.

Todos na sala de aula ficaram em silêncio, pois o professor bilharinho era muito enérgico e não aceitava qualquer comentário, mesmo que fosse para apoiá-lo.

Haddock nem se abalou e encarando o professor disse:

- Professor o Senhor como sempre está fazendo um pré-julgamento de mim tirando-me o benefício da dúvida. Eu estava procurando um material que necessitava para fazer meu trabalho, material este que deveria ser fornecido pela escola.

- Então vai reclamar com seu pai, eu não gosto que ninguém se atrase em minha aula.

- Professor toda exigência tem seus direitos e deveres, então o Senhor não deve atrasar também, pois deveria chegar sempre no horário certo, pois às vezes o Senhor também atrasa.

- Moleque atrevido, achas que por ser filho do rei, podes fazer o que quiseres?

- Não Senhor, mas é que...

- Chega! Silêncio! Não quero mais ouvir a sua voz.

- Professor o senhor...

- Acho que você é surdo, já pra fora, não quero ver você aqui hoje.

Ele então foi encaminhado para a sala de recuperação encontrando lá Frigg, seu companheiro de pequenas aventuras na infância.

E então, estamos aqui de novo – disse Haddock.

- Você está tranqüilo, é filho do rei, vai virar oficial semana que vem e eu em compensação acho que não passo de hoje na academia – disse Frigg.

- Olha você é muito indisciplinado Frigg, você deveria ir com mais calma.

- Calma, olha quem está falando, o príncipe da paciência.

- Pára com isto Frigg, pára de me chamar de príncipe.

- Ora o filho do rei é o que?

- Aqui não existe este cargo, ou é rei ou não é nada.

- Eu sei disso, acho que você faria qualquer coisa para ser rei.

- O que você está querendo dizer? – disse Haddock cerrando os olhos.

- Ora seu sonho é ser rei não é?
- Não é sonho, é só questão de tempo? – disse Haddock levantando-se da cadeira.
- Agora chega – continuou Haddock – não quero mais falar disto e quando te falei para ir com mais calma, é para você parar de cutucar todo mundo com suas idéias de justiça. Você está na infantaria por que é grande e forte.
- Não se faça de rogado Haddock, você sabe muito bem que não é por causa de meu tamanho, é por que sou um Veruzi, eu não quero ser da infantaria, eu quero é ser um oficial também.
- Mas Frigg você é muito mais importante na frente de batalha.
- Que frente de batalha, não lutamos há séculos.
- Mas ninguém nos ataca por que sabem que temos um grande poderio militar.
- Haddock as únicas pessoas que nós já vimos de fora da Fortaleza são os Habitantes do Vilarejo de Ladagaz que não tem muito informação para dar, de resto só sabemos o que contam para nós, por isso eu quero ser oficial para poder olhar para fora daqui, com meus próprios olhos, não quero só ouvir falar.
- Frigg quando eu for rei vou mudar isto.
- Eu não quero esperar tanto – disse Frigg abaixando a cabeça desolado.

Haddock foi em direção a Frigg e tocou-lhe o ombro:

- Frigg eu entendo sua ansiedade, mas apenas preste bem atenção no que vou dizer, tenha paciência, que você não se arrependerá – concluiu Haddock deixando Frigg sem saber o que exatamente ele queria dizer.

Neste momento o diretor chega na sala e já vai logo dizendo a eles:

- Vocês mudaram muito, muito mesmo, mas para pior. Não sei o que está acontecendo com vocês, ultimamente só fazem coisas erradas.

- Diretor - disse Frigg

- Fique calado ainda não terminei – e continuou falando energicamente:

- Frigg você não tem jeito mesmo, mas tenho certeza que você é um problema que será resolvido hoje, mas Haddock, você é filho de Bartok, tem um nome a zelar, tem que parar com esta sua arrogância.

Haddock sentou colocando os pés em outra cadeira, fazendo que nem estava prestando atenção ao que o diretor falava. O diretor ficou morrendo de raiva, mas se conteve dizendo:

- Sabe Haddock, escreve as minhas palavras, um dia você vai se arrepender de ter este comportamento comigo.

Haddock o encarou dizendo:

- Você quem vai se arrepender, talvez mais cedo do que você imagina.

- Eu não vou mais perder meu tempo com vocês – disse o diretor virando-se para Frigg.

- Direto para a sala de audiência, pois já vai começar seu julgamento.

Assim que Frigg saiu o diretor fitou bem nos olhos de Haddock e disse:

- Sua sorte é que você é filho do rei senão...

- Senão o que? Iria me expulsar como vai fazer com o Frigg?

- Cale a boca seu moleque, ele ainda vai ser julgado.

- Todo mundo sabe que este julgamento é só para expulsá-lo da academia.

- Se repetir isto, nem seu pai vai te ajudar.

Haddock sabendo que seu pai realmente nem iria tentar ajudá-lo calou-se.

- Não tenho tempo a perder com você, pode ir embora.

Haddock saiu batendo a porta deixando o diretor com seus pensamentos. Enquanto isto Frigg entrou na sala de audiência fazendo todos virar para ele com um olhar de repreensão,

pois estava bem atrasado. Já se encontravam alguns militares antigos que dariam o veredicto e mais algumas pessoas do povo.

- Senhoras e senhores, pedimos que se levantem - disse uma voz retumbante de um militar em trajes formais.

- Anuncio agora a chegada de Zelmo, chefe da Guarda Real, diretor desta academia e o juiz nessa audiência;

Zelmo entrou todo imponente, olhando a todos com arrogância, principalmente para Frigg.

- Senhoras e senhores iremos começar o julgamento, peço a todos que façam silêncio a partir de agora – disse Zelmo.

- Hoje julgaremos o soldado Frigg que insiste em ser indisciplinado, causando muitos transtornos junto a seus superiores hierárquicos.

Zelmo deu uma pequena pausa, tomou um copo de água e perguntou a Frigg:

- Você tem algo a dizer?

- Sim meritíssimo, eu gostaria de saber por que não existe nenhum oficial descendente de Verusianos e setunianos.

- Senhor Frigg o senhor está sendo julgado por indisciplina, mas se continuar a insistir nesta sua teoria maluca de que a academia é racista, teremos que acrescentar mais alguns delitos neste julgamento, como por exemplo: difamação de uma entidade idônea e honrada que foi criada pelo rei e tiveram todas as suas diretrizes também definidas por ele. Se você questiona nossas regras, questiona a vontade do rei, e insistindo nesta teoria absurda poderá ser punido não só com sua expulsão da academia, mas também da Fortaleza do Centro.

Zelmo deu uma pequena pausa e continuou.

- Você retira o que acabou de dizer, salientando que sempre estive errado a este respeito?

Frigg sabia que o julgamento era só fachada e seria condenado, mas agora poderia ser expulso também da Fortaleza e isto o amedrontava, então disse meio sem vontade:

- Sim eu retiro o que disse e realmente sempre estive errado.

Com um olhar de vitorioso, Zelmo mandou retirar das escritas os últimos comentários e continuou o julgamento, mas somente como indisciplina.

Quando o veredicto já estava para ser proferido e a expulsão era certa, Aminthas levantou-se e disse:

- Diretor posso falar?

Aminthas fazia parte do conselho do povo e era muito respeitado e Zelmo a contragosto permitiu que ele falasse.

-Senhoras e senhores todos cometemos erros e ele é jovem, o erro faz parte de seu crescimento como pessoa, e se for expulso levará isto para o resto de sua vida. Eu peço que dêem mais outra chance para ele, tenho certeza que depois deste julgamento ele mudará.

O diretor não gostava de Frigg, mas também não queria ser taxado de linha dura, então propôs o seguinte:

-Chance, já demos muitas chances para ele, além do mais não sou eu que decido e sim o conselho militar que está aqui reunido, então eu proponho o seguinte: já que alguns aqui presentes querem que ele tenha mais uma chance, então assim seja – ele parou olhou para o conselho e continuou:

-Se os senhores me permitir, escreverei em dois pedaços de papel as palavras culpado e inocente e ele escolherá o papel e este será o veredicto final.

Todos do conselho aprovaram a idéia.

Frigg então falou:

- Quero ver você escrever os papéis!

- Vocês estão vendo a arrogância do rapaz que com certeza seria condenado, e aí então propomos mais uma chance para poder ajudá-lo e agora está questionando minha índole, eu que sempre fui muito correto.

O Conselho começou a olhar Frigg com muita desaprovação e junto com os murmúrios das pessoas, começou-se a criar um clima tenso no ambiente.

Aminthas vendo que este clima estava deixando Zelmo nervoso e com certeza não iria nem dar mais esta chance, falou:

- Desculpe por ele diretor, como disse antes ele é jovem e não tem noção do valor de sua pessoa, que tem uma índole inquestionável, e peço que desconsidere o que ele disse e continue.

Então o diretor escreveu culpado nos dois papéis e olhou para o júri, que imaginaram que ele tinha feito isto mesmo e aprovaram.

Frigg tinha certeza que ele nunca iria dar outra chance para ele, por isto com certeza ele não teria opção na escolha.

- Frigg aproxime-se e escolha seu resultado – disse Zelmo.

Quando ele aproximou-se em meio a seu desespero teve uma idéia. Pegou um dos papéis e engoliu. Todos ficaram sem entender por que ele havia feito aquilo.

- Por que você fez isto rapaz? – Perguntou o diretor – Como vamos saber o resultado?

- Abra o outro papel - Disse Frigg – o que escolhi está dentro de mim.

Revoltado por dentro, mas transparecendo uma calma inabalável, pegou o papel e o abriu para que todos vissem o que estava escrito. Ele então foi perdoado e continuou na academia.

CAPÍTULO 3

A entrega do Brasão Dourado

Finalmente chegou a semana mais esperada do ano, ou melhor, do século, inicia-se a semana da paz, a mais importante da Fortaleza do Centro, é a semana em que as pessoas se voltam para si, refletindo sobre a paz e sua grande importância, a Fortaleza conserva muitas ruínas para que todos diariamente possam ver e sentir a destruição, sofrimento e terror que a guerra pode causar nas pessoas. São monumentos conservados para que mesmo os que não participaram das guerras vissem o que verdadeiramente ela pode causar. Casas destruídas e entranhas no muro da Fortaleza são marcas vivas da tragédia que um dia assolaram aquelas terras no passado.

Todos sabem que no passado Kalena era um lugar maravilhoso com pequenas cidades habitadas por cada raça, mas apesar das diferenças culturais e físicas viviam em harmonia, um paraíso onde todos podiam circular sem nada temer, era um lugar sem muros, sem limites, a liberdade era plena, liberdade hoje que já não existe mais. Hoje ela é toda cercada por uma grande muralha, na qual é proibido sair ou entrar nela.

Apesar de a cidade ser enorme com quilômetros de extensão, ela é toda murada. A maioria diz que é para a proteção de todos. Desde que a cidade foi toda cercada por esta grande muralha, nunca mais eles foram dominados por inimigos, inimigos estes que ninguém conhece, que na verdade nem sabem se existem mesmo.

Estórias são contadas pelos poucos que tem o direito de sair ou entrar, muitas fantásticas na qual ninguém acredita, parecendo estórias de loucos ou pescadores. Estórias que são contadas de geração a geração como fábulas.

O desejo de ver realmente como é o lado de fora da Fortaleza é tão grande que acabou criando um prazer mórbido e até perverso na população, o desejo de cometer um crime, pois na Fortaleza não existe prisão, o criminoso é marcado na pele e passa a ser chamado de Málaca sendo então expulso da Fortaleza e condenado a nunca mais voltar. Mas este desejo fica contido apenas na imaginação de cada um, por que o medo do desconhecido e o receio de que as fábulas contadas possam ser realmente verdadeiras é maior dando a sensação de que estão sendo mesmo protegidos pela grandiosidade das muralhas.

Mas o dia da paz remonta para bem antes das grandes guerras, os leva a 1000 anos atrás quando um homem cruel e poderoso semeou a discórdia entre as raças deixando-as enfraquecidas e conseguindo dominá-las. Foram tempos difíceis na qual a maioria dos habitantes foram escravizados, alguns conseguiram escapar da escravidão, mas eram caçados que nem animais.

Dentre os escravizados havia um homem inconformado com aquela situação de tortura diária, vendo dia a dia as pessoas morrendo, na qual nem crianças escapavam daquele sofrimento. O nome deste homem era Palet. Ele aos poucos foi conquistando a confiança de todos e fez fazer renascer em cada um o amor próprio e onde só havia medo brotou a coragem unindo todas as raças, liderando-os em uma grande luta nas quais muitos morreram, mas libertou a todos daquela escravidão.

Esta foi a primeira luta de muitas que ainda viriam, mas na última e derradeira batalha ele caminhou com um grande exercito de todas as raças em direção a grande morada negra do tirano, chegando lá se surpreendeu ao ver que havia quatro grandes guerreiros, um de cada

raça, Katsuo da raça Harumu, o verusiano Acmon, o setuniano Akachi e Aboré da raça Apalai, travando uma luta épica com o tirano que era também conhecido como Lorde Awe. Palet então os ajudou na luta, mas Lorde Awe era muito poderoso e num momento crucial da batalha, quando tudo parecia estar perdido, Palet com a ajuda de sua espada Ellavrin conseguiu dar o golpe final em Lorde Awe trazendo a paz novamente ao reino. Mas logo após esta grande batalha, Ellavrin desapareceu. Muitas estórias são contadas sobre ela, mas nenhuma mostra seu destino.

Palet, o grande guerreiro que uniu todas as raças foi nomeado rei de Kalena e sua primeira decisão foi construir uma cidade muito maior para abrigar todas as raças. A cidade passou a ser chamada de Cidade da Vitória e com o tempo Palet mandou construir a grande muralha gigantesca que hoje cerca toda a cidade que passou a ser conhecida também como Fortaleza do Centro, pois acreditavam que ela estava exatamente no meio de Kalena.

Mas alguns anos depois estes mesmos heróis que ajudaram Palet, foram reclamando o poder para si dizendo que eles também mereciam ser rei, pois a vitória só foi conseguida graças a eles também, trazendo de volta a discórdia entre as raças. Como eles não conseguiam chegar a um acordo, cada raça migrou para um canto de Kalena, criando sua própria religião, política e organização.

Nem todos tiveram coragem de partir, permanecendo na cidade um pouco de cada raça. Então os que ficaram passaram a serem chamados de Vitorianos apesar de suas diferenças culturais e religiosas.

Dizem que a maioria conseguiu chegar até o final de sua caminhada, mas nem durante as Grandes Guerras que ocorreram séculos após o reinado de Palet, seus domínios foram encontrados. Quando as Grandes Guerras acabaram, já no reinado de Ambrósio, o

Destemido, ficou acertado que cada nação viveria em paz, sendo proibida a comunicação entre eles.

Este ano é ainda mais especial, pois é o milionésimo aniversário. Este dia comemora exatamente o dia da batalha final em que o Soberano Palet trouxe paz a Kalena. Por ter sido o dia mais importante na história de Kalena, eles criaram o calendário Vitoriano que passou a contar apartir desta data.

Há alguns anos representantes dos outros reinos começaram a manter contato com o rei Demetrius Bartok e ficou acertado que eles se encontrariam novamente durante as comemorações do milionésimo dia da paz.

Todos estavam na expectativa para saber se realmente os senhores-chefes iriam aparecer.

Questionavam tudo sobre eles, pois não sabiam como era sua aparência e costumes, pois viviam em lugares diferentes e talvez já não se parecessem iguais a seus semelhantes vitorianos.

-Haddock acorda! – disse a voz de um homem batendo na porta de seu quarto.

-Já acordei Malco.

Haddock já estava acordado há algumas horas, quase não havia dormido nesta noite, estava muito ansioso, chegara o dia que mais aguardava em sua vida. Iria ser condecorado como oficial da força real, onde poucos conseguem chegar tão longe dentro da academia. Haddock já estava vestido com a roupa da cerimônia, mas ainda estava deitado sonhando com as possibilidades que teria apartir deste dia. Para ele estava tudo maravilhoso, o dia de receber o brasão dourado, em desfilar com ele no peito e ser admirado por todos, Haddock o Grande Oficial, Senhor da Guerra em seu imponente cavalo branco e o que era melhor, iria poder sair da Fortaleza do Centro, conhecer novos lugares e realmente descobrir como era o mundo lá fora.

- Haddock levanta, seu café está na mesa!- insistiu o Senhor Malcovic.

Aquela voz o despertou de seus devaneios trazendo-o para a realidade, então abriu a porta e desceu correndo a escada circular que ligava os aposentos ao salão principal do castelo e foi direto para a sala de jantar para tomar seu café da manhã.

Era um dia ensolarado e pela janela entrava os raios solares que junto a uma brisa leve mostrava que o dia seria perfeito. A mesa estava posta, era uma mesa farta, com bolo, frutas e pães. Haddock sentou-se e como sempre tomou seu café da manhã sozinho, pois seu pai nunca o aguardava para tomarem café junto, ele até preferia assim, pois o Rei sempre o chamava de preguiçoso e desleixado.

Haddock tomou rapidamente seu café, pois estava muito ansioso, nem prestando atenção ao café especial que o Senhor Malcovic havia preparado para ele. Ele então se levantou, foi até a cozinha e que nem uma criança abriu uma grande janela e pulou-a caindo em uma marquise, indo direto para a área de treinamento, pois sabia que seu pai estaria praticando arco e flecha.

O local parecia mais um jardim do que uma área de treinamento e ficava numa parte baixa do castelo, tendo a sua direita uma cachoeira que contornava parte da área de treino, formando outra cachoeira de pequena queda que dava direto a um rio cheio de crocodilos que no final contornava todo o castelo.

- Bom Dia pai!- disse Haddock

- Quantas vezes eu vou ter que dizer que é para vir pela escada e não pular a janela da cozinha, isto dá azar, quem pula janela é ladrão.

Como sempre de mau humor, pensou Haddock.

Bartok continuou a treinar sem dar muita atenção à presença de Haddock.

- Porque não aproveita e treina um pouco – disse Bartok atirando uma flecha que atingiu o alvo que se encontrava à uns cem metros de distância.

- Não estou afim, não gosto de arco e flecha, meu negócio é com a espada.

-Então vai buscá-la e treine.

-Não preciso treinar, já sou fera – disse Haddock expressando uma autoconfiança excessiva.

Bartok não gostava quando Haddock usava este linguajar parecendo uma criança tola e irresponsável.

-Por que você nunca me escuta Haddock, um dia você pode precisar dela e não vai saber se defender.

-Pai já disse que não preciso.

-Não precisa... - disse Bartok já com a voz alterada de raiva e continuando – só por que você sempre me vence, você acha que é o melhor!

- Claro o Senhor não é o melhor da Fortaleza do Centro, depois de mim é claro - disse Haddock com certo desdém.

-Não, eu nunca disse que era o melhor, muito pelo contrário.

-Pai nós vivemos em paz há muito tempo, eu sou o futuro rei, os povos estão se aproximando novamente e eu já disse que sou bom com a espada.

-Um dia quando precisar não vai dizer que não te avisei.

Nossa sempre a mesma ladainha, pensou Haddock já virando para ir embora.

-Aonde você vai Haddock?

- Se o Senhor não sabe, hoje é a solenidade de entrega do Brasão dourado e já estou atrasado.

-Eu estou sabendo, mas antes quero lhe falar sobre seu comportamento na escola.

-De novo, eu não agüento mais este papo de que é melhor para mim, que quanto mais conhecimento é melhor, que quem ganha com isto é eu e não você e blá, blá, blá...

-Haddock mais respeito, você esta falando com seu pai.

- hoje é um dia muito importante para mim, por que você não pára de só ver os meus defeitos e também vê alguma coisa de bom em mim.

- O que... O brasão dourado? Que mesmo se não fizesse nada iria ganhar de qualquer jeito por ser meu filho – Bartok continuou cada vez mais alterando a voz – o que você fez para merecê-lo?

- Muita coisa! – disse já irritado Haddock.

- Ah realmente eu havia me esquecido - já com uma voz de deboche – matar aula, chegar atrasado à academia, ser expulso da aula, desenhar e conversar na sala de aula e fechando com chave de ouro desrespeitar o professor na frente de todos os outros alunos.

Haddock ficou morrendo de raiva, queria dizer um monte de coisas para seu pai, mas sabia que não tinha argumentos e mesmo se o tivesse seu pai não entenderia, então optou em ficar calado e dando as costas para o rei disse:

- Estou indo embora e se não quiser aparecer na solenidade de entrega do brasão dourado não precisa, para mim tanto faz, pois tenho certeza que não estava em seus planos mesmo, para não passar mais vergonha de ver um filho incompetente receber um brasão sem merecimento.

Haddock no fundo estava muito angustiado, pois queria agradar seu pai, mas no final sempre acabavam brigando e por mais que tentasse melhorar o relacionamento entre eles, acabava acontecendo algo que fazia com que desse tudo errado. Haddock sabia que seu pai era um homem amargurado e no fundo sentia que era o culpado do rancor de seu pai, que se ele não tivesse nascido seu pai seria um homem feliz.

De repente Haddock escutou um movimento estranho vindo da mata que ficava junto à cachoeira. Olhou para trás e viu um crocodilo saindo do meio da folhagem indo na direção de seu pai.

- Pai, pai – saiu gritando para chamar a atenção de Bartok.

Bartok olhou na direção que Haddock apontava e viu o crocodilo indo à sua direção.

Ele ficou imobilizado ao ver o crocodilo e não expressou qualquer reação.

Haddock começou a fazer barulho para chamar a atenção do crocodilo, pois sabia que seu pai morria de medo deles, era estranho ver aquele homem forte, que possuía grande destreza no manejo da espada e do arco e flecha ficar impotente perante aquele animal. O barulho deu certo e chamou a atenção também dos guardas reais que estavam em suas guaritas que correram rapidamente e conseguiram impedir que o crocodilo chegasse próximo do rei.

O rei olhou para Haddock não com olhar de agradecimento, e sim com certo rancor, como se aquele crocodilo estava ali de propósito para mostrar uma fraqueza dele. Ele retornou ao seu treinamento como se nada havia acontecido e Haddock foi embora ainda mais cabisbaixo, pensando que mesmo quando quer ajudar faz a coisa errada.

- Haddock! Vamos logo, nós vamos acabar chegando atrasado - era a voz de seu amigo Frigg aguardando ele no topo da escadaria.

Eles então foram correndo até a academia para participarem das solenidades, chegando em cima da hora. Frigg se juntou à platéia e Haddock se juntou aos outros dois cadetes que também iriam se tornar oficiais.

- Senhoras e senhores aqui presentes - Começou a discursar Zelmo o diretor da academia - em primeiro lugar gostaria de agradecer a todos por sua presença, mas agora peço sua

atenção e silêncio, pois iremos começar a solenidade de entrega do brasão dourado que é um dos momentos mais importantes desta instituição. Gostaria de lembrar a todos o significado do brasão dourado, e para isto devo contar porque ele foi instituído em nossa academia. Há muito tempo atrás durante as grandes guerras, os Vultigrifus que hoje ajudam na defesa de nossa fortaleza e são utilizados por nossos oficiais mais graduados são animais lendários de instinto benéfico que aliado ao seu comandante consegue mesmo em situações de difíceis interpretações diferenciarem o certo do errado, mas naquela época eram muito selvagens e ninguém conseguia sequer se aproximar de um deles.

Mas foi o nosso Grande líder, o Rei Ambrosio que domesticou o primeiro Vultigrifus, mas não qualquer um e sim o Vultigrifus Dourado, o maior e líder de todos e durante a batalha do monte Shii ele apareceu montado nele cortando o céu em um entardecer avermelhado, na qual por um breve instante todos olharam para o céu e viram aquela ave maravilhosa sendo montada por um cavaleiro destemido.

Todos ali no campo de batalha sabiam que o Vultigrifus nunca se dobra a um homem, mas se isso um dia viesse a acontecer, com certeza seria para um nobre abençoado.

Ele do alto dos céus gritou:

- “Basta com esta guerra, não podemos mais nos permitir aceitar esta carnificina de nossos semelhantes, a paz se faz necessária. Todos nós lutamos por um motivo errado, todos sabem disto. Todos têm uma família que nos espera, que neste momento esta sofrendo por nós. Peço a todos que baixem as armas”.

Todos olhavam para aquele homem sobrevoando o campo de batalha com a certeza que era um homem iluminado e que os deuses estavam a seu lado. E naquele entardecer do ano de 600 a batalha parou definitivamente fazendo todos recuarem. As únicas coisas que vinha na mente de todos eram seus entes queridos e a certeza que estavam lutando por um motivo

errado baixando as armas. Dali em diante começou as negociações e todos os reinos foram se curvando à paz e hoje vivemos em harmonia com todos os povos de Kalena e que nesta semana durante os festejos, teremos a grande oportunidade de nos juntarmos novamente igual há mil anos quando todos os povos eram unidos em um único lugar.

Então o brasão, que é uma replica da asa de um Vultigrifus dourado simboliza a paz que deve ser buscado a todo custo pelo portador dele. Então hoje estamos elevando mais três jovens ao nível de oficiais na esperança de que eles mantenham a paz em nossos domínios.

Peço que os cadetes se levantem e se apresentem.

Os cadetes caminharam em direção a um tablado montado bem em frente, subindo uma pequena escada, deixando-os à frente de todos os presentes. A platéia se levantou reverenciando-os.

Enquanto o diretor chamava o primeiro cadete para entregar-lhe o brasão e a platéia animada aplaudia, Haddock estava preocupado, pois seu pai ainda não havia chegado, e seria estranho, não porque ele era seu pai, pois ele não esperaria nada de diferente disto, mas por que ele sempre participou deste evento e sempre fez questão de conhecer todos os oficiais do reino. Haddock já estava suando frio, pois tinha certeza que ele ainda ia dizer que perdeu pela primeira vez a solenidade por causa dele. Em seguida Zelmo chamou o segundo cadete, e todos novamente aplaudiram, deixando Haddock cada vez mais preocupado, pois estava chegando a sua vez.

Quando chegou a vez de Haddock foi muito estranho, pois ninguém aplaudiu, fazendo um silêncio constrangedor, pois o rei nunca faltara a uma cerimônia, dando a sensação de que não aprovava a condecoração de seu filho. Apesar do silêncio Haddock caminhou até o tablado, que a cada passo fazia a madeira fazer um barulho que ecoava pela ambiente silencioso. Mas no instante que ele recebeu o brasão dourado o ferreiro Aminthas levantou

e começou a bater palmas, sendo seguido por Frigg e com isto um a um foi batendo palmas até que a capela inteira o aplaudia.

Ao término da solenidade quando todos já estavam saindo, escutaram o som alto dos dois sinos gigantes da capela central que em tempo de guerra só era utilizado para avisar sobre algum perigo iminente, mas hoje estava sendo usado para avisar sobre uma chegada, mas não de um inimigo e sim da primeira comitiva, aquela que iria dar início à paz definitiva.

Ao mesmo tempo, espalhados por toda a Fortaleza do Centro estavam sobrevoando vários oficiais com seus vultigrifus, portando uma enorme bandeira azul e uma pequena corneta que ampliava a sua voz - A Comitiva do oeste, da raça Apalai está chegando.

Todos começaram a correr na ansiedade de conhecer os outros povos, queriam saber notícias do mundo exterior, ver se ainda eram iguais a eles, se com o tempo eles mudaram muito, se ainda poderiam chamá-los de irmãos, eram muitos questionamentos que estavam próximos de ser respondidos.

Em um lugar de destaques estava os descendentes desta raça vestidos com uma túnica azul para poder recepcioná-los, para mostrar que lá também era a casa deles. Houve aglomeração da população próxima ao grande portão oeste da cidade. Bem à frente do portão havia uma nave central arredondada, onde estava o rei e seus convidados na espera de seus futuros aliados.

O rei era constantemente informado sobre a movimentação dos Apalai, que chegaram em várias embarcações, protegendo a principal que era a mais imponente e que provavelmente deveria estar trazendo seu líder Osíris, o Senhor do Oeste. Ao lado das embarcações verificaram que havia seres acompanhando-os, mas não conseguiam divisar o que eram realmente, mas que sumiram ao se aproximarem da praia. A grande embarcação

aproximou-se o máximo possível da praia, e com isto a parte frontal do navio abriu-se como uma ponte elevadiça encostando na areia. Vários homens e mulheres desceram montados a cavalo e seguiram em direção ao portão da Fortaleza do Centro.

A extensão era grande a ser percorrida, mas a população não arredou o pé do lugar. Algumas horas após soou as trombetas na qual o guarda que estava em cima da muralha ordenou:

- **Abram os portões** - gritou ele muito nervosamente.

- **A comitiva do Oeste chegou**

O portão era tão grande e pesado que eram necessários mais de 200 homens para abri-lo.

Foi maravilhoso quando a comitiva foi entrando, o visual deles aliado a imagem de fora da Fortaleza do Centro, deixou todos em transe, pois havia muito tempo que o portão não era aberto, tinha pessoas que nunca havia visto a parte externa, todos olhavam boquiabertos, aqueles cavaleiros com a parte de fora da fortaleza lhe fazendo um fundo colorido parecendo um quadro pintado, mas infelizmente assim que eles entraram o portão foi fechado imediatamente. Agora todos viraram seus olhares para a comitiva do oeste, pessoas com pele extremamente branca e lisa, seus cabelos eram brancos e dourados, e apesar de haver descendentes deles ali, eles eram diferentes, pareciam que tinham uma aura em seus corpos, eles eram mais fortes que seus semelhantes vitorianos; Seus olhos eram coloridos, sim se juntasse a cor dos olhos deles dava para montar um arco íris, mas não um arco íris comum, um com muito mais cores. Eles transpiravam energia, uma força diferente e indescritível. Eles vinham eretos em seus enormes cavalos tendo Osiris, o senhor do Oeste à frente e ao seu lado vinha lhe acompanhando de perto, seus filhos Salmon e Eletra. Haddock a observava, que apesar da distância ele parecia hipnotizado pelos olhos lilás dela.

Eles trajavam umas roupas totalmente diferentes dos vitorianos; Usavam uma calça de pele de animal com uma tonalidade marrom, uma blusa sem manga, com umas cordas em tranças no peito, usava também uma luva que cobria metade do braço com pequenas barbatanas deixando apenas parte dos dedos de fora. Apesar de ser de pele, dava para ver que eram leves que com certeza não atrapalharia sua agilidade no movimento. Eletra ainda portava duas grandes adagas presas em um cinto com fivela prata. Ela usava também uma bota que ia até o joelho que junto com sua roupa colante, dava para ver que seu corpo era perfeito e apesar de ter os músculos bem definidos não lhe tiravam a feminilidade.

Eles foram primeiro na direção de seu povo da raça Apalai que os estavam aguardando.

Osíris desceu de seu cavalo e cumprimentou todos que estavam a frente um a um, gesto também repetido pelos seus filhos.

Eles então retornaram a seus cavalos e caminharam em direção a plataforma onde se encontrava Bartok.

Bartok levantou o braço para que todos ficassem em silêncio e então saudou Osíris e o chamou a se juntar a ele.

Osíris subiu junto com seus filhos uma escada lateral e foi de encontro a Bartok; Cumprimentaram-se de uma maneira informal com apenas um aperto de mão. Enquanto os dois estavam conversando, Haddock não conseguia parar de olhar Eletra, mas ela sempre ao lado de Osíris não lhe dava a menor atenção. Ele então se aproximou dela e meio sem jeito a cumprimentou:

- Tudo bem? Meu nome é Haddock, sou filho de Bartok.

- Prazer, meu nome é Eletra, filha de Osíris.

Os dois então ficaram calados, um olhando para o outro, sem falar mais nada, fazendo o clima ficar meio constrangedor, pois não conseguiam encontrar um assunto que pudessem falar para quebrar o gelo.

Neste momento Bartok e Osíris caminham até a ponta da plataforma e Bartok começou a falar:

- Caros vitorianos e em especial os descendentes dos Apalai, hoje começa uma nova era, é a concretização da paz, é a verdadeira aproximação dos povos de Kalena, aqui na frente de todos estão Osíris, descendente de Aboré, junto com seus filhos Salmon e Eletra, para selar definitivamente a nossa união. Peço a todos que os saúdam.

Com isto o povo começou a gritar a palavra paz intercalada com viva Osíris o Senhor do Oeste. Todas as crianças que estavam presentes abanavam bandeirolas com o símbolo de cada povo unido por um grande elo.

A multidão continuou em festas juntando aos soldados da primeira raça a chegar e enquanto isto, Bartok, Osíris e seus filhos caminharam em direção ao castelo.

Algumas horas mais tarde Haddock vendo que seu pai estava novamente treinando arco e flecha foi ao seu encontro.

- Por que o Senhor não foi na minha formatura? – falou cabisbaixo já esperando algumas palavras rudes.

- Desculpe filho, queria muito ir, mas no momento que estava me dirigindo à academia fui informado da chegada de Osíris e precisava acompanhar tudo para ver se estava de acordo com o que mandei executar.

- O Senhor já reparou que sempre tem algo mais importante a ser feito, parece que tudo é mais importante do que eu – Haddock continuou com a cabeça baixa demonstrando certa fragilidade.

- Não tem nada a ver com você Haddock, mas você tem que entender que existem coisas mais importantes do que nós, e este ano pode ser o ano mais importante de nossas vidas.

- Já sei, a união de todos os povos, a plena paz, blá blá blá...- já dando as costas para o pai.

- Não filho, tem muito mais do que você possa imaginar.

- O que?- Disse Haddock com um olhar penetrante de raiva.

- Você ainda não tem idade para saber certas coisas.

- Já imaginava uma resposta parecida com esta.

Bartok vendo que Haddock estava muito desanimado o desafiou para um combate

- Haddock, que tal fazermos um duelo de espadas para comemorar seu Brasão dourado.

Apesar de estar com muita raiva de seu pai, virou meio constrangido, mas feliz, pois era tão raro seu pai lhe dar atenção que ele estufou o peito permanecendo em posição de combate aguardando a iniciativa de seu pai.

Eles começaram a duelar, fazendo com que todos os serviçais e guardas os observassem, pois era maravilhoso vê-los, pois eram excelentes esgrimistas, pareciam estar dançando, tamanha a habilidade dos dois.

Haddock admirava muito seu pai, mas ele sempre jogava o corpo de uma maneira diferente sempre que ia dar de frente com a espada, ele torcia o centro do corpo que o deixava vulnerável. Haddock sempre dizia a ele que era para ele treinar, mas ele justificava que não adiantava que era a formação de seu corpo que não o deixava fazer direito aquele movimento, mas Haddock sabia que era desculpa, pois era sempre naquele movimento que Haddock o derrotava.

Acabado o duelo, Haddock o cumprimentou bem formalmente com as mãos, mas foi puxado pelo pai que lhe deu um abraço. Não foi um abraço comum, foi um abraço de pai, carinhoso e apesar de ser um homem grande e forte ele sentiu ternura. Quando terminou o abraço o rei disse:

-Haddock sei que não sou um bom pai, tantas coisas aconteceram para mim que acho que endureceu meu ser, mas quero que você seja forte, digno de ser meu sucessor.

-Pai eu sou bem mais forte do que você possa imaginar e com o tempo tenho certeza que serei tão bom quanto o senhor.

-Tempo – Bartok deu uma pequena pausa e continuou – Haddock, o tempo é mutável, há situações que podem encurtar ou alongar este tempo, por isto não devemos esperar pelo amanhã, para começarmos algo que possamos fazer hoje. O futuro é um mistério, mas o hoje está sobre nosso controle, então escuta o que eu digo, comece a se preparar melhor em tudo, pois nunca sabemos como iremos acordar no dia seguinte.

Haddock notou um olhar diferente em seu pai, parecia que ele pressentia algo, mas não disse nada, pois sabia que era besteira, talvez porque nunca tinha visto o rei tão parecido com a figura de um pai, aquela figura que ele sempre procurou nele e nunca havia encontrado.

Bartok continuou a treinar enquanto Haddock ia embora com uma sensação boa e de alegria misturada com uma sensação estranha de dúvida misturada com temor.

CAPÍTULO 4

A chegada dos Setúniás e o jogo de Tsu-tsu

-Haddock você está acordado? – perguntou Frigg em meio à penumbra do quarto.

-Como é que alguém consegue dormir com você no mesmo quarto, você ronca que nem um porco - disse Haddock mal humorado.

-Não vem com esta não, você que me chamou para dormir aqui.

- É verdade, e sempre me arrependo amargamente.

Frigg abriu a janela e viu o céu adquirindo uma tonalidade mais clara indicando que estava para amanhecer o dia. Então eles se vestiram e foram direto para a cozinha onde os empregados já estavam trabalhando.

Haddock já havia dito que ia acordar mais cedo naquele dia, então o café deles já estava pronto e posto na mesa.

Depois de tomarem o café eles foram para o Coliseu onde já se encontrava o restante da equipe.

Hoje era o dia da grande partida de Tsu-tsu que é o esporte preferido dos Vitorianos. É o evento mais importante deste dia.

O jogo será realizado no coliseu da Ilha, que é o maior estádio da Fortaleza do Centro e como seu próprio nome diz, é todo contornado por água. Têm-se três acessos a ela, duas pequenas pontes, uma pelo sul, que é a área nobre da fortaleza e outra a leste que dá acesso ao castelo do rei. Ao norte tem a terceira ponte que é gigantesca se comparada com as outras; Ela é maior porque é a que dá acesso para a grande maioria da população.

O jogo comemorativo dos 1000 anos será entre os militares veteranos, que nunca perderam um único jogo e a equipe da academia, a dos cadetes. A torcida estava ansiosa, pois no ano passado, a equipe veterana quase perdeu pela primeira vez, levando todos a crer que este com certeza seria o jogo do século.

Haddock é um dos batedores da equipe dos cadetes e estava ansioso, pois no ano anterior eles perderam por pouco e ele não queria perder neste ano, queria mostrar na frente de Osíris o Senhor do Oeste, o único líder que já se encontrava na Fortaleza do Centro, seu valor, e com certeza seu pai se orgulharia em dizer a ele: - Este é meu filho.

Frigg, que jogava na posição de zagueiro devido ao seu tamanho, também queria muito ganhar este jogo, pois sabia que ficaria famoso e entraria na história do esporte e quem sabe poderia ajudá-lo a entrar no exercito de Kalena, mas não como um simples soldado da infantaria, mas como um oficial, e não um oficial qualquer e sim o primeiro oficial verusiano.

Quando eles estavam se aquecendo, aproximou-se deles um homem mais alto que Frigg, era Icerock o outro zagueiro da raça Veruzi, a mesma de Frigg. Ele não gostava de Haddock e vivia provocando-o:

- E aí mané, vai entregar o jogo desta vez também?- disse em tom de desafio para Haddock

- Não perturba cara, eu não entreguei nada.

-Não entregou..- disse Icerock começando a dar uma risada forçada – quem foi que fez aquela besteira no último jogo?

- Aquela besteira, era uma jogada estratégica, a única chance que poderia nos dar a vitória, mas nunca esperei que você entendesse, porque você é muito burro. Às vezes penso como é que você consegue amarrar seu sapato sozinho.

-Você tá me chamando de burro?

- Além de burro é surdo!

Icerock partiu em direção a Haddock, mas foi impedido por Frigg.

- E aí seu babaca, até quando vai ficar protegendo seu amiguinho?

- Eu não preciso de ajuda contra você seu grandão desmiolado! – disse Haddock partindo para cima dele, e sendo também impedido por Frigg. Frigg ficou entre eles, pois sabia que iria ser um massacre, por que até ele que era bem maior que Haddock iria apanhar daquele cara, que era um dos maiores verusianos da Fortaleza do Centro.

Neste instante entrou o comandante e técnico da equipe, e com isto todos disfarçaram e sentaram bem quietinhos no banco, pois se o técnico visse qualquer briga ali, todos seriam punidos e poderiam até não jogar a grande partida.

O técnico fez uma pequena preleção e colocou todos para treinar. Eles treinaram até as duas da tarde e apesar do jogo estar marcado para iniciar às 4 horas, as pessoas já estavam começando a chegar. O coliseu da ilha é gigantesco com capacidade para mais de 200 mil pessoas, mas todos achavam que o estádio iria ser pequeno no dia de hoje, pois tinha muitas pessoas que queriam ver este jogo. Até as mulheres que achavam o jogo violento demais, estavam ansiosas para ver.

Quando faltavam poucos instantes para o início da partida o técnico reuniu toda a equipe no vestiário.

- Nunca vi este coliseu tão cheio – disse Frigg com uma certa emoção.

- É – Disse Haddock com ar meio absorto.

- O que houve? – perguntou Frigg já percebendo um ar de preocupação em Haddock.

- Não sei, eu faço as coisas para mostrar para meu pai, mas acaba sempre dando tudo errado.

- Talvez este seja o seu problema.

- Como assim?

- Por que você não pensa menos no que seu pai gostaria e mais no que você quer.

- Eu não consigo, parece que minha motivação é agradá-lo, como se eu pudesse acabar com a tristeza dele.

- Pára de se sentir culpado – disse Frigg que no momento foi interrompido pela fala do técnico:

- Atenção equipe! Daqui a pouco vamos entrar e precisamos vencer desta vez, lembrem-se do jogo anterior, pela primeira vez tivemos uma chance real de vencer, mas infelizmente não aconteceu, mas valeu como experiência, mas agora é outro jogo, outras condições e nós estamos mais bem preparados desta vez, então se concentrem e vamos caminhar para a vitória – o técnico disse isso indicando a escadaria que dava acesso ao campo, mandando eles seguirem em frente.

Conforme eles iam subindo as escadarias o sol batia-lhes no rosto indicando um dia aberto e bonito que em suas mentes só poderia indicar uma grande vitória. Eles sabiam que não ia ser fácil, pois os melhores jogadores estavam na outra equipe, mas eles eram jovens e treinaram o ano todo só para este jogo, coisa que a outra equipe não fazia, devido a grande confiança que eles tinham neles mesmo.

A torcida dividida ao meio explode em gritaria ao vê-los entrando, era só alegria.

Tsu-Tsu é um esporte violento, parecido com um campo de batalha, na qual cada equipe tem 27 jogadores sendo 10 corredores que usam armaduras mais leve, tendo como função proteger os 5 sacadores que portam também bastões que servem para se defender e marcar o goldgol que dobra os pontos que no momento a equipe estiver e os 4 dianteiros que são os responsáveis para marcar os pontos. Complementando a equipe, tem os 8 zagueiros responsáveis pela defesa, são formados por jogadores da raça Veruzi por serem grandes,

eles usam escudos e armaduras mais fortes. O campo é dividido no meio e no final de cada lado tem um paredão com cinco buracos esféricos com dimensões diferentes, valendo mais pontos se colocar a bola em buracos menores e bem acima destes buracos a uns nove metros de altura tem um aro que sempre que acertado dobra os pontos que a equipe tem.

Ele é jogado com cinco bolas de couro e só pode ser jogado com os pés.

Os sacadores usam bastão que podem tocar na bola para marcar pontos e bater nos adversários. Os zagueiros são os únicos que usam armaduras e só podem ficar no campo de defesa.

Se algum jogador colocar a mão na bola vai para a tranca (prisão) durante algum tempo.

O jogo acaba quando a ampulheta terminar ou se tiver menos de 10 jogadores em campo. O vencedor é a equipe que tiver mais pontos.

Cada equipe se posiciona em um lado do campo uma de frente a outra. Os jogadores mais novos reverenciam a outra equipe, pois do outro lado estão nada menos do que os maiores guerreiros da Fortaleza do Centro. O capitão Tovar da raça Apalai, é sem dúvida o maior estrategista da equipe, seguido de Rufino, mais conhecido como muralha, pois é muito difícil passar por ele. E tem também, Dionísio, um homem negro e alto, que detém o recorde de pontuação em um único jogo. Há vários ícones em suas posições, mas apesar do respeito, eles sabem que podem vencê-los, mesmo sendo uma possibilidade remota.

Assim que é escolhida a equipe que iniciará a partida, todos se posicionam encarando cada um o seu adversário. A torcida estava num total silêncio que foi quebrado no momento que soa o apito inicial. Parece um verdadeiro campo de batalha, mas a habilidade de um jogador ultrapassando um possível golpe de força bruta, esgueirando-se com tamanha agilidade, torna o jogo bonito de se ver, apesar de sangrento quando um golpe é acertado em cheio em um adversário.

Em poucos minutos os militares veteranos já mostravam a sua superioridade, já vencendo por 3 x 0, com três pontos marcados por Dionísio. O Técnico da equipe dos cadetes Tovar Jr vendo que se continuasse nesse ritmo iria ser um massacre, pediu tempo para reorganizar a equipe. Disse-lhe que o flanco esquerdo estava mais fácil de penetrar, pois notara que o zagueiro dali estava muito lento. Passou para a equipe uma estratégia nova que foi executada com maestria por Haddock originando dois pontos em uma única jogada, equilibrando a partida. No momento em que a torcida e os jogadores ainda estavam comemorando o gol, o badalo da capela voltou a tocar levando todos no coliseu a fazer silêncio e instante depois passa novamente um cavaleiro montado em seu vultigrifus anunciando que a comitiva do sul dos Setúnias estava chegando.

Os jogadores e torcida, não sabiam se tinham gostado ou não da chegada da nova comitiva na cidade, pois queriam muito ver o jogo, mas a ansiedade de poderem ver outras pessoas de fora da Fortaleza superou a frustração do término antecipado do jogo.

Apesar de ter se passado pouco tempo, já havia vários feridos em campo.

- Salvo pelo gongo - disse Icerock para Haddock.

- Porque você diz isso? – falou Haddock.

- Por que não deu tempo de fazer besteiras desta vez.

Neste instante Frigg puxou Haddock, pois via que aquilo ia longe.

A população e os jogadores começaram a sair do coliseu às pressas para poder ver os novos visitantes.

Os Vitorianos da Raça Setuniense vestidos com túnicas vermelhas já estavam na mesma plataforma que no dia anterior fora reservado à raça dos Apalai.

Como se tivessem calculado no relógio, exatamente quando todos já estavam posicionados, inclusive o rei Bartok, os portões começaram a se abrir. A ansiedade era imensa, pois além

de verem novamente a paisagem de fora da Fortaleza, esta era a comitiva mais esperada, porque eles vinham da terra do fogo e alguns viajantes que lá estiveram diziam que eles montavam dragões, era uma curiosidade quase infantil, por que no fundo todos sabiam que dragões não existiam, que eram apenas estórias; Houve até apostas de que eles viriam montados em alguns, tanto que muitos ficavam olhando para o céu na esperança de vê-los sobrevoando a Fortaleza. Assim quando eles entraram com Tafari à frente e tendo ao seu lado sua filha Thema, todos ficaram surpresos e um pouco desapontados, pois não tinha dragão nenhum, mas sim alguns leões que não estavam presos, criando certo temor entre a população, mas eles caminhavam imponentes sem se abalarem com os murmúrios da população. A raça Setuniense era fácil a sua identificação, pois eram negros. Thema se destacava, não só por ser filha do Senhor do Sul, mas por ser uma morena linda de olhos negros e tinha um corpo perfeito e esguio. Logo atrás vinha outra mulher montada em um cavalo negro, que parecia chefiar os soldados que a acompanhavam de perto. Ela usava uma armadura maravilhosa, tinha um tom azulado e parecia imitar a pele de um dragão. Quase não dava para ver que ela portava uma espada, pois o acabamento da luva era igual ao punho da espada. Quando eles pararam, ela desceu do cavalo, mostrando que seu sapato era a extensão de sua armadura e tinha um pequeno salto deixando-a mais imponente. Com certeza ela era a chefe da guarda, pois quando desceu de seu cavalo, portando agora seu arco e flecha na mão, olhou para os soldados e os orientou a descer da montaria e a se posicionarem ao redor de tafari, como que o protegendo. Eles olharam estranhamente para seus semelhantes vitorianos, como que os repreendendo por estarem ali, trazendo um desconforto a todos. Eles então começaram a movimentar os arcos como se estivessem em posição de ataque, fazendo com que a guarda real ficassem em estado de alerta com seus escudos e espadas e fazendo todos acreditarem que estavam ali, não para festejarem a paz e

sim para começar uma guerra. Bartok vendo que o clima estava tenso levantou a mão e mandou seus guardas saírem do estado de alerta.

Tafari começou a movimentar sua mão e os arqueiros começaram a se movimentar exatamente igual ao movimento da mão dele com movimentos precisos. Ele então com o olhar passou o comando para a comandante desconhecida que continuou com o movimento sincronizado com os arqueiros. Ela parecia estudar o ambiente, quando de repente ela ordenou que os arqueiros atirassem para o alto, ocasionando um pequeno tumulto nas pessoas, nisto um dos leões partiu em direção a uma das rampas e as flechas foram atingindo uma a uma os degraus da outra rampa para bloqueá-la. Começou um tumulto generalizado e pessoas saíram correndo com medo do leão fazendo com que a guarda real ficasse indecisa em qual ação tomar, a de contra atacar ou esperar uma decisão de Bartok. O tumulto durou alguns segundos, mas quando todos olharam na direção do rei Bartok viram a comandante posicionada ao lado dele. A guarda então concluiu que tudo não passava de uma distração e todos correram em direção a ela, com as espadas em punho. Ninguém havia percebido que ela estava com uma adaga cutucando as costas do rei e sussurrando em seu ouvido – “Nosso rei quer acreditar em vocês, mas é o acordo de 1000 anos atrás que o trouxe aqui. Ao menor erro seu, eu estarei ao seu lado novamente, mas não para conversar”.

Bartok vendo o desespero de sua guarda real fez apenas um gesto mostrando que estava tudo bem e depois bateu palmas para os visitantes, dando a crer que foi apenas uma demonstração de sua agilidade e precisão.

CAPÍTULO 5

Os Verusianos

Mais um dia estava iniciando, um dia como outro qualquer, muito quente, céu aberto e sem nuvens, mas com um calor ameno, pois a Fortaleza do Centro era bem arborizada e tinha um vento constante que mantinha a cidade com uma temperatura gostosa.

A Zona norte da cidade era um pouco mais quente, que era onde viviam os verusianos da Fortaleza. Hoje eles estavam muito felizes, pois a única comitiva que havia avisado com antecedência o dia exato de sua chegada era a do Norte, a dos Verusianos e para completar a euforia, foi a única comitiva que fez questão em se hospedar junto com seus semelhantes, mesmo sabendo que os Verusianos era a raça mais pobre da Cidade da Vitória.

Eles estavam enfeitando todo o local com faixas e bandeirolas de boas vindas. Limparam todas as ruas e reformaram a única estalagem descente que ali existia, pois era ali que a comitiva iria se hospedar.

Quase que de hora em hora os comandantes sobrevoavam a Fortaleza avisando a posição que a comitiva se encontrava, pois se estivessem atrasados nos preparativos conseguiriam adiantar para que nada saísse errado.

A raça Veruzi é a mesma de Frigg e era composto de pessoas altas, bem maiores que o normal dos Vitorianos, tinha em média 2,5 metros e os mais fortes chegavam a quase 3 metros de altura.

Apesar de serem pessoas rudes, eles são muito festeiros, gostam muito de beber e dançar. Eles são cautelosos e persistentes e adoram trabalhos rudimentares. Eles têm uma audição

muito boa, bem acima da média e são muito fortes, fazendo com que a força bruta seja sua característica principal.

Eles são agricultores e criadores de cabras e vacas, mas o que gostam mesmo é a mineração, eles quando estão dentro de uma caverna se sentem em casa. Alguns chegam a passar meses dentro de uma caverna.

Suas residências são feitas de pedra bruta, por que eles têm uma verdadeira adoração pela terra, e o contato com ela é quase uma questão de sobrevivência, a terra fornece toda a energia para eles.

Novamente os vários comandantes montados em seus Vultigrifus estavam sobrevoando a Fortaleza do Centro anunciando que a comitiva do Norte já estava bem próxima da grande muralha.

Assim que terminaram toda a arrumação, eles se organizaram e foram para a plataforma central na qual hoje estava reservada a eles.

A trombeta e os sinos voltaram a tocar pela terceira vez naquela semana e o portão se abriu para o deleite de sua população.

A comitiva foi entrando liderada por Marduk, um homem bem forte e maior que a estatura média de seus liderados. Frigg estava postado bem à frente vestindo uma túnica verde querendo ver bem de perto Marduk o Senhor do Norte, ele buscava alguma semelhança física entre eles, pois sua mãe vivia dizendo que ele era descendente da família real, mas no fundo sabia que era bobagem, pois ele era de uma das famílias mais pobres de sua raça, e tinha que trabalhar muito na lavoura para garantir a comida de cada dia. Fazia o serviço militar na esperança de mudar o destino que foi reservado para ele, mas estava difícil, pois sua raça só era permitida chegar até soldado, e o soldo era o mais baixo, mas era uma tradição que ele já havia tentado quebrar, mas quase lhe rendeu sua expulsão da Fortaleza.

Frigg observava cada detalhe e reparou que eles eram mais fortes do que os verusianos da Fortaleza do Centro, até ali nenhuma novidade, pois todos as que já haviam chegado, demonstrava mais força do que os da Fortaleza, isto o levava a pensar que tinha algo de diferente lá fora, algo que os tornava mais fortes. Eles estavam vestidos com peles de animais e suas armas mais pareciam instrumentos de trabalho, como machados e martelos; A maioria deles caminhava a pé e tendo Marduk em cima de um animal que parecia uma mistura de búfalo com boi e era muito peludo e grande e com certeza forte, senão não suportaria aquele peso todo. A maioria usava barba e tinham muitos capacetes diferentes, pareciam se identificar com eles.

Eles primeiro foram em direção dos Verusianos da Fortaleza do Centro e ao se aproximar Marduk olhou para todos com um sorriso no rosto e fixou mais tempo em Frigg, fazendo questão em abraçá-lo primeiro.

Apesar de serem corpulentos, eram bem amistosos e logo ao lado de Marduk veio um rapaz também na direção de Frigg e se identificou como Teodoro filho de Marduk.

Depois de uma breve conversa entre eles, Marduk caminhou em direção Bartok e o cumprimentou solenemente dizendo:

- Meu pai sempre sonhou com este momento, mas sabia que não iria realizar. Este sonho foi compartilhado comigo e passou a ser o meu sonho também. Ele dizia que somente eu poderia realizá-lo e hoje entendo o motivo, mas não posso deixar de homenageá-lo olhando para os céus e dizendo, conseguimos pai.

-Marduk – disse o rei Bartok – Tive pouco contato com seu pai e somente através de cartas, mas tenho certeza que ele era uma pessoa boa como você é. Hoje é um dia muito especial e devemos aproveitá-lo ao máximo e espero que sua estadia conosco seja realizadora.

Bartok reverenciou Marduk e com isto a população ali presente começou a gritar paz, paz para todos nós.

Marduk então desceu da rampa indo à direção dos Verusianos que estavam se confraternizando e junto a eles se dirigiu à Zona Norte.

Eles pareciam velhos amigos tamanhos o entrosamento entre eles.

- Nossa como eu esperava por este dia – disse Frigg empolgado para Teodoro.

- Eu também, mas meu pai está bem mais feliz – disse isto olhando para Marduk.

- É eu notei que ele está bem animado e pelo que disse, está realizando um sonho.

- Sim, há anos ele comenta sobre este dia.

- Comemorar a paz com a união dos povos, realmente é muito emocionante – disse Frigg.

- Sim, mas parece que tem algo mais.

- Por que você diz isso? – disse Frigg muito interessado.

- Acho que eu nem deveria comentar isto, mas você me parece um cara legal – deu uma pequena pausa e continuou - É que às vezes ele fica meio estranho e apreensivo.

- Ah! Isto é natural, acho que a ansiedade causa isto, além do mais, é uma grande responsabilidade.

- É deve ser isto mesmo – disse Teodoro mudando sua fisionomia de preocupação para uma mais alegre - Estamos conversando desde lá da cidade alta e você ainda não disse o seu nome.

- Meu nome é Frigg, estou quase me formando na academia militar, e assim me tornarei um soldado da infantaria.

- E quando você não está na academia, você faz o que?

- Eu trabalho com o meu pai, ele é agricultor.

- Você parece diferente dos seus semelhantes – disse Teodoro.

- Diferente como? – perguntou Frigg curioso.
- Não sei dizer, de uma maneira que não sei explicar.
- Bom de certa forma senti o mesmo em relação a vocês. Vocês parecem mais fortes.
- É impressão sua, somos todos iguais – disse meio rindo, pois a diferença de tamanho deles era bem grande.

Teodoro continuando na mesma linha de raciocínio perguntou:

- Frigg você nunca olhou para uma pessoa e sentiu algo diferente que não consegue explicar, sei lá, tipo quando você não vai com a cara de uma pessoa, mesmo que esta pessoa nunca tenha feito algo de errado com você?
- Não, normalmente eu não julgo as pessoas sem a conhecer bem.
- Deixa pra lá então.

Os dois continuaram conversando até chegarem à estalagem que estava toda reservada para a comitiva e depois de trocarem mais algumas palavras, se despediram.

Os festejos começaram ao anoitecer na vila e a certa altura Frigg convidou Teodoro para ir ao castelo do rei dizendo que ele era muito amigo de Haddock, o filho de Bartok.

Eles estavam caminhando através de uma estrada larga, era a estrada principal que ligava o lado norte até a zona sul da Fortaleza do Centro. Era uma estrada sem iluminação, mas dava para enxergar bem devido a grande lua cheia que estava ao alto naquele momento.

- Fala-me sobre sua terra Teodoro.
- Frigg gostaria muito de falar e como disse antes você é um cara legal, mas todos nós fomos proibidos de falar sobre nossa terra.
- Mas estamos celebrando a paz total, não é mais necessário todo este mistério - enfatizou Frigg.
- Eu sei, mas é que ainda há muita desconfiança.

- Desconfiança de que?

- Frigg pense bem, só agora estamos nos aproximando, ninguém conhece ninguém realmente, na verdade eles vão assinar um pré-acordo, tipo um acordo de boas intenções, depois muitos detalhes passarão a ser tratados, e assim que chegarem a um consenso sobre cada um desses detalhes, ai sim poderá começar a trocar informações.

- Nossa isso é complicado – disse Frigg.

- Com certeza, mas você tem que entender que são séculos de desavenças e não vai ser um acordo que vai alterar tudo.

- Com quantos dias você acha que eles chegarão num acordo? – perguntou Frigg.

- Dias?- Teodoro disse com certa surpresa - você é muito otimista, eu diria anos, muitos anos de discussão.

Eles continuaram a conversar e nem perceberam que a noite já não estava tão clara.

Assim que avistaram a vila que ficava próxima ao castelo, Teodoro comentou:

- Que barulho é este? – disse meio que aguçando os ouvidos.

- Barulho que barulho? – disse Frigg tentando diferenciar os sons em meio a tanto barulho dos festejos.

- Parece um bater de asas - disse Teodoro.

- Não pode ser! – Frigg gritou olhando para o céu.

Uma grande nuvem negra já havia tampado metade da lua e pela velocidade que se movia, iria cobri-la totalmente em poucos minutos.

Frigg ficou em silêncio olhando para o céu tentando achar algo.

- O que você procura? – Perguntou Teodoro.

Frigg neste momento arregala os olhos, pois seu temor acabou se confirmando.

- Você está me assustando! - completou Teodoro, pois já conseguia ouvir gritos de desespero vindo da vila.

- Veja – disse Frigg apontando para o céu.

Teodoro quando olhou ficou aterrorizado vendo vários seres alados cortando o céu.

- Vamos - gritou Frigg já correndo – precisamos nos esconder.

- O que está acontecendo? – perguntou Teodoro já em disparada atrás de Frigg.

- São os Nomacks, eles estão atacando novamente.

Frigg pegou um atalho à esquerda, para chegar mais rápido na vila. O atalho era pouco usado e com vegetação alta. Frigg corria a frente e Teodoro atrás tropeçando em tudo, pois estava escuro e não conhecia o caminho.

- Teodoro toma cuidado e pula - gritou Frigg.

Teodoro sem entender nada, pulou e os dois rolaram por uma ribanceira chegando rapidamente na vila.

Teodoro estava com o rosto todo machucado devido aos galhos que quebrou com a própria cara e assim que recuperou um pouco de fôlego perguntou para Frigg:

- Quem são os Nomacks?

- Ninguém sabe, pois são muito rápidos, mas parecem morcegos gigantes, eles vêm sempre que a lua é coberta, trazendo as trevas para o reino, mas tá acontecendo algo de errado.

- O que? - disse ainda arfando Teodoro.

- Eles só atacam na escuridão total e a lua ainda não esta totalmente coberta – disse apontando para a lua.

Neste momento eles chegam à vila e presenciam cenas aterrorizantes com gente correndo em pânico para todos os lados, mulheres desesperadas gritando os nomes de seus filhos e

gente desaparecendo do nada. A velocidade dos nomacks era incrível. Eles pegavam as pessoas tão rapidamente que nem dava para enxergá-los.

- O que eles querem?- Perguntou Teodoro com a voz tremula de medo escondido atrás da mureta de uma casa.

- Eles são predadores e nós somos a sua caça – e olhando sério para Teodoro continuou a falar - Os sentinelas devem estar bêbados por causa dos festejos e não devem estar prestando atenção, porque sempre que há a possibilidade da lua ser coberta por nuvens, eles tocam os sinos para que possamos nos esconder.

Quando a lua já estava quase totalmente coberta o sino de alerta começou a tocar, mas por pouco tempo e silenciando imediatamente levando todos a crer que o tocador provavelmente teria sido atacado, mas que com certeza teria sido o suficiente para alertar o restante da Fortaleza do Centro.

Frigg e Teodoro foram se esconder na casa de Aminthas, pois os Nomacks só atacavam as pessoas que estavam nas ruas e nunca se atreveram a entrar nas casas.

-Senhora desculpe nos esconder aqui, mas não tínhamos outro lugar para ir – disse Frigg.

-Tudo bem Frigg você é como um filho para nós.

De dentro da casa dava para ouvir os rasantes dos nomacks. Eles faziam assim para apagar as tochas que ainda estavam acesas e deixar a cidade cair em uma escuridão total.

Todos estavam apavorados encolhidos no chão, escutando os gritos de fora da casa.

De repente entrou Aminthas correndo.

- Travem as janelas e portas, mande os meninos se esconderem debaixo da cama.

Ele sabia que os nomacks nunca invadiram uma casa, mas mandava os meninos sempre se esconderem, imaginando sempre o pior.

A mulher de Aminthas correu em direção ao quarto dos meninos e rapidamente retornou gritando:

- Eles não estão aqui, eles não estão aqui – gritava desesperadamente a mulher!

- Onde você os viu pela última vez?

- Eles estavam aqui no quarto brincando com o pingô, por isso não me preocupei.

-A porta estava aberta?- disse Aminthas já desesperado.

-Não sei, acho que sim – a mulher estava atordoada e aos prantos.

-Não é possível aquele cachorro não pode ver a porta aberta que foge e os meninos devem ter ido atrás dele.

As nuvens que tampavam a lua já começavam a seguir seu rumo e o luar a retornar à Fortaleza do Centro.

Aminthas em meio ao desespero abre a porta e cerrando os olhos para ver se enxergava melhor no meio da escuridão, conseguiu vislumbrar os meninos do outro lado da rua escondidos atrás de um tonel.

Aminthas vendo que eles estavam muito exposto e que o ataque ainda não havia terminado saiu correndo na direção deles.

Todos de dentro da casa olhavam para ele, vendo um pai em desespero para salvar seus filhos, não se importando de arriscar a própria vida.

Ele chegou do outro lado e pegou o caçula Byron no colo sendo seguido de perto por Clayde o maior, todos já estavam aliviados, pois eles já estavam chegando junto ao portão de entrada da casa quando aconteceu o inesperado, eles foram apanhados pelos Nomacks.

Todos ficaram chocados com a cena, pai e filhos sumindo na escuridão.

Todos estavam confusos, porque nunca um nomack havia atacado fora da total escuridão e naqueles poucos minutos que sucederam que pareceram horas, trouxe grande desolação e

destruição à vila, e a mulher ao lado de Frigg gritava desesperadamente, pois todos sabiam que a morte acompanhava os que eram levados por eles.

CAPÍTULO 6

Reunião Secreta

O dia amanheceu com muitas nuvens, estava nublado, mas não iria chover, nunca chovia fora de época, e ainda estava longe a estação das chuvas. Parecia que a natureza estava solidária com os parentes e amigos das pessoas que foram levadas pelos Nomacks na noite anterior, a maioria estava com medo, pois não conseguiam entender o ocorrido, pois nunca haviam atacado fora da escuridão total e nunca tantas pessoas haviam sido atacadas em uma única vez.

Os festejos do dia foram todos cancelados, a Fortaleza do Centro estava de luto, as bandeiras coloridas foram substituídas por tarjas negras que todos usavam.

O rei decretou um dia de luto e mandou rezar uma grande missa em homenagem as pessoas vitimadas pelos Nomacks. Apesar da tristeza que atingiu a todos, o dia estava transcorrendo normalmente, porque de certa forma todos já estavam acostumados com os ataques e somente os descuidados eram levados e com isto pagavam caro por este descuido, pagavam com a própria vida.

Nada mais podiam fazer pelos que foram levados, a não ser rezar pelas suas almas e ficar mais atentos da próxima vez.

A comitiva do Leste era a única que não se encontrava na fortaleza. Todos achavam que ela não viria, pois as informações que tinham era que eles não haviam sobrevivido às grandes viagens, porque o caminho que eles resolveram seguir era muito perigoso. Eles poderiam ter tomado dois caminhos, um através do pântano que todos diziam que era habitado pelo

mal, onde muitos acreditavam que era a morada dos Nomacks e outros seres ainda mais estranhos; Tem até histórias que dizem que os poucos que se atreveram a entrar no pântano nunca voltaram, provavelmente tendo uma morte apavorante.

O outro caminho não menos perigoso seria pelo deserto escaldante, que não era o pior trecho da viagem; Eles teriam que passar também por um desfiladeiro e uma região extremamente gelada e assim chegar no pior. O caminho desembocava em um precipício intransponível;

Todos os mensageiros que tentaram encontrá-los seguiu este caminho para não passar pelo pântano; No início tentaram viajar com vultigrifus, mas apesar do tamanho deles, não são aves com grande capacidade de vôo ininterrupto. Nas tentativas posteriores todos carregaram águias correios que já tem uma capacidade de vôo bem maior; Eles as enviavam meio sem destino para informar a intenção do Rei de promover a paz entre os povos com a assinatura de um acordo no aniversário de 1000 anos. Os poucos que conseguiram chegar tão longe, ou seja, na beira deste precipício, enviavam as mensagens pelas águias correio e esperavam até meses por uma resposta que nunca vinha.

O dia transcorreu normal até na hora da missa que seria celebrada na capela central por Adonis um monge que veio do Vilarejo de Ladagaz somente para isto.

O Vilarejo de Ladagaz é o único que fica fora da fortaleza, ele fica ao sul e para chegar lá é necessário atravessar a floresta de KiBay, e no final dela tem um píer na qual pode-se chegar no vilarejo através de uma embarcação, pois o vilarejo fica em uma ilha.

Eles vivem lá desde as grandes viagens e fizeram um acordo com o rei de nunca saírem do caminho que os leva até a Fortaleza do Centro.

No vilarejo tem um mosteiro e eles gostam muito de mexer com ervas, fazendo com que algumas pessoas achem que seus habitantes são bruxos.

Adonis tinha umas orelhas muito grandes, e como ele era muito magro as pessoas sempre brincavam com ele, que se ventasse muito forte ele iria acabar voando.

A capela estava lotada e muito barulhenta devido às conversas das pessoas de todas as raças que se acotovelavam para poder assistir ao evento.

- Atenção amigos vamos fazer silêncio, disse Adonis que apesar de ser bem magro, tinha uma voz grossa que parecia um trovão. Assim que todos ficaram em silêncio ele continuou:

- Hoje estamos comemorando o milionésimo aniversário da nossa prosperidade, pois há mil anos nossos antepassados lutaram para nos libertar do domínio de um homem muito cruel e poderoso, foram tempos difíceis na qual nosso povo foi escravizado.

O poderoso Palet com a sua espada Ellavrin ajudado por quatro nobres guerreiros derrotaram o Tirano trazendo a paz a Kalena.

Mas Infelizmente depois de alguns anos, muitos de nos partiram para muito longe, para todas as partes de Kalena, ficando conosco alguns de cada raça sendo hoje todos considerados Vitorianos. Hoje nosso Rei Bartok está tentando trazer a união entre todos os povos novamente, não com a espada Elavrin que outrora foi usada por Palet e que se perdeu no tempo, não montado em um vultigrifus lendário como nosso grande líder do passado Ambrosio, mas através da palavra e de um gesto de humildade, mostrando que todos nos somos iguais perante Deus, e por isso não deve haver qualquer privilégio ou repúdio por causa, da cor ou origem de cada pessoa, vitoriana ou não. Hoje gostaria também de lembrar as vitimas da noite anterior e em especial a Aminthas e seus filhos. Ele que sempre participou de todas atividades da Fortaleza e era participante do conselho do povo. Gostaria que todos fizessem um minuto de silêncio pela alma dele e de seus filhos e de todos que ontem partiram prematuramente.

E Adonis continuou a falar durante algum tempo até que disse:

- Senhoras e senhores, apesar de todo ocorrido, hoje é um dia de festas, é um dia de alegria, um dia para celebrarmos a paz.

Todos já estavam impacientes, pois queriam que acabasse logo a missa, pois ao final dela seria oferecidas comida e bebida de graça.

Quando Adonis acendeu um castiçal para simbolizar a chama da paz:

Booooooom - ouviu-se o maior estrondo e uma fumaça tomou conta da capela, fazendo com que muitos corressem, mas os que ficaram começaram a rir ao ver a cena que se seguiu.

Quando a fumaça dissipou-se viram Adonis todo chamuscado e gritando:

Aaaaaathos.

Athos era filho de Magal que havia colocado ele para ser assistente de Adonis, para ver se tomava jeito e parasse com suas brincadeiras, levando a vida mais a sério, porque um dia ele assumiria o lugar de seu pai como chefe do vilarejo de Ladagaz. Enquanto todos estavam rindo do capelão, entrou um gordinho com uma cara de quem não sabia de nada, usando um chapéu verde meio estranho com uma estrela prata no meio (dizem que este chapéu foi passado a várias gerações de sua família e o que era mais interessante é que nunca sujava ou ficava velho, tendo sempre uma aparência de novo).

- Assim não dá, quando é que você vai crescer? - perguntou o capelão irritado.

- Mas não fui eu - disse Athos com tom de deboche e saindo correndo, agora para fora da capela, sendo seguido pelas pessoas. Athos era muito brincalhão e apesar de sua irresponsabilidade, trouxe um pouco de alegria naquele momento de tristeza.

Durante o almoço de confraternização tocou-se a trombeta novamente, mas não era o som da chegada da última comitiva que faltava chegar, era o que avisava a todos para ficar alerta, pois o perigo se aproximava.

Todos ficaram tensos por que nunca acontecera nada de perigoso nos últimos tempos e só escutavam este toque de trombeta em treinamentos para caso houvesse o perigo.

Apesar do treinamento ter acontecido várias vezes, o tumulto foi generalizado, pessoas correndo para todos os lados, militares indo para a central de armas, mães procurando filhos desaparecidos no meio da multidão. E cada vez que o som se tornava mais ritmado, mais apavorante parecia a situação.

Em meio ao tumulto as pessoas começaram a olhar para o céu por que os guardas que ficavam em cima da muralha também o faziam e com isto todos fizeram um pequeno silêncio observando.

Aos poucos algumas pessoas começaram a enxergar pontos no céu, tendo a certeza agora que o perigo vinha de lá.

O tumulto começou novamente, Alguns gritavam apavorados:

– São os Nomacks, só pode ser os Nomacks.

Todos imaginaram que os Nomacks estariam também atacando durante o dia. O pavor começou a tomar conta de todos, começaram a invadir casas alheias, mães chorando, pois ainda não haviam encontrado seus filhos e pessoas pisoteando outras, mas de repente começaram a escutar outro som, quase inaudível devido ao intenso barulho da população. Quando alguns começaram a escutá-la, o silêncio começou a aumentar, pois já não era o barulho das trombetas que escutavam agora e sim o badalo dos sinos da capela, sendo misturado com o bater de asas de vultigrifus sobrevoando a Fortaleza do Centro, montados com seus comandantes aos gritos:

- A comitiva do Leste está chegando, A comitiva do Leste está chegando.

Aos poucos a normalidade começou a imperar na Fortaleza do Centro.

Praticamente não deu para organizar a recepção, pois eles passaram voando bem em cima das muralhas, pareciam que estavam montados em animais voadores, alguns pensaram que finalmente conheceriam um dragão, que não era fantasia de estórias de crianças.

Mas cada vez que iam se aproximando do chão ficavam mais intrigados, pois os movimentos eram estranhos, diferentes, pois todos não conseguiam enxergar direito por que o Sol estava refletindo nos olhos das pessoas.

Quando estavam a uma altura já manobrando para pousar, todos viram que não eram animais e sim máquinas voadoras. Tinha uns quatro tipos delas. A surpresa foi geral, as crianças corriam em direção a eles com suas mães apavoradas atrás.

Foi um mistura de curiosidade, surpresa, inveja e admiração.

Quem as estavam pilotando eram homens baixos, cabelos negros e lisos, como deveria ser.

Seus olhos puxados conseguiam ver longe e assim que pousaram já localizaram seus semelhantes que não estavam com trajes de gala, pois tinham a certeza que eles não viriam.

As máquinas menores escoltavam a maior, que com certeza trazia a comitiva real.

Assim que baixou a escada central da maquina maior, começou a descer apenas um homem já de idade bem avançada. Era natural, pois sua raça tinha uma longevidade maior do que as outras, muitos diziam por que eram extremamente ligado às tradições e alimentação saudável, além de sempre dizerem que o corpo era um templo e assim tinha que ser tratado. A maioria não entendia o que queriam dizer, mas enfim sempre viviam mais do que os outros.

Assim que terminou de descer a escada seu Arauto anunciou:

- Vindo das Terras do Leste, descendente de Katsuo e Imperador dos Harumus, Megumi o Senhor do Oriente também conhecido como Senhor do Leste.

Bartok que já estava posicionado em sua plataforma fez um gesto fazendo com que todos aplaudissem o Imperador. Somente ele fazia parte da Família real, com isto caminhou em direção ao rei, dando uma pequena parada na frente de seus iguais fazendo uma reverência, sendo acompanhado pelos mesmos e em seguida subiu a escada esquerda indo fazer a mesma coisa com o rei que repetiu o gesto.

Bartok conversou rapidamente com Megumi e eles caminharam direto para o castelo, não havendo a mesma comemoração das chegadas anteriores. Eles pareciam estar com pressa.

Enquanto isto Haddock, filho de Bartok estava lá encima na torre mais alta do castelo observando as máquinas de longe:

-Nossa, que máquinas estranhas! – disse Haddock

-com certeza! – disse Frigg - depois que o Athos chegar quero ir lá vê-las de perto.

- Por falar nisso, Athos está demorando...

- No mínimo foi aprontar mais uma - Falou Frigg.

- Sabe, eu não consigo entender ele, muitas vezes é sábio e observador, mas na maioria das vezes fica brincando – disse Haddock pensativo.

- No fundo acho que ele é que está certo, não esquenta a cabeça com nada, você tinha que aprender algumas coisas com ele.

- Do que você está falando Frigg?

- Você tem um pai maravilhoso e fica com um monte de bobagem na cabeça, devia era levar a vida menos a sério.

- Você fala isso por que não é com você, e você também não foi o culpado da tristeza de seu pai.

- Você acha que é culpado, pois ele nunca disse nada para você que te desse essa certeza.

- É preciso? Eu sou filho, eu sinto.

-Bom não adianta falar mesmo...Vamos descer então - falou Frigg caminhando para a porta.

Haddock quando estava descendo reparou que seu pai e Megumi estavam caminhando na direção da biblioteca. Ele pensou que ser rei não devia ser fácil, pois o Imperador nem acabou de chegar e já foram discutir o acordo. Ele pensava assim porque já sabia que os outros líderes já estavam na biblioteca.

Quando chegaram ao salão principal viram Athos conversando com o Senhor Malcovic

-Puxa Athos nós estávamos esperando você lá em cima - disse Haddock

-Desculpe Senhor Haddock a culpa foi minha - disse o Senhor Malcovic e prosseguiu

-Quando vi o Athos pedi para ele me ajudar na colocação daquele quadro ali, pois ele é muito pesado e não estava conseguindo sozinho.

-Não tem problema Malco – disse Haddock carinhosamente

-E aí gente vamos fazer o que agora, estou a fim de me divertir - disse Athos - vocês não sabem o que eu fiz agora pouco!

-Imagino - disse Haddock - aposto que aprontou de novo com o pobre coitado do Frei Adonis.

-Puxa já vi que não é mais novidade, preciso achar outra vítima - falou Athos começando a rir.

-Bom meninos, é melhor vocês irem descansarem, pois à noite teremos uma festa inesquecível - disse o Senhor Malcovic.

Os três então se retiraram para a sala de armas do castelo.

-Nossa como eu adoro esta sala - disse Frigg - tem armas tão antigas aqui.

-Você não precisa de arma Frigg, com todo este tamanho quem é que vai te encarar – disse Athos.

-Você que pensa, existem muitos homens perigosos além da montanha de Grow, pessoas que acabariam com a gente mesmo se estivéssemos armados.

-Não sei não, acho que isto é só mais uma estória.

-Meu pai sempre disse que lá existem guerreiros enormes e fortes, mas que são burros, por isto precisam de um líder para comandá-los - disse Haddock entrando na conversa.

-Devem ser burros mesmos, não sei por que não saem de lá, pois pelo que sei nada cresce naquele lugar, não sei como conseguem se alimentar - Falou Athos - Bom se são tão fortes assim por não nos atacam?

-Já vi que o burro aqui é você, eu já disse que eles precisam de um líder para guiá-los, mas o líder deles morreu há muitos séculos atrás.

-Não sei não, agora tenho certeza que tudo isto é lenda mesmo - falou Athos.

-Hoje vai acontecer alguma coisa muito importante - falou Haddock mudando rapidamente de assunto.

-Estou sabendo - falou frigg bem baixo fazendo suspense

-Você tá sabendo? - disse Haddock ansioso – você ouviu alguma coisa?

- Sim!

-Fala logo Frigg - disse Athos já impaciente de tanta curiosidade

-Esta bem, esta bem, vou falar - fez uma pequena pausa e gritou:

-Uma festona que esta cidade nunca viu antes - e começou a rir

-Estou falando sério, por que você acha que todos os Senhores estão aqui? - disse Haddock.

-Pelo mesmo motivo, a festa de comemoração dos 1000 anos e eles estão há anos se contatando para selar uma paz permanente...- completou Frigg

-Tenho certeza que tem mais alguma coisa.

-Haddock acho que você está viajando nas idéias – disse Athos.

-E por que eles estão reunidos na biblioteca?

-Eles devem estar combinando os últimos detalhes do acordo - disse Athos

- Aí é que está - Haddock fez uma pequena pausa e pegou em cima da mesa uma miniatura de gárgula e continuou:

- Eles passam séculos sem se encontrarem e de repente todos concordam em assinar um tratado de paz.

- Haddock – disse Athos – não foi de repente, já tem uns 15 anos que estão se comunicando.

Ainda intrigado Haddock colocou a gárgula de volta a mesa e agora pegou uma arma que estava junto a uma armadura, uma arma que tinha uma bola de ferro com pontas presas a uma corrente e continuou com suas observações:

-Pensem bem, eles poderiam estar vindo um de cada vez, não precisavam vir exatamente todos juntos, inclusive Megumi que nunca tinha sido contatado.

-Se você não sabe – disse Frigg – eles sempre mandaram falcões correios

- Mas eles nunca responderam – completou rapidamente Athos

-Só faltava esta - continuou Frigg – até você tá achando que tem coisa.

-E tem mais uma coisa que eu não disse para vocês – fez uma pequena pausa e continuou – Lembra aquela mulher que veio com os setunianos e que do nada apareceu do lado de meu pai?

- Sim, sim – disse Frigg e Athos ao mesmo tempo.

- Eu escutei ela falar sobre um acordo que foi feito há 1000 anos atrás.

-Caramba esta agora foi uma bomba – disse Athos

- É, agora realmente embolou tudo – disse Frigg – espere lembrei de algo.

- O que foi? – disse Athos

-Na noite do ataque dos Nomacks eu estava conversando com Teodoro, filho de marduk e ele também disse que achava que tinha algo mais nestes festejos.

- Eu gostaria de ter certeza - disse Haddock

-Só se você ficar invisível e entrar na biblioteca e escutar o que eles estão conversando - disse Athos.

- É isto - gritou Haddock

- O que! Você consegue ficar invisível? - disse Athos

- Não, é claro que não, mas...Tem uma passagem secreta que dá lá na biblioteca.

-Mas eles não vão ver a gente? - disse Frigg

-Se não fizermos barulho podemos escutar o que estão conversando.

-O que vocês estão esperando, vamos lá - falou Athos.

-E se meu pai descobrir - disse Haddock sentindo um temor - se descobrir vai ficar ainda mais chateado comigo.

-Bom, foi você que ficou com essa onda toda sobre algo importante que vai acontecer hoje, faz a gente ficar morrendo de curiosidade, e agora vai dar pra trás - disse Frigg.

-Quem sabe se nós batermos lá na porta da biblioteca e perguntarmos assim para eles:

-Oi gente estamos sabendo que vocês estão fazendo uma reunião secreta, e nós estamos doidos para saber o que é, e então conta pra gente? - Disse Athos

-Você gosta de fazer uma gracinha né Athos - disse Haddock

-Olha Haddock o Athos tá certo, agora estou curioso para saber se tem alguma coisa mesmo.

-Então vamos -falou Haddock abaixando uma espada que estava na parede, fazendo com que uma armadura se movimentasse para o lado dando acesso a uma câmara secreta. Eles entraram imediatamente e fecharam a porta; A câmara era meio apertada, mal dava para Frigg passar.

-Cuidado para não entalar aí no caminho Frigg - disse Athos rindo.

- Silêncio - disse Haddock - estamos chegando

Começaram a escutar ao longe vozes, então perceberam que eram os Senhores e o Rei conversando.

-E então Bartok vai ser hoje mesmo? - disse Marduk

-Sim

-Vocês não estão mesmo acreditando nesta estória? - falou Tafari com tom de deboche - isto tudo é uma lenda.

- Se você tivesse tanta certeza assim, não estaria aqui hoje – disse Bartok, continuando – e se for verdade?

-Gente esta estória foi passada há muito tempo por nossos antepassados - disse Megumi - no mínimo devemos respeitá-la.

-Você já foi lá alguma vez Bartok? – perguntou Osíris.

-Não, mas de qualquer maneira se a estória for verdadeira a porta só abrirá se nós todos estivermos presentes.

-Para mim é apenas uma lenda para fortalecer nossa religiosidade - disse Osíris - para podermos ter mais poder sobre nossos povos.

-Não fala bobagem Osíris, o povo nem sabe desta estória - disse Megumi.

-Bom, temos pouco tempo, então é melhor vocês irem e se prepararem, pois a cerimônia será ao entardecer - disse Bartok já se levantando.

Depois que todos saíram da biblioteca, Athos, Haddock e Frigg começaram a conversar.

-Que cerimônia é esta? Perguntou Athos

-Não faço a menor idéia - completou Frigg

- Será que vai haver sacrifício de alguém? - disse Athos

-E se for alguma coisa satânica! Continuou Frigg

-Acho que agora é vocês que estão viajando nas idéias, é melhor irmos embora antes que venham procurar a gente.

Caminharam pelo túnel silenciosamente, cada um tentando imaginar que cerimônia seria esta em que todos os Senhores inclusive o Rei iriam participar.

Quando retornaram para a sala de armas, sentaram no chão em círculo como se estivessem ao redor de uma fogueira e continuaram a discutir sobre o assunto por mais alguns momentos, mas não conseguiram imaginar alguma coisa que não lhes parecesse ridículo.

Quando estavam saindo da sala de armas deram de cara com o Senhor Malcovic.

- Que caras são essas? - disse ele - parece que estavam aprontando!

- Não, nós estávamos apenas conversando – disse Haddock.

E subiram a escadaria que dava direto nos aposentos.

CAPÍTULO 7

A cerimônia de Transformação

Mais tarde Haddock estava em seu quarto imaginado como poderia descobrir mais sobre aquela cerimônia secreta. Movimentava-se de um lado para outro impaciente, pois a cerimônia já estava próxima de acontecer e não poderia ficar ali perdendo tempo. Então lembrou do Senhor Malcovic, pois sempre que tinha alguma dúvida recorria a ele e para sua sorte ele era o braço direito de seu pai, com certeza deveria saber algo.

Haddock abriu rapidamente a porta de seu quarto e foi direto ao aposento de Malcovic, pois ele sempre estava no seu quarto àquela hora. Quando Haddock chegou na frente do quarto sentiu uma dúvida, mas mesmo assim bateu na porta:

-Sr. Malcovic posso lhe falar?

- Aguarde só um minutinho Haddock

Mas Haddock estava muito ansioso e nem prestou atenção no que ele havia dito e foi logo entrando.

O Senhor Malcovic levou um susto, pois esperava que ele ia aguardar um pouco antes de entrar. Ele estava guardando um pequeno baú no fundo de seu guarda roupa.

- Eu não pedi para esperar um pouco? – disse um pouco nervoso e com a voz alterada.

Haddock olhou meio surpreso, por que Malcovic nunca tinha falado daquele jeito com ele.

- Desculpe, é que eu...

- Não, eu é que tenho que me desculpar, não deveria ter falado desta maneira com você – disse Malcovic já se recompondo e voltando a falar com sua voz tranqüila de sempre:

-O que está te incomodando Haddock?

-O Senhor sabe o que vai acontecer hoje, não sabe?

- Claro que sei, na verdade todos sabem, é o dia que a paz completa será selada entre todos os povos. É o momento mais aguardado da semana.

- Não é disto que estou falando Malco

-Então se explique melhor.

- Eu escutei meu pai e os Senhores conversando e eles disseram que haveria uma cerimônia hoje.

- Eles deviam estar falando sobre a cerimônia em que assinarão o tratado.

- Olha, quer saber de uma coisa, se Senhor não quer falar tudo bem, mas eu vou acabar descobrindo, mas não esperava isto do Senhor, sempre o considerei como um pai para mim, sempre achei que poderia contar com o Senhor sempre que pudesse, mas estou vendo que estava enganado – disse irritado Haddock virando-se para sair.

- Espere, senta aí – disse indicando uma cadeira próxima a uma escrivaninha.

Malcovic começou a andar em círculo, dando a impressão que não tinha certeza se deveria contar tudo que sabia.

- O que você escutou exatamente?

- Que vai haver uma cerimônia ao entardecer e só eles sabem dela, e pelo tom de preocupação que senti em suas vozes, deve ser algo muito sério.

-Como você escutou esta conversa?

-Bom agora não interessa, me responde vai.

Malcovic ainda não tinha certeza se deveria contar o que sabia e continuou em silêncio.

Alguns minutos depois resolveu falar:

-Eles vão tentar acabar de vez com o mal - disse Malcovic

-Mal, que mal?

- Como você sabe há mil anos atrás um Tirano que dominava Kalena foi derrotado por Palet trazendo a paz novamente a nós.

-Bom isto todo mundo sabe.

-O que você não sabe é que este tirano ainda pode estar vivo.

-O que? – disse Haddock surpreso – é impossível, ele teria mais de 1000 anos.

-Exatamente

E porque ele nunca me contou nada?

-Ele sempre disse para mim que é lenda, mas no fundo ele tem medo que tudo seja verdade.

- E você acredita?

-Já vi muitas coisas na minha vida, que hoje me faz considerar qualquer hipótese.

-Mas o que faz ele pensar que pode ser verdade?

- A estória vem sendo passada de geração a geração, como sendo verdadeira, e quando ele começou a se comunicar com os outros reinos, ele verificou que a estória era a mesma, então deve ter algo de verdade nisto tudo.

-Mas o que é que eles vão fazer exatamente? - falou Haddock não contendo de curiosidade.

-É a Cerimônia de Transformação.

-Cerimônia de Transformação? - falou Haddock levantando-se da cadeira.

-Sim, vão transformar a personificação do mal em uma pessoa normal.

-Como?

-Não faço a menor idéia, isto é tudo que eu sei.

-É perigoso?

-Tudo que envolve o bem contra o mal é perigoso, por que você não ajuda seu pai?

-Ele nunca deixaria.

-Por quê?

-Porquê acho que ele não confia em mim – disse isto abaixando a cabeça e sentando na beira da cama.

Malcovic era como um pai para ele, pois sempre esteve presente em seus momentos de aflição, porque o rei sempre estava ocupado.

-Você ainda está se sentindo culpado pela morte de sua mãe né?

-Sim

- Não sei se este é o momento certo para lhe contar uma coisa, na verdade acho que não existe momento certo para contar isto, mas você tem o direito de saber a verdade, então o momento tem que ser agora; Haddock eu preciso lhe falar sobre a morte de sua mãe Susan.

-Não precisa repetir, eu sei que ela morreu no parto, que ela optou em morrer para eu sobreviver, eu já não agüento mais escutar esta estória.

- Haddock, eu espero que você me perdoe por ter lhe escondido isto, eu sempre me torturei, mas não posso mais levar isto adiante. Não foi bem assim que aconteceu, Susan não morreu no parto, na verdade ela se suicidou.

Haddock levantou-se empurrando Malcovic que quase caiu no chão e disse com muita raiva:

-Não pode ser, ela nunca faria isto, é proibido, é uma heresia, você está mentindo.

-Foi seu pai que mandou espalhar esta estória, por que senão ela não teria um funeral descente e ainda correria o risco de você ficar marcado pelo resto de sua vida como filho de uma herege.

Haddock tampou o rosto com as palmas da mão, ficando um tempo em silêncio, correndo lágrimas entre os dedos e em meio a soluços perguntou:

-Mas por que ela suicidou?

-Ela amava muito seu pai, fazia tudo para ele, mas não tinha jeito ele só pensava em Margareth, seu grande amor. Durante anos ela viveu para seu pai e durante a gravidez, Bartok ficava cada vez mais distante. Susan sempre pensou que quando você nascesse tudo mudaria, mas na noite em que você nasceu seu pai acordou gritando o nome de Margareth. Nesta noite ele disse que não suportava mais a ausência dela, que Margareth estava morta por causa de Susan e de você. Ela ficou apavorada, pois os olhos dele quando olhou para vocês, brilhava de maneira diferente, parecia que ele estava possuído e então ele se levantou e saiu do quarto.

-Pare – gritou Haddock – eu não quero ouvir mais nada, eu sabia que ele me culpava por ter perdido seu grande amor, mas me culpar pela morte dela, aí é um absurdo.

Haddock começou a derrubar tudo no chão estava totalmente sem controle, gesticulava muito, às vezes dizia palavras ou frases incompreensíveis, Malcovic parou de falar, pois a situação estava fora de controle.

Haddock do nada parou, respirou fundo, pegou uma cadeira e sentou. Por alguns instantes ele não disse uma única palavra. Malcovic ficou sem saber o que fazer ou dizer ficando esperando algum movimento de Haddock, como se fosse uma partida de xadrez. Haddock olhou firme para Malcovic e disse:

- Continue, agora quero saber de tudo.

Malcovic então continuou, sabia que tinha que chegar até o final, pois era necessário que Haddock soubesse de tudo, ele sabia que aquele dia era decisivo.

-Susan ficou apavorada não sabia o que fazer e passaram muitas possibilidades horríveis em sua mente e quando ele voltou a dormir ela pegou você e me chamou pedindo que fossemos para meu laboratório que na época era na torre mais alta da Fortaleza do Centro. Lá ela me disse que não suportava mais ser o motivo da amargura do rei e que ele ainda

amava Margareth mesmo sabendo que ela estava morta e que era infeliz ao seu lado. Ela disse que ia por um fim nisto que não suportava mais e que tinha medo de você ser prejudicado. Ela me fez prometer que eu cuidaria de você e que eu nunca deixasse vocês sozinhos, por que ela temia que algo de mal acontecesse a você. Assim que me comprometi, ela me olhou com um olhar tão triste, um olhar que me persegue a minha vida inteira e do nada saiu correndo e suicidou-se pulando da torre.

Eu contei para seu pai que ela havia suicidado e tinha pedido que eu cuidasse de você; Ele ficou ainda mais angustiado e disse que ele só gerava infelicidade, que então fosse assim, que eu criasse você.

O Rei mandou contar que Susan morreu no parto, pois o suicídio é considerado heresia e sua alma não vai mais para a morada dos deuses, vagando cega por um mundo de tristeza e dor.

Com lágrimas nos olhos Haddock se pôs a pensar. Ele sabia agora que a alma de sua mãe estava amaldiçoada, em algum lugar muito ruim, que deveria estar sofrendo muito e ele não poderia fazer nada e que provavelmente seu pai o culpava até pelo suicídio de sua mãe.

- Sei que você está pensando em sua mãe agora.

Haddock concordou com um pequeno movimento de sua cabeça.

– Mas tem uma solução – Disse Malcovic

Haddock levantou-se da cadeira novamente e caminhou até a janela, olhou por um momento para o horizonte, virando e se pondo a olhar fixamente para Malcovic sem dizer nada, agora era ele que esperava alguma atitude de Malcovic.

Malcovic foi até seu armário e pegou um baú muito antigo, com uma fechadura estranha que com um leve toque de malcovic se abriu. Era o mesmo baú que ele estava guardando

quando Haddock entrou no quarto. Dentro havia vários papéis e entre eles tinha um muito amarelado dando a certeza de ser muito antigo e foi este exatamente que ele pegou.

Quando Haddock se pôs a ler, notou que deveria fazer parte de algum diário de algum louco, pois dizia coisas que para ele eram absurdas.

- Você não acha que isto seja verdade acha?

- Este documento se reporta ao tempo do Tirano e se realmente ele ainda vive, porque isto também não seria verdade.

- Mas quem é Lorde Awe? – perguntou Haddock

- É o Tirano.

- Como você tem certeza que é a mesma pessoa?

- Você já ouviu falar na Sospel?

- Sim, é uma sociedade na qual somente homens podem participar e não se pode divulgar nada que acontece lá dentro.

-Você nunca parou para pensar por que não se pode falar o que acontece lá? Por que só por indicação de membros é que se pode participar.

- Bom fala-se muito deles, mas ninguém nunca viu nada de irregular neles.

- Esta sociedade é muito poderosa, dizem que existem membros dela em todos os reinos de Kalena.

- Será que eles se comunicam?

- Acredito que não, mas as informações e deveres deles são muito antigos, mas não quero entrar em detalhes, pois o tempo não está a nosso favor. O que quero dizer é que quando eu encontrei este documento, eu fiz algumas pesquisas e consegui através desta sociedade informações que me levam a crer que o Tirano é Lorde Awe.

- Tudo bem – disse Haddock já meio apressado – então continue

-Pelo que sei, ele é muito poderoso, você está entendendo o que quero dizer?

Haddock olhou novamente para a folha amarelada e disse:

- Sim, talvez seja verdade.

-Bom, pode ser que dê certo, mas meu pai não vai deixar eu ir com ele.

-Converse com seu pai, que ele deixará você participar, -vai ser uma maneira de vocês se unirem.

-Será? Duvido muito.

-Eu sinto que seu pai quer se redimir com você e isto será uma grande oportunidade.

-Bom - disse Haddock mais animado - tenho que ir agora para dar tempo de conversar com ele.

Haddock levantou-se e deu um abraço bem apertado em Malcovic e disse - Não sei o que seria de mim se não existisse o Senhor

-Você sabe que sempre poderá contar comigo, mas agora ande logo, seu pai já deve estar se preparando para a cerimônia.

Haddock então saiu do quarto e foi correndo até a sala de armas, onde tinha certeza que seu pai estaria. Abriu a porta bem devagarzinho e viu seu pai vestido com sua roupa de gala que sempre usa em ocasiões especiais; Estava usando uma espada de tamanho médio e parecendo bem antiga com o fio bem brilhante com um cabo marrom.

-Pai gostaria de falar com o Senhor - falou bem baixinho parecendo um sussurro.

-Entre filho precisamos mesmo conversar, hoje é um dia muito especial e não é por causa da comemoração dos 1000 anos.

-Eu sei pai, hoje é o dia da cerimônia de transformação.

-Filho como você sabe disso?- O Rei disse isto olhando fixamente para ele com uma cara de espanto.

-Pai isto não vem ao caso agora, por favor, continue.

-Filho, eu não sei o quanto você está sabendo, mas hoje é o dia da Cerimônia de transformação, e apesar de não acreditar que seja verdade, estou pressentindo que algo de ruim vai acontecer - disse o Rei Bartok com uma voz tenebrosa, demonstrando que estava com muito receio.

Haddock se aproximou dele sentindo uma vontade enorme de abraçá-lo, mas recuou, pois não estava acostumado com troca de qualquer tipo de carinho e mesmo lembrando daquele abraço que seu pai lhe dera no dia de sua formatura, ainda não se sentia à vontade para tomar tal iniciativa.

-O que o Senhor acha que pode acontecer?

-Não sei.

Bartok caminhou em direção da lareira e começou a olhar um quadro pintado acima dela, era ele ainda jovem, fazendo-o se perder em pensamentos.

Haddock também gostava de olhar este quadro, não por que seu pai ainda era jovem, mas porque ele transmitia alegria e sentia a felicidade no semblante de seu pai, uma felicidade que poucas vezes ele viu seu pai expressar. Na imagem seu pai usava um anel, um anel comum, sim um anel que não fazia jus a um rei, mas ele dizia que gostava muito, que ele mesmo havia feito quando era jovem, um anel que presenciou muitas aventuras dele e que foi dado por ele a seu grande amor.

O que o senhor esta pensando agora pai?- disse Haddock trazendo seu pai a realidade.

-São coisas do passado que não vale a pena lembrar agora.

-Pai, por favor, continue então - Haddock falou com uma ansiedade indisfarçável.

-Hoje faremos a cerimônia da transformação para acabarmos de vez com o mal.

Bartok novamente fez silêncio, tinha dúvida se deveria contar tudo para ele, pois Haddock era muito jovem, na verdade, dentro das tradições ele só poderia saber sobre este assunto quando assumisse a função de rei. Mesmo na dúvida ele olhou fixamente para Haddock e disse:

- É que se for verdade, será muito perigoso.

-Pai, por favor, se for muito perigoso...Não vá.

-Eu não posso filho, se não acabarmos com ele hoje, suas forças voltarão.

-Quem é ele pai?

- O mal em pessoa.

-Pai confie em mim pelo menos uma vez.

Haddock falou com certa aspereza, pois queria saber mais e sentia que seu pai estava querendo esconder informações dele.

-Eu confio em você meu filho, só não queria que se envolvesse com isto.

-Eu sou seu filho e um dia vou ser o Rei, tenho que estar preparado para qualquer situação e a qualquer hora, deste jeito como o senhor quer que eu acredite que confia em mim.

O rei ficou espantado com a agressividade na voz de Haddock, sentiu profundamente que seu filho tinha muita magoa dele, e que no fundo sabia que era culpado disso, pois realmente nunca o tratou com o carinho que todo pai tem para com o filho. O Rei então pegou sua espada e ficou pensativo por alguns instantes e voltou a falar

-Está bem filho, vou dizer o que sei...Ao fim da guerra que foi vencida por Palet, todos acreditavam que o Tirano havia sido destruído, mas o que me foi passado pelo meu pai e sucessivamente havia sido passado por nossos ancestrais, o Tirano que na verdade se chama Lorde Awe, tinha descoberto uma maneira de adquirir a vida eterna, tornando-se indestrutível. Mas havia um mago muito poderoso que se chamava Abnara que sabia como

desfazer esta imortalidade. Então foi construída uma prisão para ele. Uma prisão poderosa e mágica, que iria sugar a vida eterna de Lorde Awe durante exatos 1000 tornando-o um ser mortal.

As instruções foram claras de como deveria ser feita esta Cerimônia de transformação. Deveria acontecer hoje e com os descendentes de todas as raças, para que ficasse claro que a união de todos teria que ser permanente. Mas se passar de hoje, a prisão passará a ser um alimentador de poder de Lorde Awe, e em breve voltaria a ser extremamente forte e poderia nos escravizar novamente.

-Mas diga pai, onde é esta prisão? – Falou Haddock ansioso.

-Aqui no castelo.

-Aqui! – falou bem alto de tanta excitação – Onde?

-Lá embaixo em uma porta secreta.

De repente a porta da sala se abriu e entrou o Senhor Malcovic vestindo uma roupa toda preta e disse – estão esperando o Senhor – apontando para o meio do salão onde se encontrava os quatro Senhores, todos bem vestidos, cada um com uma roupa mais bonita que a outra, podia-se ver claramente que estavam a rigor para a cerimônia.

-Tenho que ir - disse o rei Demetrius Bartok olhando para Haddock

-Não – falou Haddock decidido - O Senhor não me contou tudo

-Quando voltar termino de contar o resto

-Não...Eu vou com o Senhor.

-Você não pode, é perigoso.

-Mais um motivo para eu ir.

-**Não** – Falou rispidamente o rei.

-É mais uma prova que não confia em mim - falou enraivecido - O senhor nunca vai me perdoar sobre o que aconteceu no passado.

-Não tem nada a ver com isso - falou para Haddock olhando para Malcovic, na esperança dele ajudar a dissuadi-lo a não querer ir.

-Senhor deixe-o ir, ele já tem responsabilidade e idade suficiente para encarar estas situações.

Haddock olhou para ele com muita satisfação, pois Malcovic era a única pessoa que confiava nele.

Bartok ficou confuso, pois Malcovic tomara a atitude contrária a que ele esperava. Ele vendo que os Senhores estavam ansiosos disse:

-Está bem - disse o Rei - de qualquer maneira temos que ir logo, porque esta cerimônia tem que acontecer na hora certa e já estamos atrasados.

Quando Haddock estava saindo Malcovic deu uma piscadela para ele, como que dizendo...Conseguimos.

Eles se juntaram ao grupo e foram para a biblioteca. Todos estavam ansiosos para começar a cerimônia e ficaram sem entender por que Bartok havia retornado à biblioteca. Ele caminhou em direção a uma das paredes onde estava esculpida a imagem de palet no parapeito de uma catedral segurando a espada Ellavrin. Haddock sempre admirou aquela imagem, pois ela transmitia poder. Bartok parou do lado de uma pilha de livros que estava em cima de uma pequena mesa. Pelo visual dos livros, não deviam ser interessantes, porque pareciam que havia anos que ninguém os lia, por que estava totalmente coberto de poeira, ele então os jogou no chão fazendo aparecer o complemento da imagem. Todos ficaram

enojados com ela, por que Palet estava pisando em uma espécie de monstro, parecia uma gárgula, mas era horrível, indescritível. Agora todos sabiam por que aqueles livros não eram lidos, na verdade estavam ali para tampar aquela imagem horrível. O rei suspirou e apertou com as duas mãos os olhos daquele ser esculpido na parede fazendo com que a parede começasse a se movimentar. Haddock ficou surpreso, pois achava que conhecia todos os labirintos secretos do castelo e ali estava à sua frente a única porta que não conhecia, a mais importante delas.

Assim que a porta terminou de abrir um ar frio tomou conta de todos, parecia abraçá-los, não com o carinho de uma brisa aconchegante e sim com a frieza da dúvida e do medo.

Todos entraram em silêncio e já em seu início se depararam com uma escadaria que pelo som causado pelo andar de todos devia desembocar em um lugar muito abaixo, bem profundo.

Bartok ia à frente abrindo caminho entre as teias de aranhas que se formaram através dos séculos. Eles sentiam um grande mau cheiro vindo das paredes úmidas que transpirava o odor do pântano, o odor da morte.

Todos estavam nervosos adentrando naquela escuridão só iluminada pela tocha carregada por Bartok, mas todos seguiam em frente na esperança de que tudo realmente fosse apenas uma lenda.

Depois de muitos lances de escadas ultrapassadas, eles chegaram ao seu final. Era apenas uma parede. As informações que tinham era que terminaria em uma porta com instruções de como abri-la. Alguns respiraram com alívio, pois pensaram que a jornada havia terminado, que realmente era uma brincadeira de mau gosto e que poderiam retornar em paz.

O silêncio era total, ninguém se atrevia a falar. O som do gotejar que os acompanharam na descida parecia ainda maior tamanho o silêncio, dava para escutar o som da respiração de todos.

Bartok sabia que tinha que ter algo mais e começou a apalpar a parede, descobrindo algumas saliências ao espalhar a poeira acumulada com o tempo. Ele acabou encontrando um desenho em baixo relevo de cinco palmas de mãos. Tudo levava a crer que era só cada um colocar a sua palma da mão ali para poderem seguir em frente. Todos se entreolharam pensando se seria tão simples assim o segredo. Todos estavam apreensivos, mas sabiam o que fazer naquele momento e então um a um forma levantando a palma esquerda da mão e colocaram na saliência, ficando estupefatos porque apesar de terem sido feitas séculos atrás, elas eram um molde perfeito da mão de cada um. Depois que todos colocaram suas mãos, sentiram um tremor vindo de dentro da parede, uma trava havia sido liberada acionando um mecanismo fazendo com que ela se movimentasse dando acesso a uma câmara.

O frio na espinha era uma sensação comum e a coragem de todos havia sido abalada e um a um foram entrando, parecia pisar em ovos tamanho o cuidado que estavam tendo.

Assim que todos entraram, ficaram surpresos com o que viram, não com o desenho de uma estrela de quatro pontas no chão e sim com a imagem acima deles, a câmara parecia não ter teto, podia-se ver o céu estrelado através dele. Sabiam que era impossível, pois estavam no subterrâneo do castelo, mas era tão real. Eles continuaram a observar cada detalhe do ambiente, tudo lhes pareciam diferente. A câmara estava limpa como se tivesse sido limpo momentos antes deles entrarem. Mais o que era mais estranho era a sensação de conforto que todos estavam sentindo, o medo havia sido substituído pela sensação de segurança, foi quando repararam uma espada pairando no ar no centro da estrela, na qual tiveram a certeza que era ela que emitia a força que estavam sentindo, ela exalava vida.

Os Srs. então caíram em si, pois sabiam que tinham uma missão a ser cumprida.

Posicionaram-se cada um em uma ponta da estrela e o Rei no centro dela empunhando a espada que flutuava. Na lamina da espada havia vários símbolos, mas eram símbolos iguais ao do cabo que ninguém ali presente poderia decifrar, pois com certeza nenhum povo de Kalena a utilizava, mas apesar do excesso de desenhos, eram harmoniosos entre si.

Eles então apontaram uma das mãos para a espada e a outra para a parede à frente que havia o mesmo desenho da estrela só que menor. Viram também uma inscrição bem grande acima da pequena estrela, sabiam que era alguma mensagem importante, mas era indecifrável.

O rei segurou firme a espada sentindo toda a sua força e a levantou apontando para a pequena estrela dizendo:

- Comecemos

- Ar é o que necessitamos para sobreviver, é o inicio de tudo, é a manifestação do desejo e o motor de todos os pensamentos, é o inicio de todas as realizações, é o verdadeiro começo da fé.

Gritou Megumi o Senhor do Leste e com isto aconteceu outra coisa inesperada, a espada empunhada por Bartok, adquiriu uma aura amarelada e pulsava em suas mãos, dava para sentir a sua força aumentando.

Em seguida foi a vez de Tafari o Senhor do Sul – Fogo que nos aquece, mas que também pode nos queimar, é a transformação, é o desejo e a energia para que a fé supere todos os obstáculos.

Agora a espada adquiriu uma aura avermelhada e mais intensa.

O próximo a falar foi Osíris o Senhor do Oeste – Água é o elemento fundamental para nosso corpo, que nutre o desejo, é a esperança que representa nossos sonhos e objetivos na vida, é a fé sendo vital para todos.

E a espada tomou uma aura azul e todos agora sentiam verdadeiramente a sua força, e neste instante ela parecia até crescer nas mãos de Bartok.

Então Marduk o Senhor do Norte que estava vestido com uma roupa verde gritou bem alto: –Terra para onde iremos um dia, é a fé concretizada, é a materialização de nossos sonhos completando nosso ciclo de vida.

E para surpresa de todos a espada começou a brilhar adquirindo uma aura esverdeada fazendo com que ela crescesse em sua plenitude e ficando maravilhosa, perfeita com seus símbolos parecendo criar vida e apesar do grande brilho que ela adquirira, não ofuscava a visão, muito pelo contrário, aumentava o desejo de olhar para ela, e apesar da espada ter

ficado um pouco maior que uma espada normal, o rei a empunhava como se ela não pesasse absolutamente nada.

E então o Rei apontou para a estrela menor e disse bem alto:

-Todos os elementos necessários para a vida estão aqui presentes para podermos glorificar a fé e purificar as nossas almas, para manter a paz e a lealdade entre todas as pessoas, com o poder que me foi concedido por nossos ancestrais, eu invoco todos os espíritos que se sacrificaram no passado para que hoje possamos acabar completamente com o mal - fez uma pequena pausa e gritou – **Agora abra** – e um feixe branco saiu da ponta da espada em direção a estrela na parede fazendo com que a parede começasse a se abrir.

Quando a passagem abriu-se completamente, uma brisa gélida substituiu toda aquela sensação de segurança, trazendo todos ao seu estado normal, fazendo com que o medo os apoderasse novamente.

- *Finalmente vocês vieram* – Uma voz gélida e assustadora saiu imediatamente de dentro da porta.

Todos se olharam apavorados, pois apesar de tudo que já haviam passado, ainda torciam para que a estória não fosse verdadeira. Mas aquela voz segura e traiçoeira parecia gelar o sangue de todos, era impossível não sentir um arrepio. Apesar da situação estar apavorante, eles ainda tinham a esperança de concretizar a missão, pois o rei ainda estava confiante e

parecia não ter sido abalado pela situação e caminhava firme em direção a entrada que havia acabado de abrir.

-**Não** – Gritou Haddock desesperado – não pai, não vá, ele é um monstro e teve muito tempo para preparar alguma armadilha!

-Filho eu tenho que ir, pois agora sabemos que tudo é verdade e somente eu poderei acabar com isto.

-Trouxe seu filhinho para ajudá-lo - disse a voz novamente – você sabia que não conseguiria sozinho, pois você deve ser tão fraco quanto seus ancestrais.

-Fraco – Gritou o Rei – Foi ele que te prendeu aqui.

-ahahahahaha – Uma risada tão sinistra que Haddock se desesperou olhando para todos os Senhores na esperança de obter ajuda, então viu que precisava fazer algo, por que ao invés de ver a imagem de líderes de nações corajosos como deveria ser, viu rostos de pessoas comuns apavoradas, que com certeza não iriam se arriscar mais do que em suas mentes pequenas já haviam arriscado, pois só não saíram correndo porque provavelmente a vergonha seria maior por tal atitude.

-Espere pai, ele de certa forma tem razão, eu vou com o Senhor para acabar tudo isto.

-Nossa, parece que o filho é mais corajoso que o pai - disse a voz em tom de sarcasmo – Venham logo, vocês esqueceram que eu estou esperando há 1000 anos por este momento.

-Fique filho, ele com certeza quer que você entre por algum motivo.

-Não pai talvez é isto que ele quer que nós pensemos, junto tenho certeza que conseguiremos.

-Filho eu não posso arriscar a sua vida.

- Não pai a vida é minha e tenho idade suficiente para decidir sobre o que fazer com ela e espero que o senhor confie em mim agora.

-Vão logo – Gritou Marduk - o tempo esta esgotando.

Então o Rei e Haddock caminharam para a porta e entraram. Passou-se um breve silêncio que parecia uma eternidade e todos os Senhores aguçaram seus ouvidos para tentar escutar algo, mas só conseguiam escutar algumas palavras intercaladas.

-Espere não o mate – escutaram a voz ao fundo.

Passaram alguns instantes e não se ouvia mais nada. De repente escutaram um grito:

-Não filho – escutaram o Rei - então mais um breve silêncio e escutaram uma voz, mas

o eco e a distância ficava difícil de saber quem estava dizendo:

– você não pode acreditar nele.

Todos estavam confusos, mas ninguém tomava a iniciativa de entrar e ajudar, pareciam que estavam congelados. Eles escutavam vozes, pareciam que estavam conversando e ninguém entendia mais nada, o silêncio imperava, parecia uma eternidade, foi quando de repente escutaram claramente o rei gritando:

– Maldito eu não esperava que...

Cabrum – uma luz forte seguida de um grande estrondo arrebentou a parede à frente jogando todos para bem longe. Passados alguns instantes e assim que a fumaça já estava se dissipando verificaram que a explosão também abrira um rombo na outra parede da prisão, abrindo uma passagem direta para o pântano e em seguida viram Haddock saindo cambaleando de dentro da sala com a roupa rasgada e toda suja de sangue e gritando:

– Deu tudo errado acho que meu pai está morto.

-O que aconteceu? – Perguntou Megumi apavorado.

-Não sei, algo aconteceu comigo, fiquei tonto, pensei que ia desmaiar, via tudo embaçado depois aquela luz forte e o barulho ensurdecedor tive a impressão de ver algo enorme no meio da fumaça e quando recobri a visão tinha sangue e pedaços da roupa de meu pai espalhada por todo lugar.

-E Lorde Awe Você o viu? E o que aconteceu com ele? – perguntou Marduk

-Ele está lá dentro preso em uma corrente acho que está morto também, não vi direito, ele está vestido com uma roupa negra com capuz.

Marduk então correu para dentro da prisão e todos ficaram em silêncio, que logo foi quebrado com o retorno dele trazendo além da espada, que agora estava em seu tamanho original e quebrada, um pedaço da roupa de Bartok.

-Bartok está morto, a explosão foi muito forte e só sobrou isto.

-E Lorde Awe? – perguntou Megumi.

- Está morto também, a explosão o atingiu forte.

-Será que a cerimônia deu certo mesmo? – disse Tafari – será que ele se transformou em mortal?

-Você tem certeza que ele está morto mesmo? – perguntou Osíris

-Claro que tenho ele não está respirando.

-Graças a Aboré, pelo menos nada aconteceu a Haddock - disse Osíris.

Todos relaxaram e sentaram, pareciam que tinham tirado um grande peso das costas.

Depois de alguns minutos a tensão foi diminuindo e a respiração de todos volta ao normal, agora tinham certeza que o perigo havia passado e que finalmente o mal havia sido

exterminado, mas ninguém sorriu por que a morte ainda se fazia presente. O rei acabara de morrer. Todos olharam ao mesmo tempo para Haddock sentado no canto da sala cabisbaixo com os olhos marejados, era uma tragédia que havia assolado a sua família. Mas todos os Senhores se entreolharam como que dizendo – porque só ele sobreviveu?

Megumi sentindo que o clima estava começando a ficar tenso novamente disse:

- Bom é melhor subirmos agora e dar uma explicação para o povo, pois eles não podem nem desconfiar sobre o que aconteceu aqui.

Neste instante para surpresa de todos, Haddock se levantou altivo caminhando em direção à saída da sala dizendo firme:

-Vamos procurar o Senhor Malcovic que ele saberá o que fazer.

Então Haddock subiu a escadaria bem rápido com todos em silêncio atrás.

Enquanto procuravam o Senhor Malcovic, repararam que todos os espelhos do castelo estavam quebrados, mas não deram muita importância, pois a explosão tinha sido muito forte.

Viram então a Senhora Edila que cuidava da arrumação do castelo.

-Cadê o Senhor Malcovic? – Perguntou Haddock.

-Ele está na enfermaria.

-O que aconteceu com ele? - perguntou Tafari

-Não sei exatamente, só sei que ele passou mal e desmaiou - disse ela meio nervosa.

- Aconteceu mais alguma coisa? – perguntou Haddock.

– há várias pessoas no salão central querendo saber o que aconteceu.

-Obrigado Edila, pode ir – disse Haddock.

-Temos que inventar uma estória, pois eles não acreditarão no ocorrido – falou Megumi.

-Haddock, diga que o forno da cozinha explodiu e que amanhã todos saberão do ocorrido – disse Marduk – mas que apesar do acidente, os festejos devem continuar.

-Você enlouqueceu – disse Megumi – O Rei morreu e você pensa em festas.

-Ele está certo Megumi – disse Osíris – nós temos que tomar pé da situação, elaborar uma estória convincente para não espalhar pânico no reino.

- Vocês esqueceram que é hoje a noite que iremos assinar o acordo – disse Marduk prosseguindo – como vamos assinar sem o rei presente.

-Pode deixar que falo com eles – disse Haddock com segurança e saiu.

-Novamente todos se entreolharam tentando entender o que aconteceu

-Vocês por acaso não estão pensando que ele seria capaz, estão? – disse Osíris

-Impossível - falou firme Megumi – O pouco de contato que tive com ele, senti que ele é uma boa pessoa, ele nunca seria capaz disso.

Calma Megumi não estamos acusando ninguém, mas quem se beneficiaria com a morte de Demetrius – Disse Marduk.

-Acho que a explosão afetou a cabeça de vocês – replicou Megumi – só porque houve uma morte, tem sempre um que se beneficia com ela.

-Normalmente – falou Tafari – mas vai dizer que você não escutou o Rei Gritando?

-Sim, mas estava muito confuso, não dá para ter certeza – continuou Megumi indo a defesa de Haddock.

-Mas eu já ouvi algumas estórias sobre ele – falou Marduk.

-Chega, não quero ouvir mais nada – disse Megumi – vocês estão condenando o garoto antes de qualquer comprovação, me admira vocês serem chefes em suas cidades.

Neste instante entra Haddock nervoso dizendo:

-Já me livrei deles – olhando para todos.

- O que você disse para eles? – perguntou Osíris.

- A verdade.

- A verdade! – todos disseram juntos.

- Quase toda a verdade, falei aquilo que o senhor Marduk sugeriu, que meu pai morreu devido a uma explosão na cozinha, e que era para encerrar os festejos e mandei decretar luto na Fortaleza do Centro.

-Apartir de hoje você tem que ser forte – disse Megumi – vá descansar agora.

Haddock então subiu e assim que entrou em seu aposento começou a chorar.

Neste instante entrou Malcovic meio pálido.

-Você conseguiu? – disse com uma ansiedade indisfarçável

Haddock olhou fixamente para ele meio que o analisando.

-Meu pai morreu.

-E então conseguiu? - prosseguiu Malcovic como se não tivesse escutado Haddock.

Haddock então começou a desconfiar, pois ele estava extremamente ansioso:

-Não, não consegui, a única coisa que consegui foi piorar a situação – e olhou firme nos olhos de Malcovic e disse em tom mais alto - meu pai morreu.

Como num estalo Malcovic caiu em si.

-Desculpe meu filho é que esperava tanto que você conseguisse para podermos ajudar a sua mãe que não dei conta do tamanho de sua outra perda. Seu pai era um homem muito nobre e tenho certeza que deve estar junto dos grandes guerreiros de sua família. Mas...

-Não quero mais falar sobre isto, já disse que não consegui.

Malcovic então se levantou e caminhou lentamente até a porta e saiu. Quando estava fechando a porta deu uma última olhada em Haddock, olhou aquela fisionomia que conhecia muito bem, ele o criou, ele sabia sempre quando ele estava mentindo, Haddock

nunca o enganara, e naquele momento também não o conseguira enganar, Malcovic tinha certeza que ele estava mentindo. Mas o que mais o intrigara era o comportamento de Haddock, por que ele estava agindo assim, ele sempre que estava fragilizado o procurava, e agora com a morte de seu pai não agiu da mesma maneira, guardou tudo para si. Alguma coisa a mais acontecera na cerimônia, algo o mudara, algo muito além da morte de seu pai. Assim que Malcovic fechou totalmente a porta, as lágrimas voltaram aos olhos de Haddock. Muitas coisas aconteceram naquelas ultimas horas, muitas informações perdidas que o deixaram confuso. Ele sempre teve dúvida se era responsável por toda infelicidade de seu pai, mas agora tinha uma certeza, ele era o culpado de sua morte. Teria que conviver com isto pelo resto de sua vida.

Depois de alguns instantes parou de chorar e pensou:

-Pai me perdoe, mas eu tive que fazer aquilo.

CAPÍTULO 8

A Clareira

Malcovic foi entrando no quarto de Haddock fazendo mais barulho do que de costume, sua intenção era acordá-lo, pois nos últimos dias era uma tarefa difícil de realizar. Haddock estava todo coberto e com o travesseiro no rosto. O quarto estava com as cortinas todas fechadas impedindo a entrada da luz do sol.

-Acorde, vamos acorde, hoje vai ser um dia muito corrido – falou Malcovic abrindo as grandes cortinas brancas com detalhes dourados.

- Nossa já amanheceu – indagou Haddock – sinceramente gostaria de nunca mais ter que acordar – continuou tristemente.

- Meu filho – era uma maneira carinhosa que Malcovic sempre o chamava quando ele estava triste.

- Já se passaram dez dias do ocorrido, você tem que se acostumar com esta situação, a vida continua.

- Acostumar com o quê? Que meu pai morreu por minha causa? – falou isto olhando para seu antebraço direito que estava coberto com uma atadura.

- Tira isto de sua cabeça Haddock, seu pai não morreu por sua causa. Você não poderia ter feito nada.

-Como você sabe, além de não estar lá, ainda estava na enfermaria – disse isto virando para o lado cobrindo novamente o rosto com o travesseiro.

-Haddock com aquela explosão, não dava para fazer nada, fico surpreso por você ter sobrevivido.

-É eu sei, na verdade todos estão surpresos. Ainda me lembro do olhar de cada Senhor quando estavam partindo de volta para suas terras. Com certeza estavam pensando a mesma coisa.

-O que você acha que eles estavam pensando?

-Que eu matei o meu pai.

-Pare com isto – falou energicamente Malcovic – ninguém está pensando isso.

Haddock recostou-se na cabeceira da cama e disse:

- Estão sim, eu não nasci ontem, tem várias pessoas que estão até evitando conversar comigo. Ontem mesmo fui dar uma volta no centro da cidade e teve até um amigo que me evitou atravessando para o outro lado da rua.

- Você está imaginando coisas, ele provavelmente apenas não havia te visto.

De repente a porta se abriu entrando frigg e Athos.

-Haddock como você dorme, o sol tá quase no meio do céu e você ainda está na cama – disse Athos.

- Vamos cara estou a fim de fazer uns arremessos de pedra – disse Frigg agitando a cama para perturbar Haddock.

Malcovic pede com o olhar ajuda dos dois para ver se eles conseguem tirar Haddock da cama e já se retirando do quarto comenta:

- Olha gente que bom que vocês chegaram, estou saindo, pois tenho muitos preparativos para fazer.

-Gente vocês vão me desculpar, mas não estou a fim de fazer nada agora – disse Haddock deitando novamente – quero continuar dormindo.

- Você acha que dormindo seus problemas vão sumir? – disse Athos – sabe a vida às vezes nos prega uma peça, faz uma brincadeira de mau gosto com a gente.

- Disso você entende muito bem! – falou Frigg

- Não, as minhas são de extremo bom gosto – retrucou Athos – mas como eu ia dizendo antes de ser interrompido por este brutamontes, a vida às vezes nos força para algumas mudanças bruscas que muitas vezes somente depois, muito depois é que nos damos conta do porque do ocorrido.

- O que você está querendo dizer com isto Athos? – disse Haddock se recostando novamente na cama.

- Haddock nada acontece por acaso, tudo tem um motivo, e precisamos encarar as novas situações, mesmo que com muita dor.

- Athos não consigo deixar de pensar em meu pai, eu sei que nós não tínhamos uma relação legal, mas era meu pai, ele era a minha família e agora estou sozinho.

- Você não está sozinho, você tem o Senhor Malcovic que como você sempre disse, você o considera como um pai, e tem seus amigos, principalmente eu e Frigg, você sabe que sempre poderá contar conosco e tem outra coisa, eu não estou dizendo para você esquecer o seu pai, muito pelo contrário, você deve sempre lembrar dele, pois ele morreu para nos salvar – salvar nosso povo de Lorde Awe.

- Sim, mas ele está morto e por minha causa.

- Não pense nisso - retrucou Frigg – Você não poderia ter feito nada.

- Acho que você está se super valorizando – disse Athos.

- Como assim? – disse Haddock.

- Seu pai era o Rei, tinha muita sabedoria, experiência, era um excelente lutador, exímio na espada e deu no que deu, por que você acha que com você seria diferente?

- Bem isto é verdade – disse Frigg.

- E então vamos levantar? - falou Athos.

Haddock ficou meio pensativo, refletindo no que Athos acabara de falar, ele então olhou para janela onde naquele momento um passarinho acabara de se empoleirar se misturando com os raios solares.

- OK, você está certo, vou tentar olhar para frente, acho que se eu for um bom rei, meu pai se orgulhará de mim e me perdoará, seja lá de onde ele estiver - disse Haddock já se levantando.

- Oba, vamos arremessar pedras – falou Frigg agora agitando bem mais a cama.

Ao entardecer Haddock volta para o castelo para se preparar para a cerimônia de coroação que aconteceria naquela noite e enquanto isto Frigg e Athos foram caminhar pela cidade.

Já havia anoitecido quando eles chegaram em uma vila mal iluminada que ficava no lado sul da Fortaleza do Centro.

- Sabe Athos, nunca gostei de vir para este lado da Fortaleza, sempre sinto arrepios quando venho por aqui.

- Por que você está dizendo isto Frigg, para mim aqui é igual a qualquer outro lugar.

- Não sei, acho que são estas construções, lembram muito as guerras, as casas são muito sombrias, e além do mais tem o jeito que as pessoas me olham, eu acho essa gente aqui muito estranha.

- Cara, olha para o lado e me diz quantos gigantes tem por aqui – disse Athos tirando uma onda de Frigg.

- Eu não sou gigante, sou um pouco mais alto do que os da minha raça e além do mais o que tem de estranho ser alto.

- Não é estranho, é diferente.

Neste instante um homem encapuzado passa por eles e por um breve momento o batimento do coração de Athos aumentou, fazendo com que ele sentisse um calafrio.

- Nossa que frio – Disse Athos.

Frigg olhou para ele como não entendendo o que ele disse?

- Vai me dizer que você não sentiu Frigg?

- O que? Não estou entendendo do que você esta falando.

- Você não sentiu uma brisa gelada.

- Tá louco, uma brisa fria com um calor desse.

- Não sei não, mas eu senti algo e foi muito esquisito.

- O que foi esquisito?

- Tive a impressão que a brisa foi causada por aquele homem que passou agora pouco pela gente, sabe aquele que estava com um capuz negro.

- Não vi homem nenhum encapuzado – disse Frigg olhando para os lados e continuou:

- Deixa de ser ridículo Athos, agora tá achando que é sensitivo – e começou a rir, deixando Athos com uma cara de que comeu e não gostou.

De repente passou um grupo de pessoas cochichando.

- Acho que tenho que concordar com você Frigg.

- Concordar com o que?

- Que o pessoal daqui são meio estranhos.

- Porque você está dizendo isto?

- Primeiro foi aquele homem encapuzado que me deu um calafrio e agora passa um grupo de homens cochichando.

- É, esta turma cochichando eu vi, será que está acontecendo algo?

- Não sei, mas você reparou que a gente praticamente só passa por mulheres?

- Sim - falou Frigg – e reparei também que os poucos homens que eu vejo estão indo para a mesma direção.
- Sério! Pra onde?
- Estão se embreando na floresta.
- É mesmo, isto é muito estranho – falou Athos coçando o queixo.
- Xiiiiiiii – disse Frigg – quando você começa a coçar o queixo é porque tá planejando algo.
- Vai me dizer que você não está curioso?
- Não – a última vez que você planejou algo nós entramos numa fria tremenda.
- Você tá querendo dizer o que?
- Você se lembra quando nós pegamos a caixa preferida de fumo do meu pai?
- Sim, e daí?
- Você disse que iria arremessá-la com bombinhas super longe e me convenceu que não iria danificá-la.
- é porque você colocou muitas bombinhas – disse Athos
- Você é que disse a quantidade que era para eu colocar.
- Tudo bem, foi um pequeno erro de cálculo.
- Só que além de arrebentar a caixa, ela pegou fogo, caiu em cima da cabana do Velho Silas e a incendiou e eu apanhei pra caramba e ainda fiquei uma semana quebrando pedra.
- Mas foi legal! Nós nos divertimos muito.
- É, mas quem se lascou foi eu e não você.
- Bom chega deste papo – falou Frigg - o que você tá planejando.
- Vamos seguir toda esta gente pra ver o que está acontecendo.
- Você quer entrar no meio do mato, e seguir este monte de gente estranha?

- Cara às vezes me surpreendo com você, com este tamanho todo e mesmo assim é medroso.

- Não sou medroso, apenas não gosto de me meter em confusão de graça.

- Sim, mas estou com um pressentimento ruim - disse Athos.

- Piorou então.

- Mas se tiver a ver com Haddock.

- Porque com ele? O que ele tem a ver com isto? – disse Frigg.

- Você se esqueceu que a coroação dele é hoje à noite e você não acha estranho este silêncio todo em dia de coroação?

- Droga você sempre me leva na conversa e sei que no final eu vou acabar me arrependendo, mas você me convenceu – disse Frigg dando uma meia volta e caminhando em direção para onde tinha visto um outro grupo de homens entrando.

A floresta estava bem escura, apesar da noite linda e enluzada, fazendo com que os dois caminhassem quase que no tato.

- Será que estamos no caminho certo? – Perguntou Athos – não estou enxergando um palmo na frente do meu nariz.

- Sim, estamos – disse Frigg com convicção.

- Como você tem tanta certeza?

- Estou sentindo as batidas de pés no chão e vem desta direção, parece que estão dançando, sei lá.

- Um monte de homens dançando deve ser engraçado – disse Athos começando a rir.

- Silêncio, escute estamos próximos – falou Frigg secamente.

Eles começaram a enxergar uma luz e caminharam em direção a ela dando de cara com uma clareira enorme no meio da floresta, que estava iluminada por muitas tochas e uma grande fogueira, onde havia centenas de pessoas conversando.

- Vamos ficar aqui – disse Athos – assim ninguém vê a gente.

- Parece uma reunião secreta –disse Frigg.

- Nossa agora virou moda, primeira foi aquela reunião no castelo e agora este monte de homens no meio do mato.

- O que será que estarão planejando? – falou Frigg.

- Não sei, mas não deve ser boa coisa.

- Porque será que estão batendo os pés? - Perguntou Frigg.

- Deve ser algum costume, talvez querem mostrar que estão presentes ou que concordam de uma certa maneira com o que vai acontecer.

Toc toc toc, um homem bem velho, com poucos cabelos e bem baixo bateu com sua bengala no chão.

-Silêncio, não escutaram as minhas batidas – gritou o velho indignado.

-Quem é ele Frigg?

-Não sei direito, eu já o vi antes, só sei que ele é uma pessoa muito importante, e pelo jeito manda por aqui.

Todas as pessoas presentes fizeram silêncio e começaram a prestar atenção no velho.

-Senhores esta é a terceira vez que nos reunimos para discutir este assunto somente nesta semana e se caso fomos agir, tem que ser logo não temos mais tempo a perder.

-Lesett se caso fomos agir mesmo, seria antes, durante ou depois da coroação? – perguntou um homem pequeno, gordo e meio corcunda.

- Ah! Agora eu sei quem é ele – disse Frigg.

- Quem? O velho?

- Sim, ele é Lesett Belsoff, o chefe do conselho dos lordes.

- Conselho dos Lordes?

- Sim, mas depois eu te explico, ele está falando – disse Frigg sinalizando para Athos fazer silêncio.

-Tem que ser antes, pois se ele for coroado não poderemos fazer mais nada.

-Gente continuo com a mesma opinião, acho que não devemos fazer nada – disse um outro homem, só que este era magro.

Esta observação fez com que todas as pessoas presentes se agitassem, sussurrando uns com os outros e olhavam para o homem magro com olhar de desprezo, dando a entender claramente que ele era o único que não concordava com aquela situação.

- No fundo todos nós sabemos que não houve nenhum acidente e que o Rei foi morto – falou um homem alto, cabelos pretos de nariz torto que estava vestido com uma batina de cor vermelha.

- Este aí eu já vi antes...Já sei, foi lá na capela – disse Athos.

- Eu sei quem é ele, é Maxwell Amon, o chefe do Cerimonial – disse Frigg completando – fica quieto senão a gente não entende nada.

Depois da intervenção de Maxwell, todos voltaram a murmurar.

- Isto mesmo Amon, tudo indica claramente que ele foi mesmo morto – confirmou Lesett.

- Primeiro vocês não tem certeza se ele foi assassinado, pois ninguém aqui presente estava lá e mesmo se tivesse sido, nós não sabemos se Haddock tem alguma coisa a ver com isto – continuou o homem magro.

-Angus – disse Lesett – nós sabemos que você gosta de Haddock, nós também gostamos dele, mas tudo indica que ele tem alguma coisa a ver com isto.

-Porquê? – insistiu Angus – ele cedo ou tarde seria o Rei.

-Para pessoas gananciosas não existe o tarde e somente o cedo – disse novamente Maxwell Amon e continuou a falar – Pessoal, na verdade não estamos querendo acusar Haddock, nós apenas queremos ter certeza sobre o que aconteceu realmente. Se ele for proclamado rei, não poderemos fazer mais nada, pois a lei é clara, o rei é totalmente imune a qualquer castigo.

- Frigg quem é aquele cara que está defendendo o Haddock?

- É Angus, ele tem um comércio lá no centro da cidade, uma vez eu fui lá com Haddock, dizem que ele é super engenhoso na confecção de armas.

Os dois fizeram silêncio novamente, pois viram que Lesett iria concluir sua observação.

- Na minha opinião acho que todos aqui gostariam de ter esta certeza, e se depois de investigarmos o ocorrido ele for inocente, ele poderá se tornar rei e todos nos estaremos com a consciência tranqüila, e não precisaremos viver na dúvida se realmente estaríamos sendo governado por um assassino.

- Sabe Lesett, esta situação me deixa meio confuso, ultimamente as coisas estão mudando muito – disse Angus.

- Do que você esta falando Angus?

- Muitas leis foram aprovadas rapidamente e coincidentemente todas as leis podem prejudicar Haddock, inclusive caso ele seja condenado poderia acontecer algo inédito aqui na Fortaleza. Ele poderia até ser...

-De novo não!

- Fica quieto Athos, quero saber o que pode acontecer com Haddock.

- Angus você esta exagerando, poderia até achar que você esta insinuando que há um complô contra Haddock.

Athos começou a esfregar o braço como que estivesse sentido frio.

-O que houve Athos?

Athos com o rosto meio estranho estava parecendo procurar algo.

-Eu senti aquela brisa estranha e fria novamente, sabe aquela que me deu calafrios.

-Acho que você está impressionado com a situação.

-Não...Olha – falando alto apontando para o fundo da clareira quase que escondido.

- Fala baixo Athos alguém pode nos escutar.

- Olha aquele homem de capuz preto - Athos disse isto apontando para dois homens bem no fundo da clareira. Estavam meio na penumbra, quase não dava para perceber a presença deles.

- Que homem, tem um monte de gente de capuz aí.

- Aquele que está lá no fundo perto de um homem de armadura.

- Qual? Aquele perto de Zelmo?

- Sei lá, nem sei quem é Zelmo – disse isto continuando a apontar para eles.

- Sim é Zelmo mesmo, ele é o chefe da guarda real e diretor da academia militar.

- Cara pára com esta besteira de sentir calafrios que você já está me assustando.

- Tudo bem acho que você está certo, acho que estou impressionado, mas que aquele ali parece o mesmo homem que passou por mim antes da gente entrar na floresta, parece.

- Como você sabe que é ele, você nem viu a cara dele.

- Não sei, mas olha para ele, você reparou que ele é o único que não baixou o capuz, parece que quer esconder o rosto.

-Estou sentindo algo diferente – disse Frigg.

- Frigg não vai passar mal hein.

- Não é disso que estou falando.

- Do que você está falando então?

- Estou sentindo um tremor no chão, mas é diferente, parece algo grande se movimentando.

- Algo grande tipo o que? Perguntou Athos olhando para os lados assustado.

- Eu não sei, nunca senti antes, mas agora parou.

Frigg começou a olhar para o outro lado procurando algo. Athos sem entender ficava só acompanhando o olhar de Frigg.

- **Veja** – gritou Frigg apontando para o outro lado da clareira.

Os dois olharam bem no fundo da floresta e viram dois pontos grandes e vermelhos brilhando, parecia dois olhos iluminados pela luz do fogo, dois olhos demoníacos escondidos no meio da floresta parecendo observar as pessoas.

- O que é aquilo? – perguntou Frigg com cara de espanto.

-Não faço a menor idéia, mas com certeza é grande e assustador.

Quando eles olham novamente para tentar descobrir o que é, os pontos já não estão mais lá, dando a impressão que sumiu ao descobrir que eles os tinha visto.

-**Corre** – gritou Athos já correndo.

- O que houve? – perguntou Frigg também começando a correr, imaginado que tinha alguma coisa a ver com aqueles olhos que eles acabaram de ver.

- Aquele cara de capuz apontou a gente para o Zelmo – disse Athos – Acho que ele escutou o seu grito.

-Não pode ser, ele estava muito longe, nem eu teria escutado.

-Bom eu não vou ficar aqui para confirmar, vamos logo, não pára de correr, temos que avisar Haddock sobre tudo isto que está acontecendo.

Eles continuaram correndo até sumirem na escuridão da floresta.

CAPÍTULO 9

A Fuga

Os dois corriam pela mata escura batendo as cabeças nos galhos, pois não dava para enxergar nada e a única coisa que pensavam naquele momento era que tinham que sair rapidamente da floresta por que sabiam que tinham sido vistos e era questão de tempo para irem atrás deles. Eles só pararam quando saíram da floresta.

- Caramba estou todo machucado – disse Athos ofegante com vários cortes no rosto e nos braços – por que você não foi na frente abrindo caminho?

- Você se esqueceu que quem saiu correndo primeiro foi você.

- Tá bom, mas vê se na próxima vez você vai na frente – disse Athos tirando os últimos pedaços de galhos ainda presos em sua roupa.

- Espero que não tenha uma próxima vez – concluiu Frigg.

- Será que aquilo eram olhos mesmos? – perguntou Frigg.

- Não sei, não dava para ver direito, mas acho que estamos ficando loucos, tudo tá muito estranho.

- Eu não sei se eu estou louco, mas com certeza você está! – disse Frigg olhando meio de lado para Athos.

- Por que você tá dizendo isto?

- Primeiro você acha que viu um homem que cria uma brisa gelada, depois acha que viu um monstro – Frigg disse isto fazendo um sinal com os dedos em torno da orelha, para mostrar que Athos estava louco mesmo.

- Eu não disse que era um monstro, eu disse que era grande, e se ser grande significa ser monstro, então você é um monstro, uma aberração.

Quando Frigg já ia revidar, Athos o interrompeu:

- Olha vamos parar com isto, por que temos algo mais importante para fazer agora.

Frigg ficou com raiva, pois queria falar mais um monte de coisa, mas calou-se porque mais uma vez Athos estava certo.

Estava começando uma chuva fina e eles acharam estranho, pois nunca chovera fora da temporada das grandes chuvas, mas não deram atenção a ela porque não podiam perder tempo, pois tempo era o que menos tinham e então saíram correndo novamente em direção ao castelo.

A porta do castelo era guarnecida apenas por dois soldados, que não se opuseram a eles, pois sabiam que eles eram amigos de Haddock e assim que chegaram no salão principal deram de cara com o Senhor Malcovic.

- Senhor Malcovic... precisamos... falar com o Haddock... urgente – disse Athos arqueando o corpo e colocando as mãos em cima dos joelhos, tentando descansar um pouco.

- Impossível ele neste momento está se preparando para a coroação e não pode ser incomodado.

- Mas é sobre a coroação que queremos conversar com ele – insistiu Frigg

- Acho que vocês não estão me entendendo, já disse que é impossível.

- Mas Malco – disse Athos fazendo uma cara de pedinte.

-Senhor Malcovic, por favor – falou ele asperamente.

- Senhor estão tramando contra ele – falou Frigg.

Frigg disse isto na expectativa que o senhor Malcovic iria dar atenção a eles, pois sabia que ele era como um pai para Haddock e não permitiria que nada acontecesse com ele. Mas a resposta que recebeu foi totalmente diferente da que esperava:

- Vocês jovens têm uma imaginação bem fértil, não sei da onde vocês tiram estas idéias absurdas. Agora parem com isto e subam para o aposento que hoje esta reservado para vocês, pois as roupas que vocês vão usar a noite já estão lá e eu sugiro que as experimente, pois se tiver que acertar algum detalhe dá tempo da costureira consertar, pois se vocês não se lembram, vocês são convidados especiais e se postarão junto ao rei e tudo tem que estar certo nos mínimos detalhes.

- O senhor não está entendendo...- disse Athos já alterando a voz, mas parou de falar por que Malcovic virou-se e não deu mais atenção a eles e saiu em direção à escadaria que dava acesso ao quarto de Haddock se postando ali dando a clara mensagem de que não deixaria eles incomodarem Haddock.

Os aposentos do castelo ficavam na mesma torre, mas o deles ficava do lado oposto e bem abaixo do de Haddock e para piorar a escadaria de acesso era separado e como eles viram que não conseguiriam passar pelo Senhor Malcovic foram direto para o aposento reservado a eles e assim que chegaram no quarto ficaram andando de um lado para outro impacientes. Eles estavam preocupados e confusos, não sabiam o que fazer.

- O que será que eles decidiram? – perguntou Athos.

- Não faço a menor idéia, talvez Angus conseguiu convencê-los a tirar da cabeça aquela idéia ridícula de impedir a coroação hoje – Frigg disse isto não muito convicto.

- Acho difícil.

- Por que você está dizendo isto Athos?

- Angus insinuou que eles estavam fazendo um complô.
- E tem outra coisa – disse Frigg – se ele for condenado pode acontecer algo de ruim para ele.
- O que pode acontecer Frigg?
- Não sei, pois na hora que Angus ia dizer você atrapalhou.
- Agora é culpa minha né! – disse Athos em tom de desafio.

Frigg não disse nada, sabia que seria uma discussão sem sentido, eles naquele momento estavam se sentiam impotentes e então apesar de estarem ansiosos foram deitar na cama para descansarem. Ficaram ali imóveis olhando para as pinturas que estava no teto do quarto.

A pintura retratava uma das guerras vencidas no passado, uma cena que inspirava qualquer um a nunca desistir de lutar. Eles estavam pensando quando falaram ao mesmo tempo:

- Precisamos fazer algo – disseram isto já se levantando da cama.
- Precisamos ir lá no quarto do Haddock urgente – Athos disse isto respirando fundo e levando as mãos no rosto demonstrando uma grande preocupação.
- Eu sei, mas o Malcovic...
- Senhor Malcovic, por favor – disse Athos imitando ele.
- Temos que arrumar um jeito de passar por ele – completou Frigg.

Os dois começaram a pensar, até que Frigg chegou próximo à janela e olhando para fora disse:

- Só tem um jeito!
- Qual? – perguntou Athos com ansiedade misturada com curiosidade e caminhando em direção à janela.
- Vamos passar por fora da torre.

- Você está louco, olha só a altura daqui, além do mais como nós poderíamos fazer isto?

- O quarto do Haddock fica acima do nosso do outro lado da torre, mas o quarto dele tem uma varanda enorme que dá até este lado da torre, se conseguirmos uma corda eu posso arremessá-la e podemos subir por ela.

- Você realmente tá ficando louco, você acha mesmo que eu vou sair lá fora e ficar pendurado em uma corda, cara nem morto eu encaro esta.

- Oh gênio, você tem idéia melhor?

Athos ficou ali pensando, andava de um lado para o outro e de vez em quando olhava pela janela. Ao lado da cama havia também uma ampulheta que marcava o tempo, fazendo-o lembrar que o tempo não pára.

- Tudo bem, tudo bem, ok vamos nessa – disse Athos e completou - enquanto estava aqui pensando lembrei que lá na sala de armas tem uma corda com um gancho, aquelas que antigamente os guerreiros usavam para invadir castelos.

- Então precisamos pegá-la, mas não podemos demorar, pois o tempo está passando – disse Frigg.

Athos então foi sozinho pegar a corda, pois com o tamanho de Frigg com certeza eles seriam descobertos. Ele desceu lentamente para não fazer barulho para que o senhor Malcovic não o visse, mas para a surpresa dele, Malcovic não estava mais no pé da escada. Imediatamente Athos subiu a escada para conversar com Haddock, mas ao final da escada havia uma porta que dava direto no corredor dos aposentos reais, mas para sua infelicidade estava trancada, e mesmo se batesse nela Haddock não escutaria e o barulho também acabaria alertando Malcovic. Athos desceu desanimado, mas firme em seguir o que antes havia planejado. Entrou na sala de armas e pegou a corda que tanto precisava. Era uma corda antiga que o deixava na dúvida se ainda era resistente como no passado. Quando ele

já estava retornando passou em frente da biblioteca que estava com a porta semi aberta e escutou um homem quase que sussurrando:

- Fique tranqüilo está tudo sobre controle, vai sair tudo como planejado.

Athos tentou ver quem estava na biblioteca, mas as pessoas estavam em uma posição difícil de ver, e ele sabia que se tentasse abrir a porta seria visto, pois aquela porta era muito antiga e rangeria no menor movimento. Athos sabia que tinha que ser rápido e pensou também que devia ser alguma coisa relacionada com os preparativos da festa de coroação.

Assim que Athos chegou no quarto contou para Frigg o que escutara e ele acabou concluindo a mesma coisa.

Athos então entregou a corda para Frigg e disse em tom de desafio:

- Olha Frigg já fiz a minha parte e agora faça a sua, vamos ver se você é mesmo bom em arremesso.

- Eu sou o campeão da Fortaleza do Centro esqueceu, olha só e aprende com o mestre.

Quando abriram a janela um vento forte os atingiu, a chuva já não era tão fraca igual a que pegaram quando saíram da floresta.

- Está chovendo muito forte – disse Athos com cara de espanto.

- Agora não dá para voltar, temos que encarar ela agora, não podemos esperar a chuva passar.

- Você é mesmo louco, eu não vou sair com este tempo não – disse Athos – Talvez eles decidiram que não vão fazer nada e acaba a gente arriscando a vida por nada.

- Pela quantidade de gente que estava apoiando o Haddock você acredita mesmo que eles vão deixar ele ser rei? – Perguntou Frigg.

- Mas e daí ele só vai ser julgado e como nós sabemos que ele é inocente tudo vai acabar bem – Athos disse isto fechando novamente a janela.

- Athos eu também estou com medo de subir ali, mas você acha que toda aquela gente lá reunida é só para julgá-lo e depois dar a coroa para ele.

- O que você acha que esta acontecendo? – perguntou Athos.

- Não sei, mas meu pai entende muito de política, e ele sempre disse que quando você ver, Maxwell Amon, Lesett Belsoff e Zelmo reunidos, boa coisa não deve ser e olha que ele nem viu eles numa reunião secreta no meio da floresta.

- Isto realmente é suspeito – concluiu Athos.

- E tem outra coisa, pode ser um complô mesmo e também não sabemos o que vai acontecer com o Haddock se ele for condenado.

- Bom olhando por este ângulo, acho que Haddock está mesmo correndo algum perigo, então é melhor continuarmos com o nosso plano.

Eles então abriram novamente a janela meio indecisos, mas sabiam que tinham que seguir em frente. Frigg então arremessou a corda ao alto da torre que se prendeu na primeira tentativa, fazendo com que ele olhasse para Athos com certo desdém.

A chuva dificultava a visão e a subida deles, mas mesmo assim eles estavam decididos a continuar, então subiram na janela e começaram a subir a corda indo Athos na frente sendo seguido por Frigg.

- Cara isto é alto demais – falou Athos meio nervoso olhando para baixo.

- Não olhe para baixo que você sobe mais rápido – disse Frigg com mais segurança.

De repente tiveram a sensação da corda estar roendo, pois ela era muito velha e o peso de Frigg era muito grande.

- Ela vai arrebentar – gritou Athos apavorado.

- Vai logo, não apavora esta corda apesar de antiga é muito forte.

- Apavorar, quem está apavorado – disse Athos com os dentes rangendo.

-Vai logo, vai logo – começou a gritar Frigg.

- Estou indo o mais rápido que posso.

A corda novamente dá um tranco e agora eles tinham certeza que ela estava arrebetando.

- Vamos voltar – gritou Athos já fazendo um movimento para baixo.

- Pára com isto Athos, vai depressa, ela não vai agüentar muito tempo.

Frigg começou a sentir medo, pois não dava mais para voltar porque eles estavam mais perto do andar de cima do que da janela do aposento. Frigg agora olhava com frequência para baixo. A chuva deixava a corda muito escorregadia impedindo-os de irem mais rápidos. A frequência dos solavancos da corda começava a aumentar, indicando que o tempo estava se esgotando.

Athos de repente parou e olhou fixo para cima imaginando a corda arrebetando e em meio ao seu desespero, sentiu uma sensação estranha, os gritos de Frigg parecia não chegar até ele, o som se perdia no vento forte, seu corpo parecia formigar, seria isto a sensação da morte iminente, era uma sensação que nunca sentira antes, sua visão se desfocara causando-lhe uma tontura.

- O que estou sentindo? – Athos se perguntara.

Ele estava com a adrenalina no máximo, já não sentia mais a corda escorregadia, parecia que estava seca, tão seca e áspera que parecia penetrar-lhe as mãos, era esquisito, a corda parecia pulsar dentro dele e ao mesmo tempo era doloroso, mas era forte, sim uma força que ele nunca havia experimentado; Neste instante ele teve um momento que para ele devia ser uma loucura causada pelo desespero, as gotas de chuva pareciam cair mais lento quase parando no ar. Athos já não sentia tontura e sua visão já não estava tão turva, muito pelo

contrário nunca enxergara tão bem e em meio àquela situação uma palavra lhe veio à mente:

- Remende – E uma forte dor lhe atingiu o peito e ele sentiu toda a sua força ser transferida para suas mãos e a corda que estava prestes a arrebentar se remendou e a visão de Athos escureceu, sabia que iria desmaiar, não tinha mais força e se soltou da corda, seu corpo inclinou para trás para uma queda mortal, mas neste instante Frigg esticou seu braço e conseguiu segurá-lo a tempo de evitar a sua morte e colocou-o em seu ombro e o carregou até o andar superior.

- Acorda Athos, acorda – gritava Frigg batendo-lhe no rosto.

Athos acordou assustado, perguntando o que havia acontecido.

- Eu é que te pergunto, você de repente inclinou para trás e soltou-se da corda, sorte sua eu ter tido tempo de te segurar.

- E a corda? – perguntou Athos assustado – não arrebentou?

- Acho que foi alarme falso – disse isto mostrando a corda.

A corda estava intacta, não tinha um único fio da amarra arrebentado.

- Acho que estava apavorado mesmo, tive a impressão que ela tinha arrebentado – disse Athos.

- É eu também, mas vamos embora, o tempo está se esgotando.

Então eles pularam da marquise para a varanda do quarto de Haddock e seguiram até a porta de vidro, vendo Haddock sentado na cama apertando a parte enfaixada do braço perdido em pensamentos. Eles então bateram com tanta força na porta que trincou um dos vidros dela. Haddock deu um pulo assustado e disse:

- Gente o que vocês estão fazendo aí?- Perguntou Haddock

- Abre esta porta logo antes que a gente congele aqui – disse Athos.

Haddock abriu a porta e depois se virou indo em direção ao pé da cama fazendo um gesto que iria começar a trocar sua roupa pela que usaria na coroação.

- Precisamos lhe falar e é urgente –disse Frigg meio atabalhado e assim que viu um prato biscoito que estava em cima do criado mudo foi em direção a ele.

- Estão planejando algo contra você Haddock – concluiu Athos.

- Vocês estão doidos, quem iria fazer alguma coisa contra mim, esqueceram que hoje me tornarei Rei!

Eles então contaram exatamente o que havia acontecido na floresta.

Haddock começou a rir e disse:

- Já sei é mais uma armação sua né Athos? Você está querendo pregar uma peça em mim né?

Os dois ficaram sem entender nada.

- Você tá achando que eu e Frigg subimos uma corda em pleno temporal só para pregar uma peça?

Haddock então olhou os dois dos pés a cabeça e realmente não seria nada inteligente fazer isto tudo por causa de uma brincadeira.

- Será que Lessett e Amon estão querendo me prejudicar? – Haddock disse isto andando de um lado para o outro impacientemente.

- Quem são eles exatamente? – perguntou Athos.

- Lessett Belsoff é o chefe do Conselho e Maxwell Amon é o chefe do cerimonial religioso.

- Que conselho? – perguntou Athos puxando o prato da mão de Frigg.

- O conselho dos Lordes, que é formado pelas pessoas mais respeitadas da cidade.

- Já sei, os ricos para comandar os pobres – falou Athos com voz de deboche.

- Não, são pessoas indicadas pelo povo por cada setor da sociedade, até o Ferreiro Amynthas fazia parte.

- Aquele amigo seu, o tal de Angus estava lá te defendendo – disse Frigg tirando o prato da mão de Athos.

- Sim ele é gente boa, me conhece desde pequeno.

- Mas para que serve este conselho? – perguntou Athos.

- Quando o rei decide alguma coisa, é o conselho dos lordes que criam as leis para que a vontade do rei prevaleça.

- Mas então o que vamos fazer agora? – perguntou Frigg ansioso.

- É melhor procurar Malco.

- Não sei não – disse Athos – ele parece que tá meio virado hoje.

- Mas ele saberá o que fazer vamos – disse Haddock já indo na direção da porta do aposento.

Eles saíram à procura do Senhor Malcovic que estava na sala principal do castelo sentado no trono do Rei, parecia conversar sozinho, mas quando viu eles chegando, levantou-se assustado e foi de encontro a eles.

- Eu não disse que não era para perturbá-lo – disse Malcovic olhado para Frigg e Athos.

- Não Malco, eles fizeram bem, pois me contaram que estão planejando algo contra mim.

- E o senhor acreditou nesta fantasia deles?

- Eles não iriam mentir para mim – disse Haddock bem firme e continuou:

- O senhor não viu nada de suspeito acontecendo nos últimos dias? – perguntou Haddock.

- Nada de importante – completou Malcovic.

- Eu decido o que é importante – disse Haddock com veemência.

- Senhor Haddock eu já havia escutado alguns boatos, mas...

- Alguns boatos – falou Haddock com o olhar surpreso para Malcovic.

- Sim, mas não era nada de mais.

- Nada de mais – falou Athos – conta tudo pra ele.

Apesar de Athos dizer no mesmo tom de Haddock, Malcovic não falou nada.

-Vamos conte – emendou Frigg cheio de confiança quando viu que Malcovic estava encurralado.

- Senhor eu ouvi dizer que o Conselho não quer que o senhor seja coroadado hoje.

- Você acha que isto não é nada de mais? – disse Athos.

- Fica quieto – disse Haddock para Athos e continuou a falar com Malcovic:

- Por que?

- Porque o povo está pensando que não foi um acidente a morte de seu pai.

- Todos acham que eu sou um assassino certo?

- Não senhor, mas algumas pessoas pensam nesta possibilidade e se o Senhor for coroadado vai ser muito difícil apurar os fatos.

- Acho que já me condenaram – disse meio desanimado e sentando em uma cadeira.

- Não senhor eles só querem apurar os fatos, pode ficar tranqüilo.

- Por que eles iriam se reunir as escondida, se não fosse muito sério? – disse Haddock.

- Senhor vá para o seu aposento que eu vou ver o que posso fazer para que a coroação não seja interrompida.

- Obrigado Malco, não sei o que eu faria sem você.

Frigg e Athos se olharam com uma cara que como se diz – acho que você estaria bem melhor, pois os dois depois de hoje não estavam muito contentes com ele. Eles então subiram para o quarto com Haddock.

Eles estavam conversando normalmente quando Frigg começou a escutar um som diferente no ar e assim pediu para que todos ficassem em silêncio e concentrou todo seu pensamento para poder ouvir melhor e caminhou até a janela do aposento sendo seguido por Athos e Haddock que não estavam entendendo nada. Frigg abriu a janela e forçou sua visão através da chuva que naquele momento já não estava mais forte para ver se via alguma coisa. Olhando para o horizonte viu alguns pontos de luz em movimento.

- O que é aquilo Frigg? – perguntou Athos.

- Parece que são pessoas caminhando em direção ao castelo – concluiu Haddock.

Neste instante escutaram a porta de abrir abruptamente e assustados olharam para trás e viram Malcovic pálido e estático olhando para eles.

- Senhor, senhor não tenho boas notícias! – Malcovic disse isto meio gaguejando.

- O que houve?Fale logo! – disse Haddock.

- Lesett, Maxwell Amon e zelmo estão lá embaixo no salão de entrada.

- Eles querem mesmo impedir a minha coroação? – Haddock disse isso se sentando na cama e ficando pálido igual ao senhor Malcovic.

- Sim, eles disseram que é um clamor popular e vieram na frente para impedir que algo de ruim aconteça.

- O que eles querem exatamente?

- Eles querem que o senhor se entregue a eles antes do povo chegar no castelo, por que o povo está muito revoltado.

Frigg vendo Haddock e o senhor Malcovic nervosos e tentando melhorar o clima disse:

- Gente me diz uma coisa, na morte do Rei o filho não sobe ao trono automaticamente?

- Não é uma mera formalidade a cerimônia desta noite? – completou Athos tentando ajudar Frigg e achar alguma solução naquele momento.

- Não, não sobe automaticamente, se o rei ainda estivesse vivo poderia passar o trono direto, como não é este o caso, tem que passar pelo conselho dos Lordes e aí eles decidem se ele é capacitado ou não para assumir o cargo e respondendo a segunda pergunta – disse isto olhando com desprezo para os dois – Não é uma mera formalidade, Haddock só se tornará rei quando a coroa for colocada em sua cabeça com as bênçãos de Maxwell Amon que é o chefe do cerimonial.

- Mas eles já me aprovaram como rei – disse Haddock esperançoso.

- Sim, mas como é o povo que esta pedindo o julgamento, eles voltaram atrás em sua decisão.

- Acho que devíamos ter contado a verdade para eles – disse Haddock

- Eles nunca iriam acreditar, porque esta estória foi passada somente dentro de sua família e das dos Senhores, e houve um juramento que nunca deveriam contar para outra pessoa que não fosse descendente da mesma família.

- Mas o rei contou para você né – disse Athos irritado para Malcovic.

- Isto não vem ao caso neste momento – disse Malcovic.

- O que vai acontecer agora? – disse Haddock - E se me condenarem?

- Não pense nisso! – disse o Senhor Malcovic.

- Você não me escutou – disse Haddock irritado - E se me condenarem?

Malcovic olhou sério para Haddock, mas permaneceu em silêncio. Demonstrava que queria dizer algo, mas estava sem jeito de falar. Ficou um momento de silêncio, fazendo com que Haddock visse que tinha sido muito rude com Malcovic.

- Desculpe Malco, eu não deveria ter gritado com você, agora fala, estou vendo que você quer dizer algo, mas não consegue. Pode dizer, eu acredito que não tem como piorar mais as coisas.

- Haddock infelizmente existe uma possibilidade ruim se caso o senhor for condenado.
 - E qual é?
 - O senhor pode ser queimado em praça pública.
 - Como? Não pode ser, a pena de morte foi banida de nossas terras.
 - Não senhor, é que recentemente foi aprovada uma lei que a única possibilidade de pena de morte, é se cometer um assassinato.
 - Mas eu não cometi – continuou Haddock com um olhar de surpresa – então eles pensam mesmo que eu matei meu próprio pai!
 - Infelizmente é o que muitos estão pensando no momento – disse Malcovic - Fique tranqüilo, não acho que se chegaria a tanto, pois tem que ser provado e ainda condenado por unanimidade e nenhum deles participaram da cerimônia, então não tem como provar nada.
 - Malco eu não estou entendendo por que você não me disse nada.
 - É que não achei que isso iria acontecer de verdade, e como o senhor quase não saiu de seu quarto por que estava angustiado com a morte de seu pai, eu não quis preocupá-lo mais.
 - Isto está parecendo armação – disse Athos cortando o clima ameno em que se encontravam naquele momento, trazendo todos de volta à situação de perigo iminente.
- Todos ficaram em silêncio por alguns instantes olhando para Athos e refletindo sobre o assunto. O silêncio só foi quebrado com uma pergunta feita por Haddock.
- Se eu for condenado quem assumi o poder?
 - O presidente do conselho, que no caso é Lessett.
 - Se eu me entregar agora o que vai acontecer?
 - O senhor será preso até que seja julgado.
 - Mas eu sou o futuro rei, não posso ficar aqui esperando o julgamento?

- Na nova lei que foi aprovada não, pois acham que o réu pode fugir se sentir que o julgamento esta desfavorável a ele.

- Então vamos fugir agora – disse Frigg – acho que o que querem é seu lugar e com certeza não vão investigar nada, acho que no fundo querem é sua cabeça Haddock.

- Não tem como fugir, o castelo está todo cercado – disse o Senhor Malcovic.

- Tem que ter uma saída – disse Athos

- Se o Senhor Fugir estará se auto condenando e ficando poderemos te defender.

- Quem vai defender ele? – perguntou Athos para Malcovic olhando de rabo de olho para Frigg.

- Eu! – disse Malcovic.

- Acho que a primeira opção é melhor – disse Athos, arrancando um olhar gélido de Malcovic.

De repente ouviram um estrondo, era o portão de entrada do castelo que dava direto no jardim da frente que havia sido derrubado. Os gritos momentaneamente havia cessado. Todos foram até a janela e viram que Maxwell estava conversando com eles tentando acalmá-los, dava para sentir no ar o clima de tensão que havia sido instalado naquele momento. Todos ficaram sem entender por que o povo estava tão enraivecido.

Frigg e Haddock saíram correndo do quarto descendo a escadaria que dava no salão principal, onde havia uma porta enorme que separava o salão da sala de entrada. Haddock passou a chave na porta enquanto Frigg colocava uma madeira para reforçá-la para impedir que passassem por ali.

Nisso quando o Senhor Malcovic ia começando a descer a escada, Athos deu uma rasteira nele, como se tivesse sido sem querer, fazendo com que ele rolasse escadaria abaixo, chegando ao final dela desacordado.

- Que aconteceu? – perguntou Haddock assustado.

- Ele tropeçou e caiu – disse Athos na esperança que ele acreditasse na estória.

- E essa agora, o que vamos fazer? – disse Haddock olhando para Malcovic estendido no chão.

- Precisamos achar uma saída urgente – disse Frigg.

- Não tem saída – disse Haddock desesperado – você não escutou o senhor Malcovic dizer? Eles então escutaram outro estrondo, era a porta da frente sendo aberta com muita força, que junto ao som dos gritos das pessoas fazia com que o desespero ecoasse por todo o castelo.

As pessoas gritavam injurias contra Haddock que naquele momento não podia fazer nada. Ele se sentia acuado no canto do salão, inerte. O desespero tomara conta dele, fazendo sair lágrimas de seus olhos.

- Eu não quero morrer, eu não quero morrer - gritava Haddock sem parar.

O barulho que vinha da ante-sala do castelo era ensurdecedor, parecia que o povo estava extravasando todo seu ódio e deixava todos apavorados sem saber o que fazer.

- Não deixem me pegar – gritava Haddock parecendo uma criança quando foge com medo de apanhar.

As pessoas começaram a bater na porta tentando derrubá-la, aumentando a tensão do local.

Athos começou a sacudir Haddock e gritava com ele:

- Pense Haddock tem que ter uma saída.

- Não tem - disse Haddock chorando sentando no chão e colocando a cabeça entre as pernas.

- Não é possível – disse Frigg – você sempre disse que conhecia todas as passagens secretas do castelo, deve ter alguma por aqui.

- Já sei – gritou Athos – vamos descer até a prisão onde houve a cerimônia de transformação, é a nossa única saída.

- Pelo pântano? Você está louco – disse Haddock começando a se acalmar.

- Pelo que estou vendo é a melhor opção – disse Frigg – ou você quer ir preso?

Haddock levantou-se e começou a pensar em todas as possibilidades e realmente a única saída seria pelo pântano.

- Como o senhor pretende fazer para chegar na biblioteca – disse o Senhor Malcovic já acordando – a entrada dela fica na ante-sala, que está cheio de pessoas que querem pegá-lo.

- Lá vem a boca de urubu novamente – falou Frigg baixinho para Athos.

As pessoas pareciam sentir que eles estavam planejando algo e começaram a intensificar as batidas na porta. Para a sorte deles as portas do castelo eram muito resistentes, pois foram feitas para proteger em caso de uma invasão ao castelo em tempo de guerra. Eles escutavam os gritos revoltados, deixando todos tensos, mas esta situação dava uma certeza a Haddock, a que provavelmente ele não teria nenhum julgamento se conseguissem pegá-lo. Pelos gritos parecia que eles queriam queimá-lo hoje mesmo.

- Nós vamos pela entrada secreta da sala de armas Malco – disse Haddock – não se preocupe comigo, estarei bem.

- Vamos logo eles estão quase quebrando a porta – disse Athos.

Eles então correram até a sala de armas e quando entraram nela estavam tão apavorados que derrubavam tudo que viam pela frente e assim que Haddock abaixou a espada para abrir a passagem secreta tiveram uma surpresa desagradável, a porta só abriu alguns centímetros e parou.

- Não é possível parece que tudo conspira contra nós – gritou Haddock.

- E agora o que faremos? – perguntou Frigg quando ouviu derrubarem a porta que dava acesso ao salão principal e em fração de segundos o povo já estava na porta da sala de armas batendo aos gritos:

- Vocês não vão escapar! Nós vingaremos Bartok! Nosso verdadeiro rei.

- Meu Deus eu não agüento mais, vou me entregar – disse Haddock.

- Você está louco – disse Athos.

- Não, talvez este é meu único momento de lucidez, pois se derrubarem esta porta além de mim, eles vão pegar vocês também e não é justo vocês se prejudicarem por mim.

- Agora não tem mais volta – disse Frigg – temos que tentar abrir esta porta.

- Como? – perguntara Haddock fraquejando novamente.

- Precisamos achar alguma coisa que sirva de alavanca – disse Frigg.

- Ali – falou Athos apontando para duas lanças no canto da sala.

O barulho das pancadas na porta estava só aumentando dando a impressão que a porta começava a ceder.

- Estamos fritos, eles estão quase derrubando esta porta – disse Athos.

Frigg e Haddock encaixaram as lanças no pequeno vão que havia sido aberto e começaram a forçar a passagem, mas ela não cedia nenhum pouco.

-Vão logo – gritou Athos apavorado – eles estão quase conseguindo arrebentar a porta.

- Para de repetir isto, nós não somos surdos e nem cegos – gritou Frigg.

Enquanto Frigg e Haddock iam tentando forçar a porta para abrir e o tempo ia passando mais Athos ia ficando apavorado com o barulho das pessoas na porta. De repente Athos começou a gritar igual um louco.

- Abre, abre, abre.

- Pirou de vez – disse Frigg – pára com isto Athos isto não é hora de brincadeiras.

- Cala a boca – disse Athos apavorado – talvez dê certo.

- O que pode dar certo? – perguntou Haddock conseguindo abrir um pouco a parede e com isso Athos deu um pulo e gritou com toda a força que podia:

- Abreeeee!

Neste instante Frigg forçou mais e acabou conseguindo abrir a porta e ficou olhando para Athos sem entender nada.

Eles correram para dentro da passagem foi quando Haddock viu a espada que seu pai usou na cerimônia de transformação bem próximo da porta, que estava preste a cair no chão devido às vibrações causadas pelas batidas na porta de seus perseguidores.

- Aonde você vai? - Perguntou Frigg.

- Vou pegar a espada.

- Não seja louco, deixe esta espada quebrada aí – insistiu Frigg.

-Não, não posso – e saiu correndo pegando todas as partes da espada e acionou a alavanca interna de fechamento da porta que para a sorte deles funcionou fazendo com que a porta secreta começasse a se fechar. Neste momento as pessoas que batiam na porta conseguiram derrubá-la vendo que eles estavam saindo pela porta secreta, mas não dando tempo de pegá-los.

-Quando chegaram na biblioteca tentaram abrir a porta secreta que dava acesso à prisão que também não estava abrindo.

- Não é possível esta porta também esta emperrada – disse Frigg.

- Não, ela não está emperrada, o senhor Malcovic que mandou lacrá-la bem com medo de alguma coisa do pântano subir por aí – disse Haddock.

- Caramba, se você sabia que estava lacrada por que não disse antes? – perguntou Athos.

- Eu esqueci, estava apavorado.

- Mas por que o Malcovic não disse nada – falou Athos.

- Esquece ele – disse Frigg ríspidamente.

A biblioteca estava totalmente em silêncio, fazendo com que eles se acalmassem.

- Acho que estamos seguros aqui – disse Athos.

- Por que você diz isso? – perguntou Frigg.

- É que eles viram a gente saindo pela passagem secreta, provavelmente acham que saímos do castelo e vão sair para procurar a gente – disse Athos.

- Isto é verdade, vamos ficar quietos aqui até todos saírem e aí eu penso o que fazer – disse Haddock.

- Bam. Bam, Bam – ouviram as batidas na porta e os gritos retornando:

- Abram esta porta, nós sabemos que vocês estão aí!

- Não é possível como eles descobriram que estávamos aqui – disse Haddock surpreso.

- Frigg e Athos se olharam, mas não fizeram nenhum comentário.

Haddock começou a bater com a parte de trás da sua espada em torno da parede e disse:

- Esta parede parece que é mais fraca do que a outra da passagem secreta, será que você não consegue derrubá-la Frigg?

- Não sei, mas posso tentar – disse isto já indo na direção dela e começando a bater insistentemente.

- Nossa esta porta pode até ser mais fina, mas é dura pra caramba – disse Frigg ofegante.

- Larga de ser mole Frigg, não para não, é nossa única esperança – disse Athos nervoso olhando para a porta da biblioteca que naquele momento acabara de silenciar o barulho ensurdecedor das batidas.

- Abram esta porta, vocês não tem como escapar – era a voz de Zelmo gritando agora.

- Pare de tentar escapar Haddock, não queremos lhe fazer mal – disse lesett – só queremos apurar os fatos.

Enquanto isto Frigg ia tentando abrir a passagem, mas já não tinha mais forças e acabou caindo no chão de tanto cansaço.

-Estamos perdidos – disse Haddock – é melhor eu me entregar senão como eu disse antes vocês acabarão se prejudicando também.

- Você é louco, você acha que se eles quisessem só apurar eles teriam feito tanto barulho - disse Athos.

- Frigg você é nossa única esperança – completou Athos desmoronando em uma cadeira, se entregando ao cansaço.

-Por que você estava gritando lá na sala de armas Athos? – perguntou Frigg.

- Olha eu vou dizer, mas não ri não.

Athos olhou para os dois e disse meio sem graça:

- É que eu achava que tinha um poder mágico.

- Sabe Athos acho que você tá ficando louco mesmo ou não, pois eu consegui abri-la no momento que você gritou mais forte, de repente você tem um poder mesmo.

-Acho que não, acho que foi apenas coincidência.

- E se tiver mesmo, por que você não tenta derrubar esta parede só com o seu poder.

- Gente parem com isto, agora não é hora para estas besteiras – disse Haddock.

- Você tem alguma idéia melhor – gritou Frigg já olhando para Athos incentivando ele tentar.

- Abre, abre, abre – gritou Athos – tá vendo não adianta, foi só coincidência.

- Faz direito, grita com vontade – disse Frigg.

- Chega, pára com isto Frigg, pare de me perturbar, eu não sou mágico, e você sabe disso.

Athos começou a andar em círculo extremamente nervoso e prosseguiu falando:

- Quer saber de uma coisa, para mim a culpa é toda sua.

- Minha culpa! – disse Frigg.

- Sim, como pode um homem deste tamanho que sempre disse que é super forte, não conseguir quebrar uma parede desta. Para mim sua incompetência consegue ser maior que você.

-Espera aí, eu não sou incompetente não, e quem nos colocou neste enrascada foi você e não eu.

- Euuuu!

-Sim foi você que inventou de ir lá na floresta...

-Gente, não adianta brigar agora, não resolve nada - disse Haddock – Frigg você realmente é nossa ultima esperança, pois agora precisamos de força e realmente você sempre disse que tinha força de sobra!

- Gente não é que eu não quero é que esta parede tá dura demais, vocês não estão vendo que estou tentando, mas eu não consigo.

As batidas na porta começaram novamente, trazendo o medo de volta. Athos não parava de brigar com Frigg e enquanto isto Haddock os olhava lembrando momentos que os três já haviam passado e sempre os dois acabam discutindo, mas no final tudo sempre dava certo, aqueles eram amigos de verdade, amigos que ele sabia que não podia deixar morrer junto com ele. Haddock sabia o que fazer e começou a caminhar em direção à porta para se entregar, quando começou a levantar a madeira que impedia seus perseguidores de entrarem na biblioteca uma mão forte e grande segurou-lhe no ombro:

- Nós ainda não desistimos – disse Frigg para ele.

Haddock olhou para trás e se deparou com os dois olhando para ele.

- Nós ainda não desistimos – disse agora Athos – e não aceitamos que você desista também.

- Calma você disse que eu sou a última esperança, então a decisão tem que ser minha.

Frigg mandou Haddock dar espaço para ele e apesar do intenso barulho Frigg começou a se concentrar e disse:

- Eu não posso falhar agora, ou melhor, eu não vou falhar agora.

Frigg sabia que não podia deixá-los na mão e então abaixou seu rosto fixando seus olhos no chão como que pedindo ajuda às pedras e começou a juntar forças. Sabia que não podia ter medo de se machucar, precisava bater naquela parede com a maior força possível, mesmo que isto lhe custasse alguns ossos quebrados. Começou a inspirar e expirar o ar cada vez mais rápido e a ranger os dentes, o ar parecia sair quente de suas narinas e sua concentração ia cada vez aumentando mais, cada vez mais até que seus músculos se enrijeceram fazendo suas veias brotarem em todo seu corpo, sua adrenalina estava no máximo, e seu corpo parecia agora crescer. Ele então levantou seu rosto e olhou para a parede que agora era sua maior inimiga, tudo parecia sumir, era ele contra aquela parede que insiste em se manter de pé, então Frigg começou a ficar agitado e mais agitado, ele sentiu que era o momento e deu um grito ensurdecedor e correu em direção à parede.

Boom. E voou pedras para todos os lados. A força que ele empreendeu foi tão grande que a porta parecia de papel, tamanha a facilidade que ela cedeu.

-Valeu – Gritou Athos correndo direto para as escadarias, sendo seguido por Haddock que já estava preparado com um archote já aceso de chama avermelhada e Frigg que ainda estava boquiaberto com o que acabara de conseguir fazer sem sofrer um único arranhão. Neste exato momento os soldados que batiam na porta conseguiram derrubá-la, mas ao chegarem na entrada verificaram que a passagem era muito escura e ao procurar um archote verificaram que todos estavam danificados causando uma grande demora em achar algo que

pudesse iluminar o caminho dando a Haddock, Athos e Frigg uma boa dianteira em relação a eles. Quando os soldados chegaram ao final da escadaria já não encontraram mais ninguém, pois eles já haviam fugido através do pântano. Todos pararam naquela abertura enorme na parede olhando para fora e nenhum deles teve a coragem de adentrar no pântano, porque temiam o que poderia viver naquele lugar horrível e fedorento. Aquela visão lodosa e silenciosa vista de tão perto parecia ainda mais ameaçadora. Zelmo vendo que seus soldados não iriam persegui-los, tamanho era seus medos que desistiu da empreitada e foi embora com seus soldados. Ficaram lá somente Lesett e Amon olhando o pântano.

- Será que eles sobreviverão? – disse Amon temeroso.

- Duvido muito, este pântano é muito traiçoeiro e não conheço ninguém que tenha entrado aí e voltado.

-E agora? – perguntou Amon.

-Vamos continuar o combinado, pois está correndo tudo como planejado – era uma terceira voz que estava escondida na escuridão.

Eles olharam para o homem que estava atrás deles e fizeram uma cara de satisfação, concordando com ele.

Os dois então subiram a escadaria e a pessoa que estava escondida saiu do meio da sombra. Era a mesma pessoa de roupão e capuz preto que estava na floresta. Ele caminhou em direção a abertura e ficou olhando para o pântano por alguns instantes e depois se virou desaparecendo na escuridão.

CAPÍTULO 10

A Flor da Morte

- Gente acho que entramos numa fria – disse Frigg olhando para aquela vegetação estranha e hostil.

- Por que? Você queria ficar quentinho em cima da fogueira que aqueles doidos iam colocar a gente – disse Athos

- Calma gente - disse Haddock – agora não tem mais volta

Eles começaram a caminhar bem devagar para não fazerem barulho, por que temiam estar sendo seguidos pelos soldados.

Caminharam sem direção por algum tempo, mas sabiam que ainda não havia amanhecido, pois alguns feixes do luar conseguia ultrapassar a vegetação alta e bem fechada do pântano, não deixando eles na total escuridão.

- Parem todos – disse Frigg olhando para o alto.

- O que houve? – perguntou Haddock.

- Vamos nos esconder debaixo daquela árvore agora e procurem não fazer barulho – disse Frigg já caminhando em direção ao esconderijo que ele havia indicado.

- O que está acontecendo? – Perguntou Athos tenso.

- Silêncio! Depois eu falo.

Os três ficaram em silêncio, pois confiavam muito na audição apurada de Frigg. Athos tentava gesticular algo na esperança de obter alguma informação, mas Frigg sempre o cortava mandando ele ficar quieto. Haddock obedecia e ficava observando tudo para tentar descobrir o que assustara Frigg.

Estavam ali escondidos no meio da raiz de uma grande árvore e escutavam de vez em quando pios de alguma ave noturna, mas não imaginavam qual seria, pois fazia um som que nunca haviam escutado antes.

Os três agora começavam a ficar mais tensos por que começaram a sentir a presença de algo próximo a eles.

Haddock e Athos viram o vulto de um animal no meio da folhagem bem à frente deles, mas não entendiam nada, pois Frigg insistia em olhar para cima.

Era um animal parecido com um javali, mas um pouco menor, parecia observá-los em silêncio. Athos já iria fazer um comentário quando foi abafado por Frigg.

Athos ficava se perguntando por que Frigg estava tão apreensivo, já que era um animal muito pequeno. Athos já não agüentava mais ficar em silêncio e quando ia falar, o pequeno animal movimentou-se quebrando um graveto denunciando a sua posição, e em fração de segundo um ser alado voou da copa da árvore em que eles se encontravam e mergulhou em direção ao animal indefeso desferindo-lhe um golpe mortal e carregando-o por entre as árvores.

Todos levaram um grande susto, mas permaneceram em silêncio até que Frigg começou a falar novamente.

- Está tudo bem agora, ele já foi embora.

- Quem já foi embora? – perguntou Athos agora mais aliviado.

- Era um nomack – completou Haddock.

- Sim é isto mesmo – disse Frigg – eu conheço este bater de asas de longe. Eu tinha ouvido ele sobrevoar a gente, e pousar próximo, pensei que nos procurava, mas na verdade estava atrás de sua presa, que graças a Deus não era nós.

- Ainda é noite, vamos nos esconder, neste período os nomacks devem sair para caçar e provavelmente devem dormir durante o dia, então será mais seguro caminharmos depois que amanhecer.

Nenhum deles questionaram a decisão de Haddock. Todos se ajeitaram por ali mesmo e adormeceram.

O dia amanheceu rapidamente e com muita dificuldade eles levantaram, pois estavam muito cansados e com fome. Eles começaram a caminhar com muito cuidado dentro de uma trilha que parecia ter sido feita por um grande animal, eles acharam meio esquisito e ficaram receosos, mas não tinham opção, pois aquele era o único caminho mais sólido naquela região pantanosa onde seus pés encontravam alguma firmeza.

Aquele caminho os fazia lembrar das estórias que escutavam quando criança, aquelas estórias de monstros do pântano e plantas carnívoras que fizeram eles perderem muitas noites de sono. Eles caminhavam observando a vegetação meio esverdeada com as folhas molhadas como se tivesse serenado lá, mas era meio estranho o líquido nas plantas, pois era muito denso.

Depois de algumas horas de caminhada a trilha terminou na frente de dois túneis feito de vegetação.

- E agora? – perguntou Haddock

- Ora vamos pegar qualquer um – disse Frigg meio apressado – não conhecemos nada por aqui mesmo.

- Calma – disse Athos – a pressa é inimiga da perfeição e apesar da situação adversa devemos sempre relaxar e pensar bem, que a melhor opção aparecerá.

- Não sei não, o que pode acontecer para nos iluminar? - Disse Frigg meio cético.

- Athos está certo, vamos descansar um pouco e pensar nas possibilidades.

Athos começou a andar de um lado pra o outro, hora parando na frente de um dos túneis e depois na frente do outro e observava tudo que os cercava para ver se tinha alguma idéia.

Frigg descansava tranqüilo enquanto Haddock ficava inquieto observando tudo ao seu redor.

- Acho melhor irmos por este túnel – disse Athos apontando para o túnel da esquerda.

- Athos você já relaxou e refletiu bem? – perguntou Frigg

- Sim meus instintos estão me dizendo...Este aqui tem uma saída do outro lado.

- Por que você acha que seus instintos estão dizendo que este ai é o melhor? – perguntou Frigg.

- Estou sentindo um vento vindo por este, enquanto o outro não sinto nada, então deve ter uma passagem de ar.

- Se for uma passagem de ar, então pode ser que tenha uma saída do outro lado – completou Haddock com Athos concordando com um menear da cabeça.

Athos se encheu de coragem e caminhou para dentro do túnel que acabara de indicar.

Haddock e Frigg se entreolharam com muita dúvida e preferiram aguardar alguns instantes.

-Vamos para o outro túnel! – Saiu gritando Athos e correndo direto para o outro.

Frigg e Haddock nem esperaram pra ver e saíram correndo atrás dele, foi quando escutaram um rugido de um animal enorme e olhando para trás viram um gigantesco crocodilo de olhos vermelhos bem atrás deles. Nunca eles tinham corrido tanto na vida, Frigg com suas passadas largas passou rapidinho Athos e ia abrindo passagem entre os galhos do túnel.

Depois de algum tempo Haddock parou de correr e gritou para os outros:

- Esperem, ele não esta mais atrás da gente.

- Será? – disse Athos – e se ele estiver escondido esperando a gente dar bobeira para poder nos devorar.

- Haddock está certo Athos, eu não ouço nada.

-E se seus ouvidos estiverem entupidos por causa da corrida? – disse Athos começando a recuperar seu humor.

- Olha Athos pode ficar tranqüilo ele realmente não está mais atrás da gente, mas da próxima vez que você parar para relaxar e pensar – falou Frigg já começando a rir – nós vamos para o lado contrário que seus instintos mandarem.

Até Haddock começou a rir, pois Athos ficou vermelho de raiva e não disse mais nada. Assim que saíram do túnel repararam que a trilha do animal continuava, mas agora dava para ver até as pegadas dele. Eles ficaram com medo e dúvida se não estariam caminhando direto para o covil do animal, mas permanecia a falta de opção de escolha, pois era o único caminho pavimentado a seguir, pois ainda estavam rodeados de lodo.

Depois de algum tempo eles chegaram a uma estranha parte do pântano. As folhas já não eram esverdeadas, eram negras e o local pareciam uma pintura em preto e branco. O cheiro era forte, parecia que algum animal havia morrido por ali e sua carne ainda estava ali apodrecendo. Provavelmente estavam próximo do esconderijo do animal, mas o local era aberto com um tronco bem no meio.

-Gente vamos descansar – disse Athos ofegante e olhando para o tronco – parece que tem vários dias que estamos caminhando.

-Eu estou com fome – disse Frigg observando ao redor para ver se tinha alguma vegetação comestível por ali.

- É gente vamos descansar um pouco, pois se continuar assim acho que vamos morrer de cansaço e fome – disse Haddock – este pântano parece não ter fim.

- Tenho certeza que vamos sair logo daqui - disse Athos.

-São seus instintos que estão dizendo isto para você? – perguntou Frigg.

Athos levantou-se e virou para não dizer uns palavrões para ele, e saiu para procurar alguma coisa para comer.

Enquanto Athos andava observando tudo ao redor, Frigg e Haddock aproveitaram para relaxar e deitaram fechando os olhos.

Athos viu um ponto rosa em meio àquele ambiente enegrecido que chamou muito a sua atenção, foi quando ele se aproximou para ver o que era e viu que era uma flor linda desabrochando. Ele ficou curioso pensando como uma flor tão formosa poderia crescer em um ambiente tão ruim, tão feio e sem vida. Athos então foi se aproximando dela para tocá-la e gritou para seus amigos:

- Gente olha que coisa mais linda.

Frigg e Haddock levantaram imediatamente para ver o que era, intrigados com o que poderia ser tão lindo num lugar daquele.

-Pare! Pode ser perigoso – gritou Haddock.

-O que uma flor desta pode fazer de mau? – Perguntou Athos continuando a se aproximar cada vez mais dela.

- Não sei, mas acho muito estranho ela aqui no meio deste pântano horrível - disse isso olhando para um lamaçal borbulhante e fedido perto dele.

- Acho que você está impressionado – disse Frigg – realmente o que uma flor desta poderia fazer de mal.

- Interessante – disse Athos – a flor esta se movendo para cima sozinha.

Haddock e Frigg pararam de conversar e viraram para ver Athos e levaram o maior susto:

- Sai daí agora – gritou Haddock e Frigg.

- Por que? – disse assustado Athos olhando para o alto com medo do motivo dos gritos ser um ataque de um Nomack.

- Não é a flor que esta se movendo para cima – disse Frigg caminhando em sua direção – é você que esta afundando, você caiu em uma areia movediça.

Athos quando olhou para baixo viu seus pés já cobertos pela areia e então começou a se esforçar para sair dali, mas quanto mais ele se esforçava para sair da areia, mais a sua situação piorava.

- Pare de se mexer Athos, por que senão você afunda mais rápido – disse Haddock.

-Socorro, socorro me tire daqui – Athos começou a gritar desesperadamente.

Frigg era muito pesado e não podia chegar até ele e Haddock era pequeno demais para alcançá-lo, já que Athos estava no meio da areia movediça.

Frigg levantou Haddock e colocou-o em cima de uma grande árvore bem acima da areia movediça para ele pegar a mão de Athos, que gritava desesperadamente por socorro.

-Tenta fazer alguma coisa, faz alguma mágica - disse Frigg.

-Eu já disse que não sou mágico - gritou Athos – por favor, não me deixem morrer.

Mas Athos estava afundando rapidamente, a areia já atingia seu pescoço aumentando seu desespero. Ele já havia afundado tanto que Haddock, mesmo com um pedaço de madeira em sua mão já não conseguia alcançá-lo. Frigg então quebrou um enorme galho para que Athos pudesse segurar, mas era tarde demais, ele já havia desaparecido completamente na areia movediça.

-Não...Ele afundou – gritou Frigg.

-Eu falei para ele não ir até ali – falou Haddock desconsolado – e agora Athos está morto e não podemos fazer nada.

-Não pode ser, ele era meu melhor amigo – gritava Frigg – eu não aceito, ele não pode ter morrido – continuava gritando, chorando e enfiando o galho dentro da areia movediça.

- Vai Athos segura o galho, que eu vou tirar você daí.

Frigg durante algum tempo ficou ali ao lado enfiando o galho e chorando, até que ele parou, fazendo com que naquele momento se fizesse um silêncio total, sendo quebrado apenas pela voz de Haddock.

-Frigg, eu também gostava muito dele, mas agora não adianta mais, ele se foi.

-Espere! – disse Frigg ainda olhando para a areia.

-Esperar o que – continuou Haddock impaciente – acabou, vamos embora, vamos tentar sair logo deste pântano senão ele leva a gente também.

-Espere! Fique quieto, eu estou escutando algo.

Frigg de repente começou a correr no meio da mata e Haddock sem entender nada foi correndo atrás dele, mas era muito difícil acompanhar Frigg quando corria, pois cada passada dele era quase duas de Haddock. Depois de um certo tempo Frigg parou e encostou o ouvido no chão perto de uma grande árvore. Haddock o alcançou e foi logo falando:

- O que esta acontecendo Frigg?

-Silêncio, acho que Athos não morreu!

Haddock olhou preocupado para Frigg e sentou dizendo:

-Eu sei que você gostava muito dele – suspirou e continuou – como disse antes eu também gostava dele, mas você tem que aceitar que ele morreu.

-Não, ele não morreu, tenho certeza disso – e começou a dar murros na árvore tentando derrubá-la – eu não vou deixar ele morrer assim – disse já com lágrimas nos olhos.

-Frigg acalme-se, nós temos que pensar em nós agora... Acabou...Ele está morto.

-Ele não está morto – gritou Frigg começando a bater com os pés no chão – Eu o escutei pedindo socorro aqui embaixo.

-Pare com este barulho Frigg, pois se tiverem alguém nos seguindo eles nos acharão.

Frigg então parou e começou a chorar como criança.

-Você não escutou nada Frigg –falou Haddock pacientemente tentando consolar o amigo – você apenas não quer aceitar o fato.

-Acredite em mim Haddock, o Athos não morreu.

- Eu quero acreditar em você Frigg, como eu gostaria de ter esta esperança que você tem, mas temos que ser realista neste momento, o Athos se foi e sobrou apenas nós neste lugar horrível, e precisamos agora prestar mais atenção, para que não aconteça o mesmo com a gente.

Frigg então olhou para Haddock com os olhos marejados concordando com ele.

- Eu não vou deixar que aconteça nada com você Haddock, eu não suportarei se perder você também.

Haddock abraçou Frigg sem dizer uma única palavra, pois não tinha o que falar, pois não haveria nada que pudesse preencher o vazio da perda de um grande amigo.

CAPÍTULO 11

A Volta de Cornélio Flyner

Os dois estavam sentados em cima da raiz daquela árvore onde Frigg havia imaginado pela última vez ter escutado a voz de Athos pedindo socorro. Estavam desolados e fracos. A fome e o cansaço os haviam dominado completamente junto com a sensação de impotência causada pela perda do grande amigo. Haddock estava mais lúcido e sabia que tinham que seguir viagem e quando já iria falar Frigg o interrompeu dizendo:

- Espere estou escutando alguma coisa.

- Ah. Não! Não vai começar tudo de novo – disse Haddock.

Mas ao escutar o som do uivo de um animal, Haddock entendeu a cara de assustado de Frigg.

- O que é isto? Parecem lobos – perguntou Frigg.

- Sim são lobos, mas não são lobos comuns são lobos reais – disse com grande apreensão.

- Que diferença faz isto?

- Faz muita diferença, principalmente se estiverem em nosso encalço, eles têm um faro excelente e sempre acham suas vítimas.

- Cara... Espera... Estou escutando mais alguma coisa... Mas parece bem maior que um lobo.

- Então são eles mesmos, corre o máximo que puder, é o Koskam que está com eles – gritou Haddock já correndo e Frigg indo bem atrás dele.

Eles viram que os animais estavam cada vez mais perto e que logo seriam alcançados.

Haddock fez um sinal para Frigg para se separarem para ver se confundiam os animais, mas não deu tempo para irem muito longe um do outro, pois os lobos alcançaram rapidamente Haddock enquanto o Koskam perseguia Frigg.

Haddock apavorado foi completamente cercado pelos lobos e como um animal acuado pegou sua espada e ficou em guarda esperando que o primeiro lobo o atacasse, mas eles ficavam observando-o como que esperando o melhor momento para atacá-lo.

Haddock apesar da tensão que se encontrava conseguia ouvir os gritos de desespero de Frigg:

- Socorro Haddock, ele me cercou, me ajuda...Este animal é muito feroz.

Os lobos imediatamente se viraram para a direção que vinha a voz de Frigg e partiram em sua direção. Frigg não deveria estar muito longe, mas seria impossível Haddock avisá-lo a tempo de que além do Koskam, ele teria os lobos atrás dele também. Ele saiu correndo atrás dos lobos gritando e batendo a espada nas árvores para tentar chamar a atenção dos lobos novamente para si, mas não adiantou, pois os animais ainda corriam em direção de Frigg. Ele então começou a gritar para que Frigg pudesse se proteger mais.

- Frigg cuidado, os lobos estão indo atrás de você também.

Mas o barulho era intenso e Frigg não podia ouvi-lo.

Quando chegou em uma pequena clareira, viu Frigg em cima de uma árvore tendo o Koskam batendo nela na tentativa de derrubá-lo e os lobos em volta na espera dele cair para poder atacar. Apesar de ser uma grande árvore, ela já estava envergando devido ao peso de Frigg e as batidas do animal enraivecido. Haddock começou a gritar novamente para chamar a atenção dos animais, que para seu desespero deu certo, por que quando ele olhou em volta verificou que não tinha nenhum lugar para se proteger e que ao invés de Frigg,

eles iriam saboreá-lo primeiro. Apesar de ser um exímio esgrimista, ele não podia com tantos lobos em seu encalço e começou a correr em volta que nem um louco numa tentativa desesperada de escapar deles e nem reparou que estava correndo em direção ao Koskam.

Frigg antevendo que seu amigo morreria se aproximasse mais dele, pulou em cima do Koskam, para tentar fazer algo e ajudar Haddock. Mas o animal era muito forte e com extrema facilidade o arremessou de encontro à árvore. Frigg ficou atordoado com a pancada e Haddock já quase de joelho, pois suas forças já estavam esvaindo totalmente, deixando claro que o final da luta estava por vir, pois os dois já não tinham mais forças para lutar. Foi quando uma coisa inesperada aconteceu, um feixe de luz verde vindo do meio do pântano passou que nem um raio exatamente entre eles e os animais, criando um ambiente estranho com uma fumaça bem leve e quase imperceptível, mas com um resultado impressionante para eles, pois os animais saíram correndo ganhando como se algo os tivesse afugentado. Assim que a fumaça se dissipou, aquele ambiente de inércia voltou ao normal.

- Incrível, eu nunca tinha visto um lobo real correr de medo – Disse Haddock – este relâmpago os assustou mesmo.

Foi ai que apareceu um vulto vindo do meio do pântano, eles então logo se prepararam para mais um embate, mas assim que conseguiram ver a pessoa claramente, abaixaram um pouco suas guardas, pois era apenas um velho de barba longa e branca.

- Não precisam ficar apreensivos, eu estou aqui para ajudá-los.

Haddock e Frigg ficaram ainda na dúvida se baixavam ou não totalmente a guarda, pois até então tudo estava dando errado para eles e para quem acabara de perder um amigo para uma linda flor, aquele velho poderia estar querendo enganá-los também.

- Foi você que fez aquela luz verde? – Perguntou Haddock.

- Sim, esta luz tem um efeito devastador nos animais, ela os faz enxergar o que mais temerem.

-E o que eles viram?- perguntou Frigg.

-Não sei, talvez alguma criatura muito mais horrível que eles, ou mesmo um comissário.

- Comissário? – perguntou Frigg intrigado.

-Sim são os homens que treinam estes animais, eles os treinam para serem verdadeiros assassinos, mas a única maneira de mantê-los sobre controle é através do medo, e vocês já imaginaram o que eles devem fazer com estes animais para serem temidos por eles?

-Caramba não quero nem pensar – disse Frigg.

-Mas como você sabe disso? – quem é você? – o que você faz aqui? – Haddock começou a fazer uma pergunta atrás da outra demonstrando uma desconfiança muito grande.

- Calma, uma pergunta de cada vez, mas eu primeiro, quem são vocês?

- Por que você quer saber? – perguntou Haddock

- Pelo mesmo motivo que você quer saber quem eu sou.

Haddock viu que não conseguiria tirar nenhuma informação daquele velho se não começasse a responder primeiro as perguntas dele, e meio a contra gosto começou a responder:

- Meu nome é Haddock filho de Bartok

- Você é filho do rei Bartok com Susan?

- Sim, mas como você sabe disso? – Você conheceu a minha mãe? – de onde você é?

- Calma Haddock, até eu estou ficando nervoso com tantas perguntas – disse Frigg.

- E você meu jovem, qual é o seu nome?

- Frigg filho de Bergen.

- O agricultor e comerciante de cabras? – Perguntou o velho.

- Sim – disse Frigg completando:

- Como o Senhor sabe tanto?

- Agora não dá para conversar, vamos embora agora, pois está escurecendo e neste pântano a noite não é muito segura.

- Meu Deus!!! – gritou Frigg – esquecemos do Athos.

- Vai começar de novo Frigg – disse Haddock já indignado – você já não havia aceitado que ele morreu.

- Sim eu sei, mas é que me deu um aperto no coração, eu gostaria tanto que ele estivesse vivo, na verdade eu ainda acho que ele está vivo.

- De quem você está falando meu jovem?

- De um amigo nosso que afundou na areia movediça.

- Não liga pra ele meu senhor – disse Haddock – é que ele não se conforma de que nosso amigo tenha morrido e acha que escutou ele pedindo socorro debaixo da terra.

Mas o velho interrompeu a conversa deles, dizendo para apressarem para sair dali, por que os animais iriam voltar novamente, pois uma segunda rajada de luz já não faria tanto efeito em um intervalo muito curto, além do mais a noite ali era muito perigosa, devido a seres que vivem ali, e que saem à noite de suas tocas.

Eles começaram a caminhar entre as árvores bem rapidamente quando Frigg parou repentinamente e disse: - Eu não vou deixar ele aqui para morrer.

-Há esta hora não podemos fazer mais nada – completou o velho – além do mais se ele afundou na areia movediça então com certeza já está morto.

- Mas eu escutei a voz dele vindo de baixo da terra.

-Não é possível meu filho.

- Senhor eu tenho uma audição muito boa, é de nascença, se eu digo que escutei é porque eu escutei.

O Velho já não dando muita importância a que Frigg falava comentou:

- Sabe aquela flor é traiçoeira mesmo, parece que foi colocada ali de propósito, eu já a tirei de lá várias vezes, mas ela sempre reaparece, não é natural, às vezes penso que aquilo é uma armadilha - Cornélio Flyner então mudou de assunto perguntando:

- Como se chama o seu amigo que morreu?

-Ele não morreu – disse nervoso Frigg – ele se chama Athos.

- É um nome bem comum no vilarejo de Ladagaz.

- Ele é de lá mesmo, ele é filho do líder da aldeia Magal.

- Magal conseguiu ser o líder de lá?

- Nossa, o senhor conhece ele também?

- Não acredito que ele conseguiu ter um filho também.

- Por que o senhor diz isto?

O velho não respondeu, permanecendo em silêncio até chegarem a uma grande árvore marrom com folhas lilás, que contrastava com o resto do visual do pântano. Bem acima na árvore havia também uma coruja branca observando-os como se estivesse vigiando eles. Haddock e Frigg ficaram temerosos na expectativa de ser outra armadilha, pois a última coisa bonita que viram no pântano foi fatal para Athos. De repente o velho murmurou algo e uma porta se abriu, dando para perceber que não era uma simples árvore, pois no seu interior tinha uma casa enorme toda iluminada através de pequenos archotes e uma pequena lareira. Na frente da lareira estava um gato preto e um cachorro branco dando um aspecto aconchegante àquele lugar. Havia uma poltrona reclinável no meio da sala bem de frente a lareira na qual Frigg já foi sentando sem cerimônia, mas com o seu peso a poltrona não

agüentou e quebrou. Frigg todo sem graça foi sentar ao lado dos animais que no início o estranharam devido ao seu tamanho, mas que logo gostaram dele, deitando os dois em seu colo. Enquanto isto o velho foi até a cozinha e trouxe alguns alimentos para eles. Frigg e Haddock avançaram sem cerimônia na comida por que estavam morrendo de fome.

Assim que todos se acomodaram na sala e terminaram suas refeições, Haddock voltou a fazer várias perguntas ao mesmo tempo.

- Calma todas as perguntas serão respondidas no devido tempo – Disse o velho – conte-me o que aconteceu com vocês e por que vieram parar aqui no pântano.

Haddock ainda desconfiado não quis dizer nada sobre o ocorrido na Fortaleza do Centro e comentou apenas que haviam sido atacados por um crocodilo gigante.

- Interessante – disse o velho – há alguns dias apareceu um crocodilo enorme aqui também, um crocodilo que não faz parte deste pântano, e na primeira vez que ele apareceu, eu senti que ele me observava há algum tempo e quando ele percebeu que eu o tinha visto ele foi embora e nunca mais voltou.

- Quando estávamos vindo para cá eu reparei que a trilha que seguíamos antes, era a mesma trilha que dá aqui – disse Frigg.

- Com certeza é do mesmo animal – completou Haddock.

- Está trilha foi feita pelo crocodilo – disse o velho.

- O que será que ele queria aqui? – perguntou Frigg.

- Isto agora não importa – disse Haddock e completou perguntando a Cornélio Flyner:

- Agora diz para gente quem é o senhor e o que faz aqui no pântano? – perguntou Haddock.

- Já disse calma, tudo no seu tempo, você realmente não nega ser filho de Bartok.

- Por que você diz isso?

-Por que seu pai era assim também, sempre curioso, fazendo muitas perguntas ao mesmo tempo.

-Como você conhece ele?

- Eu já trabalhei junto com seu pai. Meu nome é Cornélio Flyner.

Os dois se entreolharam e pensaram a mesma coisa, de que nunca tinham ouvido falar nele.

-Vocês não me conhecem porque eu saí da Fortaleza do Centro bem antes de vocês nascerem.

-Mudando um pouco de assunto - interrompeu Frigg – me fale sobre a armadilha da flor e quem a montou?

- Eu não disse que era uma armadilha, eu disse que às vezes penso que aquilo é uma armadilha.

Cornélio pediu para todos fazerem silêncio e começou a pensar sobre tudo que ouvira naquela noite e começou a analisar as possibilidades. Frigg e Haddock tentaram falar com ele, mas ele fazia uma cara feita para que não fosse interrompido. Apesar da impaciência deles, principalmente de Frigg eles aguardaram Cornélio terminar seus pensamentos. Ele depois de alguns minutos retornou a eles e disse:

-Vamos supor que seja mesmo uma armadilha e que você realmente possa ter escutado a voz de Athos.

- Eu escutei – disse Frigg interrompendo-o.

- Tudo bem, tudo bem – continuou Cornélio – então a areia movediça poderia ser uma entrada para o subterrâneo do pântano.

- Mas que tipo de animal das profundezas poderia ter a inteligência de montar este tipo de armadilha? – perguntou Haddock.

- Os nomacks – disse Frigg com firmeza.

- Exatamente – concluiu Cornélio Flyner.

- Mas eles parecem que são morcegos gigantes e provavelmente devem viver pendurados nas árvores – indagou Haddock.

- Eu sei que eles vivem aqui no pântano e já sai várias vezes durante o dia para ver se localizava o covil deles, mas nunca encontrei onde eles vivem, nas árvores tenho certeza que não, então o único lugar que eu nunca procurei foi debaixo da terra.

- Você acha mesmo que o Athos está com os nomacks? – perguntou Haddock.

- Certeza eu não tenho, mas para mim é a melhor hipótese para se considerar.

- Você já conseguiu ver algum de perto? – perguntou Frigg.

- Não, eles são muito rápidos e só saem em escuridão total, tenho certeza que eles enxergam no escuro.

- Bem se Athos está com os nomacks com certeza já está morto – Disse Haddock.

- Se ainda há uma esperança dele estar vivo, então eu vou procurá-lo – Disse Frigg se levantando do chão jogando os pequenos animais que estavam em seu colo em cima da pequena mesa central que havia na sala, derrubando vários copos no chão.

- Você quer morrer também Frigg? – Disse Haddock com um olhar estranho e fixo para Frigg e parecendo não se importar com Athos.

Neste instante Cornélio sentiu uma energia vinda de Haddock, uma energia muito forte, só que ele não conseguia identificar se era uma energia ruim ou boa, apenas que era muito diferente, uma força que nunca havia sentido antes.

- Haddock o que você tem, você não se preocupa com ele, ele é seu amigo também, tenho certeza que se fosse você que estivesse lá, ele iria atrás de você.

Haddock então desviou o olhar e por um instante ficou pensativo e disse:

- Você está certo Frigg, eu não sei o que deu em mim, se Athos ainda está vivo, nos temos que ir salvá-lo, e não podemos perder mais tempo, vamos atrás dele agora.

-Não adianta ir agora, nesta hora o pântano é muito perigoso e seria morte certa – disse Cornélio Flyner.

-Mas amanhã tudo já pode ter acabado. – Disse Frigg já pegando suas coisa e indo em direção a porta de saída.

-Frigg eu compreendo sua preocupação e ansiedade, mas todos animais têm duas maneiras de ver sua presa. Quando estão com fome eles a comem imediatamente, e se for o caso Athos já está morto – fez uma pequena pausa e continuou – agora se o animal já estiver saciado, ele vai prender sua presa, vai dormir e depois caçar novamente, e se não conseguir mais comida ele come a que está reservado.

-O que o senhor está querendo dizer é que se ele está vivo, nós temos até amanhã ao entardecer para salvá-lo? – Perguntou Haddock.

- Sim, exatamente - Cornélio abriu um pequeno sorriso e completou – vamos acreditar nesta segunda hipótese.

- Então amanhã bem cedo iremos atrás dele – disse Frigg.

- Agora o melhor que temos a fazer é dormir e descansar o máximo possível, pois amanhã poderá ser o pior dia de nossas vidas – disse Cornélio Flyner.

Cornélio levou-os para um aposento ao fundo da árvore, onde havia duas camas aconchegantes, na qual eles deitaram e dormiram imediatamente.

Cornélio Flyner voltou para a sala pensando em como Haddock sendo apenas um jovem poderia emitir uma força tão grande. Ele então rumou para seu aposento e adormeceu sem qualquer solução para sua indagação.

CAPÍTULO 12

A Cidade dos Nomacks

Haddock e Frigg já estavam acordados na escuridão do quarto imóveis em suas camas quando a coruja piou pela primeira vez. Eles sabiam que seria um dia tenso, que desde que saíram da Fortaleza do Centro o perigo os acompanhava, mas pela primeira vez eles iriam caminhar em direção a ele e não fugir dele.

Alguns instantes depois a coruja piou pela segunda vez deixando-os impacientes e mesmo assim continuaram deitados na cama em silêncio querendo levantar, mas sabiam que ainda não era a hora certa.

A coruja piou pela terceira vez e a porta se abriu deixando o quarto iluminado pela luz que vinha dos archotes da sala, era Cornélio Flyner mandando-os levantarem. Os dois ficaram pensando nos pios da coruja, provavelmente deveria ser algum tipo de sinal de que estava tudo bem, que o pântano naquele momento já não era tão perigoso.

Apesar do clima aconchegante da casa e do calor que vinha da lareira, eles sentiam frio. Sabiam que a temperatura naquela hora era bem baixa, mas parecia que neste dia estava mais frio do que nos outros dias.

Cornélio Flyner já havia lhes informado para irem direto para a cozinha e chegando lá ficaram impressionados com o que encontraram.

A mesa estava preparada com um café da manhã maravilhoso, na qual nem podiam imaginar onde Cornélio Flyner poderia ter conseguido tantas coisas gostosas no meio

daquele pântano horroroso. Tinha bolo de chocolate, pão de queijo, geléias e alguns doces esquisitos que não conheciam e apesar de terem comido muito na noite anterior, seus corpos ainda estavam debilitados por causa dos últimos dias e ainda estavam com muita fome, então não pensaram duas vezes para saírem devorando tudo que tinha na mesa.

Haddock viu um bolo com aparência deliciosa mais na ponta da mesa, mas fora de seu alcance, quando fez menção de levantar para poder pegá-lo reparou no canto da cozinha sentado em silêncio um rapaz de cabelos negros com um canivete e um pedaço de madeira nas mãos. Haddock cutucou Frigg indicando o rapaz, mas ele mostrava uma marca em particular no braço esquerdo dele. Haddock e Frigg ficaram receosos, pois a marca era dos Malacas, povo formado pelos bandidos banidos da Fortaleza do Centro. O clima ficou meio tenso fazendo-os pararem de comer e observarem o rapaz sem dizer nada. O rapaz aparentava ter mais ou menos a mesma idade deles e vendo que o clima na cozinha estava muito constrangedor disse:

- Sim eu sou um Malaca, mas não se preocupem não lhes farei mal, podem ficar à vontade, meu nome é Eric e sou assistente do mestre Flyner – disse acenando com um cumprimento discreto continuando a esculpir uma coruja na madeira.

Eles estavam meio desconcertados, mesmo assim retribuíram o cumprimento e não disseram nada. Assim que terminaram o café da manhã levantaram e foram procurar Cornélio, pois estavam ansiosos para sair para resgatar Athos.

Encontraram-no sentado na poltrona que na noite anterior Frigg havia quebrado, que para a surpresa deles estava intacta.

- Senhor precisamos resgatar nosso amigo – disse Haddock.

Cornélio estava muito pensativo e sério e como se não houvesse ninguém ali ele se levantou e foi direto para fora da árvore, sendo seguido de perto pelos três rapazes. Ainda

estava bem escuro com uma neblina tomando conta de todo o pântano. O dia estava prestes a amanhecer, mas Cornélio Flyner sabia que naquele momento da madrugada os Nomacks já haviam se recolhido para sua toca. O pântano mostrava uma face um pouco menos tenebrosa naquela hora, pois já dava para escutar barulhos de pássaros e outros pequenos animais que quebrava o silêncio total quando a noite acontecia.

Cornélio olhou para eles com um ar de preocupação e verificou se todos estavam armados e notou que o único desarmado era Frigg que carregava apenas uma corda, pois Eric estava portando um pedaço de pau parecido com um cabo de vassoura e Haddock estava com sua espada em sua bainha. Cornélio Flyner então indicou um machado para Frigg que estava preso a uma tora ao lado da árvore. Frigg pegou-o e prendeu em seu cinto. Depois que todos já estavam preparados Cornélio caminhou em direção à clareira onde se encontrava a areia movediça da qual Athos havia caído.

Eles fizeram todo o trajeto em silêncio até chegarem na borda da areia movediça. Frigg olhava para aquela linda flor imaginando que a estava arrancando de tal maneira que ela nunca mais iria nascer de novo, enquanto Cornélio Flyner olhou fixamente para o centro da areia movediça e quebrou o silêncio que imperava dizendo:

- Gostaria de deixar uma coisa clara para vocês, nós não temos certeza que aí é realmente uma entrada, podemos estar caminhando para uma morte certa, então pergunto agora para vocês – Cornélio fez um silêncio olhando para o rosto de todos e continuou falando bem pausadamente para ter certeza que eles entenderiam tudo, pois se eles estivesse mesmo indo de encontro com a morte, precisava ter certeza que todos ali tinham plena consciência da situação e depois continuou dizendo:

– Vocês tem certeza que querem arriscar suas vida por uma pequena possibilidade de realmente ser uma passagem e Athos ainda estar vivo?

Ninguém falou nada, apenas olharam um para o outro e depois assentiram com a cabeça. Até Eric concordou para a estranheza deles, mas levou eles a pensarem que se ele era mesmo um discípulo de Cornélio, possivelmente o acompanharia independente do motivo. Cornélio cutucava a areia com seu cajado quando voltou a falar:

- Quando entrarmos aí devemos fazer silêncio total, pois os Nomacks além de conseguirem enxergar no escuro, provavelmente também tem uma audição superior a nossa e como ninguém nunca entrou aí, nós não sabemos o que nos espera, então devemos entrar e procurar primeiro uma maneira de sair. Façam o que eu mandar, não sejam estúpidos para tentar fazer qualquer ato de heroísmo, por que qualquer ato impensado poderá matar a todos nós. Vocês entenderam?

Todos novamente assentiram em silêncio.

- Como vamos entrar? – perguntou Haddock para Cornélio.

- Bom só tem um jeito – disse Cornélio Flyner e em seguida pulando na areia movediça.

Frigg e Haddock ficaram boquiabertos quando viram Cornélio pular na areia movediça com a maior tranqüilidade, levando-os a pensar que o velho devia ser doido.

- Você tem certeza que não é perigoso? – perguntou Frigg para Cornélio que já estava com a areia quase no pescoço.

- Como disse ninguém nunca entrou aqui, inclusive eu – disse Cornélio antes de afundar completamente.

Agora eles tinham certeza que o velho era doido mesmo. Frigg olhou para Haddock como dizendo “*eu não vou entrar aí*”.

Em seguida entrou Eric com sua vara em punho, também com a maior tranqüilidade.

- Cara, isto que é um bom aprendiz, ficou doido igual ao mestre.

- Frigg você não quer resgatar o Athos?

- Sim, mas não deste jeito deve haver uma outra entrada, vamos procurar.
- Não, Cornélio deve saber o que está fazendo.
- Acho que ele vive há muito tempo aqui e perdeu a noção do perigo.
- Bom Frigg tenho certeza que esta é a única entrada, então eu vou – Haddock disse já fazendo menção de pular.
- Espere, esta bem então vamos pular juntos.

Frigg estava com muito medo e não queria morrer de forma tão grotesca, ficava olhando para Haddock para ver se ele desistia da empreitada, mas ele estava firme em seu propósito de pular. Ele sabia que não tinha como recuar, então contaram até três e pularam juntos no meio da areia movediça. Os dois começaram a afundar rapidamente levando eles ao pânico, principalmente Frigg que começou a gritar de desespero, pois o arrependimento batera mais fortemente nele, mas não havia mais como voltar e afundaram completamente.

Aos poucos foram sentindo que não havia mais resistência abaixo deles e que estavam saindo agora da areia movediça.

Apesar de saírem rapidamente da areia, caíram no chão sem ar e ofegantes.

-Se ainda não mataram o Athos, deixa comigo que eu mato ele - disse Frigg já nervoso, mas começando a ficar aliviado.

-Silêncio - disse Cornélio.

Eles só escutaram a voz dele, pois estava muito escuro lá dentro. Com o passar do tempo eles começaram a acostumar com a escuridão, e com dificuldade conseguiam enxergar alguma coisa.

Eles olharam para todos os lados e a conclusão foi única, estavam em um labirinto de túneis que ainda era mais complicado para Frigg, pois era muito apertado.

O Cheiro no local era muito forte e aliado ao túnel que estava todo coberto de lodo e com vários tipos de insetos andando de um lado para outro conferia ao ambiente um ar sinistro e nojento deixando todos com medo, mas com certeza bem alerta para o perigo que os aguardava.

Depois de se inteirarem das possibilidades, começaram a caminhar com Cornélio Flyner à frente sendo seguido por Eric e Haddock e por último Frigg. Cornélio tentava decifrar o labirinto, mas estava difícil, não tinha nada que pudesse orientá-lo. De tempos em tempos eles paravam para tirar um inseto que entrava em suas roupas, ora era uma lacraia ora era uma barata, mas nada os impedia de seguir em frente.

Cornélio Flyner de repente sentiu um ar que com certeza deveria indicar uma saída daquele lugar horrível. Eles continuaram a caminhar por volta de uma hora até que avistaram uma saída. Eles já conseguiam enxergar melhor, pois o local para onde estavam caminhando não era totalmente escuro como eles imaginavam que encontrariam deixando-os mais aliviados. Quando chegaram na borda da saída levaram o maior susto e ficaram extremamente surpresos com a visão do local.

Eles estavam a muitos metros de altura do solo e não tinham como descer por ali, mas o que mais os surpreenderam foi a imensidão do local, não dava para enxergar claramente, mas através do teto da caverna saiam alguns feixes da luz amarelada do sol, deixando o local na penumbra, mas dava para ver a silhueta de uma grande cidade construída no subsolo do pântano.

O ponto onde eles estavam era bem alto dando-lhes uma visão privilegiada do local, pois conseguiam ver quase por completa toda aquela imensa cidade.

A cidade parecia ser dividida em duas partes que eram interligadas por três pontes enormes. Ao fundo do lado esquerdo havia uma cúpula parecendo uma igreja e do lado direito havia

um castelo destruído que só poderia ter acesso pela última ponte. A cidade tinha marcas claras de batalhas, principalmente neste castelo, onde possivelmente travou-se a batalha final.

Bem abaixo deles havia uma embarcação toda quebrada e levando em consideração a bandeira que ainda estava exposta no mastro principal, deu para ver que era de bucaneiros, como se ali já havia passado o mar, que seria muito estranho, pois o mar estava a kms dali. O solo da cidade era coberto por uma rala névoa, que conferia ainda mais um visual tenebroso, mas o que acharam mais estranho e assustador era o visual da parte de cima da cidade. As raízes das árvores do pântano atravessavam toda a extensão da cidade e as mesmas estavam cheia de Nomacks pendurados de cabeça pra baixo envolto de suas asas parecendo adormecidos.

Ficaram todos ali parados observando a imensidão negra deste mundo subterrâneo.

Haddock quando viu a quantidade de Nomacks pendurados e o ambiente hostil que havia sido desenhado na sua frente achou inútil aquela busca e disse:

- Vamos voltar – disse Haddock decidido.

Todos olharam para ele sem entender nada e permaneceram quietos.

Haddock continuou com seus pensamentos de que tudo estava claro, ele agora tinha certeza que Athos estava morto, ele não poderia ter sobrevivido. Neste momento seus últimos dias passaram feito um flash em sua cabeça. A cerimônia, a fuga, o koskam e agora enfiado em um buraco com um velho louco na busca de um cadáver.

- Vamos voltar já disse! Athos está morto e se continuarmos aqui morreremos também.

Frigg ainda não tinha certeza da morte de Athos, mas o visual do local o deixou abalado também o fazendo tremer e suar frio, o medo o estava dominando, sabia que não era

corajoso, mas pensava “será que vou ter que passar minha vida inteira sentindo medo? Mas será que seria este o momento certo para fazer uma mudança tão radical em minha vida”.

Frigg estava confuso, mas sabia que não poderia tomar tal atitude, ele sempre foi o único que realmente acreditava que Athos ainda estava vivo e levou pessoas que nem o conheciam para esta situação, não podia trair eles e nem Athos, estava com muito medo, mas tinha uma certeza, a certeza que tinha que seguir em frente.

- Não Haddock, nós temos que continuar – falou Frigg tentando ser firme, mas transparecendo insegurança em sua voz.

-Como você pretende voltar? – disse Cornélio – pois se você não viu, não existe saída para trás, pois seria impossível sairmos por onde entramos e não há outro caminho a não por aqui que estamos agora.

- Deve haver outro e se você não percebeu isto aqui é um labirinto, pode ser que pegamos o caminho errado – disse Haddock para Cornélio.

- Talvez você esteja certo, pois não conheço todos os caminhos daqui, mas acho difícil um labirinto ter duas saídas.

- O que te faz pensar que aqui é uma saída, olha a altura que estamos – disse isto apontando para baixo.

- Para você que não tem asas pode não ser uma saída, mas para um Nomacks tenho certeza que é.

Todos ficaram em silêncio, inclusive Haddock.

- Além do mais – continuou Cornélio Flyner – a saída sendo desta maneira é uma forma de impedir que a presa escape.

Estas últimas palavras caíram como bomba em Haddock, pois a teoria da única saída de Cornélio Flyner tomava plena consistência, fazendo com que mesmo a contra gosto Haddock concordar com ele.

Todos ficaram ali parados olhando tudo tentando imaginar uma maneira de descer dali, pois agora tinham certeza que voltar estava fora de cogitação.

Parecia que se passavam horas ali e o desespero começou a voltar a tomar conta de todos, menos de Cornélio que estava ali parado, pensativo e olhando a cidade para ver se achava uma saída.

Eles tinham apenas uma corda, mas não era comprida suficiente para chegar ao chão. A única maneira era subir, mas iriam dar de cara com os nomacks adormecidos. Mas seria loucura, pois um erro e todos estariam mortos em segundos.

Cornélio então disse:

- Temos que chegar naquele navio é nossa única chance.
- Mas a corda é muito curta não chegará lá – Falando Eric pela primeira vez.
- No navio há mais cordas com certeza – disse Frigg tentando ajudar.
- Pula lá e pega – disse secamente Haddock.
- Tenho uma idéia - disse Cornélio apontando para uma raiz um pouco mais saliente ao alto.
- Se conseguirmos atingir aquela raiz, um de nós poderá se pendurar nela podendo alcançar aquela outra raiz adiante que é maior, e assim descer.
- Cornélio se ainda tinha dúvida se você era louco, agora não tenho mais – disse Haddock.
- Você tem alguma outra idéia? – Perguntou Eric.

Novamente o silêncio tomou conta. A situação começava a ficar perigosa, pois já dava para sentir a alteração da temperatura e os raios solares que entravam na caverna passaram a ter

um tom mais avermelhado dando a entender que o anoitecer não estava longe de chegar e com certeza levaria os Nomacks a acordarem acabando com a única chance que até agora conseguiram imaginar para poder descer dali e sair daquela situação que se encontravam.

-Eu posso acertar a corda ali – disse Frigg confiante.

Frigg era o melhor em arremessos, pelo menos nisso ninguém discutia em sua terra.

-Como a corda vai se prender naquela raiz? – perguntou Haddock cético.

- Eu dou um jeito nisso – disse Cornélio Flyner.

Ele pegou a corda que estava na mão de Frigg e apalpou até encontrar a ponta dela. Segurou firme e murmurou algumas palavras e entregou novamente a Frigg.

- Pode arremessá-la meu filho, mas tem que bater exatamente a ponta dela na raiz que ela se prenderá instantaneamente e ao puxar três vezes seguida, se desprenderá novamente – completou dizendo:

- Agora alguém vai ter que ir até lá depois dela estar presa.

Todos olharam para Haddock na expectativa dele tomar uma atitude mais digna e assumir esta ação.

– Eu não irei nesta empreitada absurda – Disse Haddock sentando no chão e não dando mais atenção a eles.

- Eu irei então – disse Eric.

Frigg olhou para Haddock extremamente desapontado, principalmente por que Eric que nem era amigo deles estava arriscando a sua vida por Athos, enquanto Haddock ficava agindo daquela maneira. Mas Frigg sabia que não era hora para pensar nisto, pois tinha uma coisa mais importante a fazer e então pegou a corda e começou a apalpá-la para sentir seu peso e ao mesmo tempo olhava para aquela raiz cheia de nomacks ao lado e calculava a força ideal para atingir seu objetivo e então com um movimento leve ele arremessou a

corda, mas para sua surpresa ela não atingiu o ponto certo, passando rente a um nomack, mas para a sorte deles não o acordou.

Frigg começou a ficar nervoso perdendo a confiança e olhava para todos como que dizendo que era impossível, ele nunca errara um alvo antes. Começou a suar mais ainda sentindo o peso da responsabilidade, então naquele instante começou a lembrar da imagem de seu pai cobrando mais atitude dele quando ele era criança e com isto suas mãos começaram a tremer, levando ele a pensar que realmente era um covarde como seu pai costumava dizer quando estava nervoso com ele. Todos ficaram ali olhando para ele tentando não interferir na esperança que ele acalmasse e tentasse novamente, mas sabiam que um segundo erro poderia levar todos à morte. Sim seu pai poderia até estar certo, pensava ele, mas ele também sempre elogiava seu desempenho nos momentos que ele se concentrava e fazia as coisas direito, ele sempre dizia que ele era capaz, não por que era seu pai, mas por que ele tinha muita capacidade de realizar as coisas e só precisava acreditar mais em si e principalmente se concentrar ao máximo. Frigg então começou a recuperar a confiança e respirou bem fundo e deixou seu temor de lado inclusive o perigo que os rodeava se concentrando verdadeiramente. Tudo parecia sumir ao seu redor e ele então focou a raiz fazendo parecer que a raiz estava mais próxima do que realmente estava e com extrema tranquilidade arremessou a corda que para a alegria de todos acertou o ponto tão almejado. Todos olharam para Haddock novamente na expectativa dele pegar a corda e fazer sua parte na ajuda de seu amigo desaparecido. Mas novamente ele não esboçou nenhuma atitude, ficando imóvel e continuando sentado mais ao fundo do túnel.

Eric então pegou a corda e pulou. Parecia que planava no ar, tamanha a desenvoltura dele junto à corda, começou um vai e vem frenético na intenção de dar mais impulso para poder alcançar a outra raiz. Ele enquanto balançava lembrava de seu tempo de infância na

Floresta de Kibay junto ao seu povo, os Malacas. Ele sempre foi o mais esperto e entre os meninos tinha o apelido de macaco, tamanha a facilidade que tinha em subir e se movimentar entre as árvores. Mas este devaneio passou rápido, pois estava tão próximo daqueles seres que podia sentir sua respiração. Assim que atingiu a segunda raiz, a situação ficou ainda mais tensa, pois ele precisava dar três puxões pra desprender a corda e ele sabia que poderia despertá-los já que quando balançou para alcançar a raiz maior, muitos nomacks se agitaram na iminência de acordar.

Os dois primeiros puxões foram tranqüilos, mas quando puxou pela terceira vez a raiz deu um balanço estranho agitando os nomacks, mas não dava para ver se algum acordou, por que além da escuridão eles ficavam envoltos com suas asas.

Cornélio sinalizou para Eric aguardar um pouco até ter certeza que estava tudo bem. Passados alguns minutos, Eric prendeu novamente a corda, mas agora dava altura suficiente para descer ao chão.

A alegria foi geral entre seus companheiros, mas Haddock quando olhou para Frigg sentiu seu olhar de desapontamento. Isto o fazia pensar por que ele estava tendo estas atitudes tão mesquinhas. Ele continuava olhando para Frigg como que pedindo desculpa, mas Frigg se virou dando as costas a ele reafirmando sua indignação.

Todos continuaram a observar Eric se movimentando sorrateiramente entre as pedras que dava direto à embarcação. Ele subiu pela corda da ancora apoiando-se no costado do navio conseguindo chegar até sua amurada e pulando no convés do navio. Lá encontrou mais cordas que ao amarrar na sua, daria tamanho suficiente para quando arremessá-la para seus companheiros iria dar tamanho suficiente para conseguirem descer e sair daquela situação incomoda em que se encontravam. Eric andava com muito cuidado, pois o piso do navio estava com várias partes podres parecendo uma armadilha, pois um passo em falso poderia

levá-lo para uma grande queda e com isto tornava seu objetivo ainda mais difícil e demorado.

O andar de Eric fazia com que a madeira emitisse um ranger e que devido ao silêncio absoluto que dominava o ambiente, fazia parecer bem mais alto e com isto poderia acordar os Nomacks. Ele tentava fazer o menor barulho possível andando bem devagar até chegar próximo do mastro principal. Ele sabia que a única maneira de conseguir arremessar a corda era subindo o mastro até seu observatório. Eric subiu com muito receio, pois a escada de corda estava muito danificada por causa do tempo. Quando chegou no observatório do navio conseguiu vislumbrar melhor o paredão próximo a ele. Apesar do ambiente escuro e a parede estar enegrecida com o tempo, as figuras ali esculpidas eram ricas em detalhes fazendo com que Eric as olhasse mais atentamente. Eram seres alados, mas não eram assustadores e também trajavam armaduras que moldavam seus corpos, parecendo leves, mas passava a sensação de muita força. Enquanto contemplava as figuras sentiu ser atingido por uma pequena pedra, que havia sido arremessada por Frigg, para lembrá-lo de sua missão.

Ele então retomou seu objetivo e arremessou várias vezes a corda até conseguir atingir o túnel onde se encontrava seus companheiros; Frigg conseguiu segurar a corda e apalpando a parede verificou que havia várias perfurações sendo suficiente para prendê-la.

Assim que verificaram que a corda estava bem presa começaram a descer um a um. Todos desceram diretamente no navio em total silêncio.

Cornélio Flyner fazendo um sinal indicou para eles caminharem em direção a cabine do comandante para que pudessem conversar mais tranquilos.

- E agora o que faremos comandante? – perguntou Frigg em tom de brincadeira para aliviar um pouco a tensão.

- agora que conseguimos descer devemos procurar uma saída antes de nos aventurarmos por aí – disse Cornélio Flyner.

-Acho que só tem uma maneira de descobrirmos como sair daqui – disse Haddock tentando ser mais colaborativo e limpar sua imagem junto aos seus companheiros.

Todos olharam para ele meio a contra gosto, mas a situação não os deixava descartar qualquer hipótese, então todos começaram a prestar atenção à idéia de Haddock.

- Pelo tempo que levamos para chegar até aqui acredito que não demorará muito para os nomacks acordarem, então vamos nos esconder aqui neste navio e ficar bem quietos observando a movimentação deles. Provavelmente existe alguma saída bem na nossa cara e que não estamos conseguindo enxergar.

- Acho difícil vermos alguma saída daqui – disse Eric.

Haddock já ia responder quando foi interrompido por Cornélio Flyner.

- Em um ponto ele tem razão – disse isto olhando para Haddock:

- A noite não demora a cair e os nomacks provavelmente já vão acordar, então vamos nos esconder por aqui mesmo e tentar entendê-los mais. Não acredito que vejamos a saída, mas podemos descobrir algo que nos indique para onde devemos ir procurar.

Haddock olhou para Eric com satisfação, pois Cornélio havia concordado com ele e não com Eric, pelo menos na maior parte da idéia.

Todos anuíram com a cabeça e começaram a se acomodar, na expectativa de acharem uma saída para esta encruzilhada em que se meteram.

Não se passou muito tempo quando os nomacks começaram a acordar e sobrevoar o local. Muitos deles estavam arrancando pedaços de raízes que pareciam tampões, pois cada raiz que arrancavam liberavam feixes maiores e mais fortes do luar, levando todos a crer que era uma lua cheia que devia estar no céu. Aqueles feixes além de dissipar parte da nevoa que

tomava conta da caverna dava agora uma imagem diferente, não mais assustadora e sim enigmática ao ambiente.

Quando mais eles iam tirando as raízes, mais claro ia ficando o local dando agora para ver a cidade em sua plenitude e beleza. A cidade era toda cercada por uma muralha que estava coberta de lodo e em sua base havia uma vegetação espessa e estranha, mas dava para ver claramente que esta cidade já havia tido uma época de glória há muito tempo atrás, pois havia muitas construções de estilo refinado e cheia de detalhes e tinha uma arquitetura completamente diferente das construções da Fortaleza do Centro. A muralha apesar de grande e forte estava toda quebrada, mostrando a dimensão da batalha que aquela cidade sofrera. O que mais os intrigava era como aquela cidade foi parar ai, pois parecia que não havia sido construída ali e sim dragada pela terra. Muitos nomacks ficavam sobrevoando o ambiente em movimentos harmônicos, mas em hipótese alguma passavam pelos feixes do luar, eles as contornavam como se aquele feixe fosse sólido dando mais graças aos movimentos deles.

Ali onde se encontrava o navio, podia-se ver agora claramente que era um porto com outras embarcações menores próximo à aquela que estavam.

Em cada intersecção da muralha havia um gigantesco soldado com feições de guerra, mas pela magnitude delas levavam a pensar que provavelmente haviam sido feitos por deuses, pois era impossível um ser humano construir uma coisa tão imponente e maravilhosa. Quando a caverna chegou em sua claridade máxima possível e olhando aquelas estátuas esculpidas eles tiveram uma grande certeza e surpresa. Os nomacks não eram morcegos, eram seres humanos alados, humanos de uma beleza indescritível e que usavam armaduras lindas e cheia de detalhes. Eles começaram a observá-los para tentar descobrir algo que os ajudassem, mas por enquanto não viram nada de relevante.

Os nomacks usavam armaduras de várias cores, mas as que predominavam eram as totalmente negras. Depois de fazerem aquele vôo inicial eles desciam ao chão e andavam como pessoas normais fazendo com que a cidade pulsasse normalmente como uma cidade qualquer e olhando para eles em suas armaduras coloridas não dava para imaginar que era um povo sanguinário e que saiam na escuridão para matar pessoas. Duas coisas foram observadas por eles, primeiro que muitos deles tinham cicatrizes estranhas que parecia ter sido feita a fogo, dando a estes um ar de maldade e segundo os que usavam armaduras negras eram mais ágeis e sinistros.

Eric então fez um sinal para que todos olhassem para cima, exatamente para o local por onde entraram.

Vários nomacks entraram por aquele túnel, possivelmente para ver se mais alguma presa havia sido capturada pela armadilha deles, mas depois de alguns minutos vários saíram sobrevoando com um animal em seus braços. Instantes depois apareceram mais três nomacks, dois de armaduras negras e uma dourada que permaneceram na entrada do túnel.

Eles pareciam observar o ambiente com muita atenção, dando a sensação que procuravam algo.

Todos no navio ficaram imóveis parecendo estátuas de pedra, atentos a qualquer detalhe que lhes fosse diferente.

Eles sabiam que os nomacks eram rápidos e conseguiam enxergar no escuro, mas agora outra dúvida lhes vinha à mente: será que poderiam ter mais habilidades tipo um olfato aguçado e com isto terem sentido o cheiro deles no túnel. Pelo jeito que eles olhavam provavelmente já sabiam da presença deles, levando todos a ficarem tensos com a possibilidade de serem descobertos bem mais cedo do que imaginavam. O medo começou a tomar conta de todos, pois apesar de descobrirem que eles não eram morcegos gigantes

não amenizava a situação, pois o tamanho deles com suas armaduras, mostrava claramente que eram fortes guerreiros.

A cabine onde se encontravam não estava totalmente na escuridão e por isso não dava segurança a eles, então eles tentaram se posicionar em lugares que não recebia luz de fora para que não dessem nenhuma chance de serem vistos por eles.

Frigg que também estava com uma boa parte do corpo iluminado pelo luar tentou se deslocar para a parte mais escura da cabine, mas seu peso aliado às madeiras podres do navio fez com que houvesse um pequeno barulho, mas suficiente para que as duas criaturas aladas de armadura negra olhassem para o navio. Os dois se entreolham e olham novamente para o navio. O de armadura dourada não percebeu nada. Eles pararam de olhar para o navio durante alguns minutos, dando uma esperança a todos de que eles acharam que o barulho que escutaram não deveria ser nada de mais. Mas o nomack que estava no meio e que vestia uma armadura negra disse alguma coisa para o de armadura dourada que saiu voando rapidamente para bem longe dali. Os dois então voltaram a conversar e a olhar novamente para a embarcação e para desespero de todos, o temor havia sido confirmado, os nomacks alçaram vôo em direção a eles.

CAPÍTULO 13

A história contada pelo Carrasco

Todos ficaram apavorados, pois agora tinham certeza que haviam sido descobertos. O medo era ainda maior porque pensaram também que o outro nomacks que alçou vôo para bem longe provavelmente teria ido procurar ajuda.

Os nomacks não tinham certeza do local exato que escutaram o barulho, então começaram a sobrevoar o navio apenas analisando-o. Apesar do tamanho deles, eles planavam com muita desenvoltura e vez ou outras pairavam no ar. Todos dentro da cabine estavam escondidos na sombra e em total silêncio na expectativa deles acharem que não era nada, que talvez fosse apenas um roedor perdido no navio e fossem embora. O bater de asas deles estava cada vez mais próximo, aumentando a tensão de todos quando ouviram um estrondo vindo do convés do navio; Eram eles pousando e pelo tamanho do barulho dava pra perceber que eles eram pesados e fortes. Os nomacks começaram a andar bem devagar para tentarem entrar sem fazer barulho, mas naquele navio era impossível tal proeza.

Os nomacks de armaduras negras começaram a caminhar em direção ao local exato onde eles se encontravam, provavelmente podiam sentir a presença deles. A cada passo que davam na direção deles, mais eles ficavam tensos na cabine, principalmente Frigg.

Cornélio sentindo o medo de Frigg aproxima-se dele e toca-lhe o braço e sem dizer nada olha para ele de uma maneira que transmite uma certa tranquilidade deixando-o mais calmo.

Então Cornélio Flyner fez um sinal a todos para se posicionarem e tentar pegar os nomacks de surpresa.

Quando os nomacks abriram a porta trouxeram também a luz para parte da cabine que fez com que as sombras deles fossem projetadas no chão, mostrando que eram maiores do que imaginavam e aquelas enormes asas os deixavam ainda mais sinistros.

Cornélio era o único que estava tranqüilo, mas apesar do medo que todos os outros estavam sentindo, eles estavam preparados para o primeiro embate naquela caverna horrível em que se meteram.

Os cavaleiros negros ficaram parados na porta, parecia que pressentiam que todos de dentro da cabine estavam preparados para atacá-los. Eles então começam a conversar baixo em uma língua estranha, uma língua que com certeza nenhum povo de Kalena a usava, uma língua que parecia muito antiga e que tinha um som estranho para eles.

Haddock impaciente fez menção de atacar, mas foi impedido por Cornélio Flyner que indicava que não era o momento certo. Neste momento o primeiro nomacks começou a entrar na cabine abaixando a cabeça devido a sua altura e com um arco e flecha em punho indicando que estava preparado para um tiro certo. Desta vez quem queria enfrentá-los foi Eric, mas também foi contido por Cornélio, que indicara que os dois tinham que entrar antes que eles pudessem atacar. Quando o primeiro entrou, todos prenderam a respiração para que suas posições não fossem reveladas. Assim que o segundo entrou com sua espada na bainha, Cornélio Flyner indicou que era o momento certo para o ataque e Haddock saiu com sua espada em punho na direção do segundo apontando-lhe a espada em direção ao seu pescoço enquanto Eric desferiu um golpe no primeiro que havia entrado, mas apenas de estar usando um elmo fez com que deixasse cair seu arco e flecha no chão e Frigg

aproveitou o descuido dele e o agarrou bem forte. Eles foram facilmente dominados, mas um dos nomacks já ia gritar quando Cornélio disse:

- Mordaça – E as bocas dos nomacks se fecharam retornando o silêncio novamente á cabine.

Enquanto Frigg amarrava os dois, Haddock tinha um deles com o fio de sua espada em seu pescoço e Eric pegou o arco e flecha dourado e apontou na direção do outro, indicando aos dois que se não os obedecessem teriam uma morte rápida.

Os dois nomacks gesticulavam muito parecendo querer dizer algo.

- Foi muito fácil prender estes dois, acho que eles não são tão fortes assim como pensávamos – disse Haddock.

Cornélio Flyner olhou para Haddock intrigado com a observação dele, pois realmente tinha sido muito fácil dominá-los.

- Devemos matá-los - disse Eric já mirando a flecha na cabeça de um deles.

- Não, apesar de serem do mal, nós não podemos nos rebaixar ao nível deles – disse Cornélio.

- O que vamos fazer com eles então? – Perguntou Haddock.

- Não sei deixe-me pensar – Cornélio disse isso levando as mãos às costas demonstrando que já sentia o peso da idade e que aquela aventura já lhe causava dores nas costas.

- Vamos tirar o elmo deles, para vermos como eles são – disse Frigg.

Todos concordaram com ele e assim que retiraram os elmos verificaram que eles eram bem jovens e tinham os traços no rosto perfeitos, mas o que mais os intrigou foi que os dois eram cegos.

Enquanto aguardavam a decisão de Cornélio, Frigg ficou observando atentamente os nomacks que apesar de cegos pareciam olhar insistentemente para ele.

- Acho que eles querem nos dizer alguma coisa – Disse Frigg.

- Eles devem estar tentando nos enganar - disse haddock complementando – eles são seres traiçoeiros.

Um deles suspirou fundo e fechou os olhos, parecia que pensava na situação que se encontrava no momento, mas sua face não transmitia medo, transmitia alguma coisa boa, uma tranquilidade inexplicável, como se ele já sabia que aquela situação iria se desenrolar daquele jeito e o que mais intrigava Frigg era a sensação de ser observado por ele apesar do nomack ser cego. Frigg andava de um lado para outro e o nomack o acompanhava com um movimento da cabeça sempre na direção dele deixando-o confuso.

- Acho que eles não são gente ruim – disse Frigg – sinto algo de bom neles.

- O que! Vai dar uma de Athos aqui. Agora você também deu de sentir algo – disse Haddock irritado e continuou despejando as palavras em cima de Frigg – se você realmente tá sentindo algo, pode ter certeza que eles estão te enganando, pois já devem ter sentido que você é o mais bobo daqui – disse Haddock.

-Eu não sou bobo, eu só não sou tão amargurado quanto você e sinceramente não sei por que você tá agindo deste jeito, se você não queria vir por que então veio?

- Parem com esta discussão idiota, senão seremos descobertos – disse Cornélio.

- Se é que já não fomos – disse Eric olhando para fora e vendo vários nomacks sobrevoando próximo ao navio.

- Tudo bem, desculpa Frigg, realmente não sei o que está acontecendo comigo – disse Haddock em voz baixa.

- Estou olhando aqueles nomacks voando e não estou vendo aquele de armadura dourada que estava com estes dois aí – questionou Eric.

- É isto que é estranho – disse Cornélio – se realmente foi buscar ajuda, com certeza já estaria aqui com um monte de nomacks em cima da gente que nem um vespeiro.

- Não entendi, onde o senhor quer chegar? – perguntou Frigg.

- Bom acho que sei o que o senhor está pensando – disse Eric – se ele não foi buscar ajudar, ele simplesmente foi mandado embora por estes aí – disse Eric apontando para os dois nomacks amarrados no canto da cabine.

- E foi muito fácil dominar estes nomacks – completou Cornélio Flyner.

- Se estou entendendo o que vocês estão querendo dizer, então estes nomacks não vieram aqui para nos atacar – Concluiu Haddock.

- Aí então eu estaria certo – completou Frigg

- Sim, mas são só suposições - disse Eric.

- Acho que não podemos arriscar, e se eles simplesmente não queriam dividir a caça com o outro – disse Haddock.

- Infelizmente eu concordo com você – Disse Cornélio Flyner.

Todos olharam para Cornélio Flyner para tentar entender o que ele queria dizer.

- Realmente eles podem estar tramando algo, ou mesmo como você acabou de dizer, não queriam dividir sua caça, mas se existe uma chance deles serem amistosos, então temos que arriscar, além de que eles também são nossa única chance de conseguir alguma informação. Fiquem atentos agora por que vou tirar o feitiço de amarra que fiz.

Cornélio então apontou seu cajado na direção dos nomacks e uma pequena luz brilhou tirando a amarra da boca deles.

Eles começaram a falar muito e agora ainda pior, pois estavam ansiosos para dizer algo.

Cornélio indicava que era para eles se acalmarem e tentava conversar com eles através de mímica. Mas não tinha jeito, eles não entendiam nada.

Um deles simplesmente ficou em total silêncio e suspirou com cara de pensativo, parecia que queria lembrar de algo. Depois de alguns instantes ele disse:

- Amigo.

Todos ficaram surpresos, pois aquele ser sabia falar a língua dos humanos.

Eles então começaram a dizer várias palavras desconectadas ao mesmo tempo:

- Ajuda, panela, sol, maldição, Elohim, casa, amigo, amigo...

Eles não entendiam nada do que eles queriam falar, mas apesar de parecerem amigos nem Haddock e nem Eric baixavam a guarda, deixando os nomacks ainda mais ansiosos.

- Parecem crianças, devem ter aprendido com alguém estas palavras, talvez eles nem sabem do que estão falando - disse Haddock.

O clima estava começando a ficar tenso novamente, pois não se conseguia chegar a lugar nenhum, foi quando um dos nomacks fez sinal para eles o acompanharem.

Todos estavam em dúvida se deveriam segui-los, inclusive Cornélio Flyner.

- Gente eu não posso tomar esta decisão sozinho – disse Cornélio – Eles pedem que os sigamos. Cornélio abaixou o cajado e continuou falando – Pode ser uma armadilha, mas como disse antes, acho que devemos confiar neles, mesmo que seja com um pé atrás. Então vamos fazer uma votação. Vamos amarrá-los aqui e seguirmos sozinhos ou vamos acompanhá-los para ver no que vai dar.

- Vamos acompanhá-los – falou imediatamente Frigg.

- Não confio neles, vamos amarrá-los – disse Haddock.

- Eu acompanho a sua decisão senhor – disse Eric.

-Então está decidido, vamos acompanhá-los, mas tomem cuidado e não tirem eles de vista.

Eles desceram até o porão do navio onde encontraram um buraco que dava do outro lado do navio, o buraco era enorme, eles nem faziam idéia que força tão descomunal teria atingido

aquela embarcação. Eles passaram pelo buraco que dava do outro lado do navio onde estava na total escuridão para que não fossem vistos por outros nomacks. Era um chão lodoso de pouco profundidade que os fazia andar lentamente para não escorregarem. Enquanto passavam por uma vegetação de meia altura para um destino incerto, escutavam o bater de asas dos nomacks, trazendo a Frigg e Haddock as lembranças de desespero que passaram na Fortaleza do Centro nos momentos dos ataques desses seres que agora estão acompanhando. Era uma lembrança viva de terror e tristeza para todos, principalmente das famílias e amigos que haviam sido levados por eles. Aquele som os fazia sentir um medo misturado com raiva. Eles caminharam até encontrarem um terreno mais firme com um pequeno caminho bem batido, mostrando que era um caminho muito usado por eles.

Eles seguiram em frente até encontrarem uma construção velha que parecia uma mansão mal assombrada. Eles acharam estranho o local na qual estavam sendo levados, mas seguiam em frente para descobrir o que os nomacks queriam com eles. Assim que chegaram à porta suas asas que eram enormes se recolheram fazendo parecer que nem tinham asas.

Assim que entraram foram direto para o fundo da casa que tinha um galpão com o teto todo de vidro escuro que estava bem quebrado, mas como ali não recebia nenhuma luz eles permaneciam invisíveis para qualquer outro nomack que passasse voando por ali.

Bem no final do galpão havia um portão de ferro com um cadeado enorme. O nomack de aparência mais jovem tirou uma chave e abriu o cadeado. Era uma caverna, mas suas paredes haviam sido lapidadas e em alguns lugares haviam nomacks esculpidos maravilhosamente parecendo uma cúpula de uma igreja.

Começaram a descer uma escada que parecia ter sido mal construída, pois eles perdiam o equilíbrio e tinham dificuldade de andar e sentiam uma pressão no corpo que chegava a ser

dolorido, parecia que uma força os puxava para baixo, mas em nenhum momento pensaram em recuar, pois estavam todos decididos a saber aonde iriam. Frigg acompanhava-os com uma esperança de estar sendo levado até Athos e dar um fim para esta missão suicida.

Assim que terminaram de descer a escada deram de frente com outra porta. Os nomacks bateram na porta e uma voz do outro lado disse algo que foi respondido por eles, não dava para entender nada, pois sua fala era completamente estranha, parecia um código entre eles, então a porta se abriu e um outro nomack mais velho apareceu e olhou espantado para eles. Haddock e Eric apontaram suas armas para os nomacks para dar uma sensação que era eles que estavam dominando a situação naquele momento.

O nomacks que abriu a porta recuou e mandou todos entrarem e ficou olhando intrigado para todos, mas principalmente para Frigg devido ao seu tamanho.

Os dois começaram a conversar em sua língua, então Haddock com a espada em punho foi em direção ao nomacks que havia aberto a porta assustando a todos.

- O que você pensa que está fazendo? – perguntou Cornélio Flyner.

- Eles devem estar planejando alguma maneira de nos pegar, chega eu não vou cair em nenhuma armadilha.

- Calma rapaz, não estamos planejando nada contra vocês – disse o nomack ameaçado por Haddock.

Todos ficaram petrificados ao ver que ele falava perfeitamente a língua deles.

- Onde você os encontrou PK? – Perguntou para o nomack que os havia trazido.

- Estavam no grande navio, mas antes eu havia sentido o cheiro deles no labirinto.

- Então vocês tem um olfato superior ao nosso? – perguntou Cornélio Flyner.

- Não, apenas ele nasceu com este dom – disse o nomack mais velho e olhou para todos e continuou falando:

- Nós os Kirottus temos uma boa audição e que aliada a nossa visão nos torna guerreiros quase invencíveis no escuro.

- Mas vocês são cegos – disse Frigg intrigado.

- Não somos cegos, só não enxergamos como vocês.

- Como assim? – perguntou Eric.

Nós emitimos um som que vocês humanos não conseguem ouvir, que reflete sobre tudo à nossa volta e nos retorna e com isto nós reconhecemos as formas e se estão parados ou em movimento, seu peso, velocidade e rota.

- Quer dizer que quando vocês chegaram na porta da cabine, já nos tinham visto escondidos? – perguntou Haddock para PK.

- Sim, e já sabíamos que vocês estavam armados e nos esperando.

- E por que não nos atacaram? – perguntou Cornélio Flyner.

- Não queríamos machucar ninguém.

- Vejo que você também fala bem a nossa língua, por que não falou direito lá no navio? – Perguntou Cornélio Flyner.

- Sabíamos que se falássemos vocês não acreditariam em nós e ficariam tentando nos interrogar lá e caso forçassem a barra nós teríamos que reagir.

- Você se acha tão forte assim para derrubar todos nós? – perguntou Haddock com tom de desafio.

PK irritado levantou-se empurrando a cadeira na qual estava sentado e cresceu de tal maneira que dava para ver os músculos entre as saliências da armadura, mostrando que era um guerreiro de alto nível e forte e ficando quase do tamanho de Frigg.

- Acalme-se PK – disse o nomack entrando no meio deles.

- Por que nos trouxeram aqui? – perguntou Cornélio Flyner na esperança de mudar de assunto e acalmar os ânimos exaltados.

- Antes de qualquer coisa deixe-me apresentar todos – disse o nomack que os receberam.

- Meu nome é Webster fletcher, mas podem me chamar de Carrasco.

Todos se entreolharam achando muito estranho.

- Não se preocupe eu já fui um carrasco nesta cidade, mas não o sou há muito tempo – fez uma pequena pausa e continuou.

- Este rapaz que trouxe vocês é Pet Kow, mas podem chamá-lo de PK e aquele outro rapaz é Omael. Nós somos tachados de Marriah.

- O que significa? – perguntou Cornélio Flyner.

- São os Kirottus que gostam de humanos, mas não mudando de assunto, agora podemos saber o nome de vocês?

- Sim claro, meu nome é Cornélio Flyner, e os outros, por favor, se apresentem.

- Meu nome é Eric.

Todos olharam para Haddock esperando ele falar seu nome, mas ele se mostrando arredio não disse nada.

Frigg levantando a mão como uma criança que diz presente em sala de aula falou:

- Eu sou Frigg e este mal educado aí é Haddock – disse isto apontando o dedo para ele.

Depois que todos se apresentaram Carrasco continuou a falar:

- Estou intrigado, como todos vocês caíram ao mesmo tempo na areia movediça?

-Não caímos, apenas pulamos – disse Frigg.

- O que, tentaram um suicídio coletivo?- disse em tom de brincadeira para ver se aliviava o clima tenso que ainda imperava no ambiente.

- Não, apenas deduzimos – disse Cornélio sério.

- Como? – perguntou o Nomack curioso.
- Isto não vem ao caso agora – disse Cornélio refazendo a pergunta anterior:
- Por que nos trouxeram aqui?
- Para a segurança de vocês, por que humanos não são bem vindos aqui.
- E por que nos protegem – perguntou Haddock desconfiado.
- Existem muitos de nós que não tem nada contra vocês, mas tem muita gente que ainda os odeia e se os vissem poderiam até... – Carrasco silenciou não completando a frase.
- Matar-nos – Completou Cornélio Flyner.
- Sim.
- Já imaginava, pois é o que fazem de melhor – disse Haddock.
- Por que você está dizendo isto rapaz? – Perguntou Carrasco.
- Porque vocês saem à noite para nos caçarem.
- Não fale bobagem, não somos assassinos e além do mais é impossível, tem séculos que não saímos deste buraco.
- Séculos! – disse Cornélio Flyner espantado.
- Sim Séculos – disse já irritado o Carrasco – nosso povo carrega uma maldição imposta pelo Deus de vocês.
- Nós não temos Deus nenhum - disse Haddock.
- Frigg já impaciente entrou na conversa:
- Realmente não temos nenhum Deus, nós admiramos Palet como nosso salvador e Ambrosio como pacificador.
- Não é nenhum destes, o nome dele é Elohim.

Todos ficaram em silêncio, meio confusos, por que não era um nome estranho a eles, mas não conseguiam associar a ninguém este nome. Então Cornélio Flyner disse:

- Na vila em que vivia nossos anciões passavam para nós que ele foi o criador de Kalena e que era muito poderoso e que Kalena era um lugar quase que inabitável e com sua força ele a transformou em um lugar maravilhoso, um paraíso. Pouco se sabe sobre ele e tão pouco se é verdade ou uma lenda.

- Pode ser lenda para vocês, mas para nós é uma verdade absoluta e nós temos certeza que fomos amaldiçoados por ele.

- Amaldiçoados como? – perguntou Cornélio Flyner.

- A estória é longa e me parece que vocês estão com pressa.

- Realmente estamos com pressa – disse Cornélio Flyer – mas sinto que precisamos saber sobre isto.

Então o Carrasco começou a contar:

- A muitos séculos atrás antes destas terras se chamarem Kalena, nasceu um homem que se chamava Elohim. Nós não sabemos como ou por que, mas a mãe natureza, que controla tudo a nossa volta, concedeu a ele o poder divino que é o maior poder existente no universo. Este mundo era um local muito extenso e quase inabitável onde todos sofriam muito. Elohim então sonhou em criar um lugar maravilhoso, um paraíso para todos. Nossos ancestrais, os anjos celestiais liderados por Daniel que era nosso mais forte guerreiro foram convocados pela mãe natureza a ajudar Elohim neste objetivo. Elohim que adquirira o poder divino e junto com conhecimentos de magia Arcana que Daniel ensinara para ele, conseguiu ceder para nossos ancestrais o poder divino também, e pediu para que todos eles liderados por Daniel viajassem para todos os cantos do mundo para transformá-lo em um lugar melhor.

Os anjos partiram sem questionar e visitaram todos os lugares possíveis, inclusive lugares horríveis habitadas por seres monstruosos. Em alguns lugares seus povos não queriam

mudanças, pois já estavam adaptado ao meio ambiente hostil e atacavam os anjos para que estes não concluíssem seu trabalho. Os lugares que conseguiram transformar foi chamado de Kalena por Elohim e os locais que não conseguiram alterar ficaram conhecidos como os Reinos Esquecidos. O poder dado a eles era temporário e assim que ele acabou todos os anjos retornaram. Alguns anjos adoraram a sensação de possuir o poder divino, inclusive Daniel que se revoltou questionando por que só Elohim o possuía. Ele exigira que Elohim retornasse a eles o poder divino, mas Elohim com seu poder e ganância não deu ouvido a Daniel expulsando-o de seu reino.

Daniel foi viver em outro lugar de Kalena junto com um exercito que também queria de volta o poder divino.

Daniel se fortaleceu e atacou o reino de Elohim, mas Elohim era muito poderoso e matou Daniel e no auge de sua ira ele dragou a nossa fortaleza e criou este pântano acima de nós. A única coisa bela que sobrou nesta região ficou acima de nós, a árvore sagrada, pois não sei porque tem muito significado para Elohim. Mas o ódio de Elohim contra meu povo não tinha limites. Elohim que tinha uma verdadeira adoração pelos seres humanos e com medo de que pudéssemos fazer mal a vocês nos condenou a viver debaixo da terra, amaldiçoando-nos a viver como animais e procriarmos como humanos e o pior de tudo não podermos ter mais contato com a luz do sol e da lua.

- Como assim? – perguntou Frigg.

- A luz do sol e o luar, podem nos queimar ou envenenar.

- É por isso as cicatrizes? – perguntou Haddock.

-Sim às vezes algumas raízes se desprendem fazendo a luz entrar e alguns são atingidos.

-Mas vi muitos anjos com cicatrizes enormes, parece que o feixe de luz que os atingiu foi muito grande – continuou Haddock falando.

- Você esta insinuando o que? – disse o Carrasco.

- Não estou insinuando, estou dizendo que acho que estes ai saíram deste buraco que vocês vivem.

- Já disse que é impossível, não tem saída daqui, a areia movediça só é entrada e também é proibido e seria loucura, pois teria morte certa quem se atrevesse.

- Como não, vocês voam e podem sair por aqueles buracos que vocês abrem quando acordam.

- Você ainda não entendeu, quando o raio solar ou o luar nos atinge diretamente ele nos queima e a iluminação criada pela luz do dia ou da lua, nos envenena.

Haddock não satisfeito continuou com a bateria de observações:

- Mas a caverna fica iluminada quando vocês tiram os tampões.

- Sim, mas acontece que aqui dentro não nos faz mal, não sei por que, mas acho que foi uma maneira de Elohim nos castigar mais, para sempre lembrarmos o que perdemos.

- Então você está querendo dizer que vocês não conseguem respirar fora daqui durante o dia ou durante o luar – concluiu Cornélio Flyner.

- Mentira – disse rispidamente Frigg.

Todos até acharam estranho, pois Frigg sempre foi bem manso, mas estava naquele momento muito agitado.

- Por que está dizendo isto garoto? – Perguntou o Carrasco olhando sério pra Frigg.

- Por que vocês atacam sim a Fortaleza do Centro, este bater de asas de vocês é inconfundível, mas para mim agora nada disso importa, pois o que quero saber mesmo é onde está o meu amigo que vocês capturaram ontem à noite.

- Eu já disse que não temos como sair desde buraco – insistiu Carrasco.

- Mas ele foi capturado aqui dentro, pois ele caiu nesta armadilha de areia movediça – disse Frigg.

Neste instante PK olha para John Angel com uma cara de espanto, parecia que sabiam de algo, mas permaneceram calados.

- Alguns de vocês ficaram sabendo de algo? – perguntou o Carrasco para os dois.

Omael ficou desconcertado e quando ia falar foi interrompido por PK:

- Não foi capturado nenhum humano há muito tempo.

- Não capturaram – disse Haddock nervoso.

- Tenho certeza, pois todos iriam comentar e além do mais o último humano que apareceu por aqui foi há muito tempo – disse Carrasco.

- O que houve com ele? – perguntou Cornélio Flyner.

- Ele foi execrado em praça pública para demonstrar o ódio que sentimos pela humanidade.

Cornélio Flyer vendo que o clima já estava ficando tenso intercedeu aprofundando mais um pouco o assunto.

- Fala-me mais sobre este homem, o que aconteceu com ele?

- O tiro saiu pela culatra.

- Como assim? – perguntou Frigg.

- Nesta época eu era o carrasco e levei para a praça pública o último ser humano a pisar nesta cidade. O objetivo da execração era alimentar mais o ódio, mas boa parte de nós sentiu pena dele, o choro dele, seu desespero diante de uma morte certa e impiedosa. Ele pedia perdão por algo que dizia não ter feito. Em um dado instante ele silenciou, pois via que não adiantava nada, que nos éramos como animais. Quando ele olhou para mim daquele jeito, não pude matá-lo, não era justo. Igual a mim muitos pensaram: isto não é justiça, nós não somos isto. Uma boa parte de nós gritava para parar a execução e apesar de

sermos uma minoria, naquele instante ouve justiça. Não o matei. Mas não podíamos soltá-lo então encarceramo-lo.

Muitos tiveram contato com ele às escondidas inclusive eu e vimos que humanos e Kírottus podiam conviver em paz, apesar de sabermos que isto nunca acontecerá.

- Você não pode dizer nada sobre o futuro, tudo pode acontecer, nossos destinos estão sempre mudando, por isto não sabemos o que aguarda a todos – disse Cornélio Flyer.

Frigg já estava impaciente e começou a andar pela sala observando tudo que havia por lá. Parecia uma sala de aula daquelas bem antiga com quadros negros, apagadores e giz.

-Eu agora também sou um professor – disse Carrasco para Frigg - Hoje ensino a sua língua para muitos jovens.

- Tudo bem, mas o que está acontecendo realmente? – disse Frigg.

- Você ainda quer insistir que seu amigo está aqui?

- Não só ele como vários humanos – disse Frigg.

- Do que você esta falando?

- Deixa que eu explico – disse Haddock

- Sempre que a lua fica totalmente encoberta, vocês atacam nossa fortaleza. Nos últimos anos varias pessoas foram levadas por vocês e queremos saber porque?

- Agora você está me deixando confuso - disse Carrasco se sentando.

- Não tem como sair daqui, e mesmo que saíssemos como você está dizendo, não daria tempo de atacar, capturar e ainda voltar vivo.

- Vocês são muito rápidos – completou Cornélio Flyer

- Mesmo assim.

- E suas armaduras? – perguntou Eric.

- Dizem que elas nos dariam um pouco de proteção lá fora contra um luar direto, mas nossas asas seriam desintegradas rapidinho e a armadura tira um pouco de nossa velocidade.
- Eu já presenciei muitos ataques e vi vários vultos e com certeza não estavam vestindo esta armadura – disse Haddock.
- Por que provavelmente não foram nós – concluiu Carrasco.
- Ou talvez quando atacavam não estavam usando-a para não perder velocidade.
- Mas seríamos envenenados.
- Quando a lua estivesse totalmente coberta não teria problema certo.
- Sim – Carrasco a contra gosto começou a acreditar que poderia ser possível.
- Mas no último ataque a lua não estava totalmente coberta – disse Frigg.
- Bom aí complica um pouco – disse Haddock.
- Vamos supor que a nossa teoria esteja certa – disse Cornélio Flyner para Carrasco – que vocês capturaram humanos e nosso amigo, então provavelmente estariam no mesmo lugar certo, então onde eles poderiam estar agora?
- Bom, eu acho esta estória um absurdo, mas supondo que seja verídica e que tudo que vocês estão dizendo realmente esta acontecendo, e com certeza ninguém que conheço sabe sobre isto, então todos estariam no castelo de McFine.
- Quem é McFine? – perguntou ansioso Frigg.
- Ele é o líder dos Dragon Angel e por serem mais fortes eles dominam a cidade.
- Eles tem alguma diferenciação em relação aos outros? – Perguntou Cornélio Flyner.
- Todos têm um dragão tatuado no braço esquerdo inteiro – Completou Omael.
- É aquele castelo onde tem uma enorme raiz que atingiu uma de suas torres? – disse Eric.
- Não lembro de ter visto uma enorme raiz nele – disse Cornélio Flyner.

- Quando estava descendo daquele labirinto e tinha atingido a segunda raiz, deu para distinguir na escuridão a raiz que entrava por uma das torres.
 - Sim é aquele castelo mesmo e aquela raiz é a da árvore sagrada – Disse PK.
 - Esta raiz não poderia ser uma passagem? – Perguntou Cornélio Flyer.
 - Não sei, poucas pessoas tem acesso àquele castelo – disse Carrasco.
 - Mais um motivo para desconfiar e nos ajudar – Disse Haddock.
 - Continuando nas suposições – disse Carrasco – Por que iriam capturar humanos, não faz sentido.
 - É isto que precisamos saber, deve ter algo muito importante acontecendo neste castelo, que a maioria de vocês desconhecem – comentou Cornélio Flyner.
 - Com certeza Athos está lá - Concluiu Frigg.
 - Isto tudo não faz sentido, mas acho que podemos ajudá-los, mas peço paciência a vocês.
 - Pk e Omael quero que vocês voem até o castelo e procurem saber se tem acontecido algo de diferente ultimamente, mas, por favor, sejam discretos.
- Pk e Omael se entreolharam e saíram imediatamente da sala.

CAPÍTULO 14

O casulo do amaldiçoado

- Você trouxe o saco que te pedi Sitael? – dizia uma voz meio áspera na escuridão.
 - Sim, mas você acha mesmo que será preciso Jeliel? – disse outra voz meio esquisita e fanha.
 - Não sei, mas se eu estiver certo com certeza eles vão cair na nossa armadilha.
 - Mas você os viu?
 - Não, já te disse que não vi, mas escutei um som meio estranho parecia passos.
 - Mas não era de um animal?
 - Não sei, mas era diferente ai eu fiquei na espreita e não escutei mais nada, então apareceu aquele javali e não podia perder a oportunidade, ai ataquei, mas ainda acho que tinha humanos andando lá em cima.
- Então o silêncio do ambiente foi quebrado com o bater de asas bem atrás deles.
- Fica quieto tá vindo alguém.
 - O que vocês estão tramando? – Perguntou uma voz desafiadora.
 - Não se mete PK, estamos só conversando – disse Jeliel.
 - Dois Dragon Angel só conversando aqui no labirinto! – insistia PK.
 - E você ai Omael pega seu amiguinho e cai fora logo senão a gente quebra vocês dois – disse já fazendo um gesto de que queria brigar.
 - Vamos embora PK, não vale a pena lutar.

- Isto mesmo, seja esperto igual seu amiguinho aí e cai fora.

Pk ficou nervoso, mas foi puxado pelo braço por Omael e a contra gosto foi embora com ele.

- Estes babacas são muito curiosos, uma hora quebro a cara deles – disse Jeliel.

- Deixa isto pra lá.

- Fica quieto acho que estou escutando algo – disse Jeliel.

...Não sou mágico, por favor, não me deixem morrer – escutaram uma voz gritando bem longe.

- Espere acho que são eles – concluiu Sitael.

- Vamos logo, acho que caíram na armadilha.

Os dois correram pelo labirinto direto para a armadilha e deram de cara com Athos caído no chão.

Athos ainda estava atordoado e ofegante, pois a passagem da areia era meio sufocante. Aos poucos ele foi apalpando o chão e acabou encontrando a parede e começou a se levantar.

- Nossa será que morri, não estou enxergando nada.

- Só caiu um – disse Sitael com uma voz de decepção.

Apesar dele ter falado baixo, Athos o escutou.

- Quem está aí? – Perguntou Athos apavorado.

- Pega ele logo – Disse Jeliel.

Os dois agarraram Athos pela perna e começam a correr com ele puxando-o pela perna e tentando colocá-lo no saco com Athos gritando igual um louco.

- Socorro, me solta, socorro me ajudem... Frigg...

Tudo silenciou, Athos havia sido amordaçado e colocado dentro do saco que eles carregavam.

- Vamos embora, temos que entregá-lo para McFine – disse Jeliel.

Os dois saíram voando direto para o castelo sobrevoando toda a extensão da cidade.

Os outros que os viam voando com aquele saco se movimentando, sentiam até inveja, pois a comida era escassa neste lugar, pois viviam basicamente de brotos que eles mesmos cultivavam. Eles ultrapassaram rapidamente os portões do castelo que era altamente protegido e foram direto conversar com seu líder.

- Senhor – disse Jeliel todo excitado – Conseguimos mais um humano.

- Muito bom leve-o junto aos outros.

Os dois caminharam por um corredor mal iluminado até uma porta fortemente fechada com dois outros Dragon Angel na porta vigiando. Era o calabouço do castelo.

Eles sem cuidado nenhum arremessaram Athos em uma cela enorme onde já havia muitos humanos presos.

Athos bateu a cabeça na parede e levantou meio atordoado e junto com a pouca iluminação do ambiente, não conseguia enxergar direito.

Athos começou a olhar aqueles humanos subnutridos, uns tinha os cabelos e barbas enormes, dando a entender que já fazia muito tempo que se encontrava naquele lugar. Todos olhavam tristemente para ele, na certeza que ele era mais uma vítima e que nada poderiam fazer por ele.

Athos não sabia o que fazer tinha dúvida se falava algo ou se permanecia quieto, foi quando escutou uma voz conhecida vindo de trás das pessoas:

- Athos – gritou Aminthas – como você veio parar aqui?

Então aquela sensação de solidão e medo em que Athos se encontrava foi substituída por um pouco de alegria, pois ele acabara de encontrar uma pessoa querida que julgava estar

morto. Athos ficou com a voz embargada e os olhos marejados de felicidade ao ver Aminthas e seus dois filhos Clayde e Byron caminhando em sua direção.

Assim que a emoção mais forte já havia passado Athos conseguiu falar:

- Eu caí em uma areia movediça e achava que já havia morrido quando escutei vozes no meio da escuridão e no final acabei aqui.

Neste instante Clayde e Byron o abraçam tão forte que Athos sentira no íntimo o que passava em seus corações, era um medo da morte, uma falta de esperança total que aquela situação impusera a eles, um sentimento que também era visível nos olhos de todos que se encontravam naquele lugar.

Athos abaixou e os abraçou com muito carinho e olhando para Aminthas disse:

- Quando vocês foram levados pelos nomacks nós tínhamos certeza que vocês estavam mortos, sua esposa sofreu muito, todos sofremos muito, eu pensava como a vida poderia ser tão injusta assim por levar vocês tão cedo, mas agora estou tão feliz por encontrá-los aqui e apesar de vocês estarem tristes e com medo, não percamos a fé na vida, para mim é como se vocês tivessem voltado do mundo dos mortos, então devemos celebrar isto, pois tenho certeza que podemos achar uma saída, e como dizia meu pai, só não tem solução para morte e para mim vocês a venceram.

Enquanto Athos falava as pessoas sentiam uma tranquilidade em suas mentes que apesar de ser apenas um jovem falando, eles sentiam esperança naquelas palavras.

Ao fundo tinha um nomack velho, mas Athos não o tinha visto por que ele estava sentado na parte mais escura da cela, mas o velho ficou tenso ao vê-lo naquele momento, pois enquanto Athos falava, ele sentia uma energia muito forte emanando dele, era uma força estranha, diferente, uma força incomum mesmo para ele que era muito sensível quando se tratava da força da natureza, ele então não se conteve e falou:

- A morte é um enigma até para nós, pois não temos certeza se realmente é o início ou o fim da vida, mas com certeza a morte como conhecemos ainda demorará a chegar aqui, porque os casulos demoram a serem feitos.

Athos virou na direção dele e se assustou ao ver que era um homem alado e gritou espantado:

- Credo é um nomack falante – e escondendo atrás de Aminthas continuou perguntando:

- Quem é você? Pare de falar sobre a vida, por que vocês só entendem sobre a morte.

Neste instante o velho e todas as pessoas que estavam presas ficaram impressionados e o silêncio tomou conta da cela. Todos ficaram olhando para Athos em total silêncio.

- O que está acontecendo, por todos estão quietos olhando para mim?

- Você consegue falar com ele? Perguntou Aminthas.

- Você consegue me entender? – perguntou o velho nomack em seguida.

- Sim, por que este espanto todo?

- Ele está falando uma língua totalmente estranha para nós – concluiu Aminthas.

- Estranha! Para mim está falando igual a nós.

Todos se afastaram de Athos com exceção de Aminthas e seus filhos.

_ Que manero o Athos fala a língua dos morcegos – disse Byron

De alguma maneira inexplicável Athos conseguia entender o que o velho falava, parecia que fluía normalmente para ele.

- Filho eu nunca vi um humano compreender a nossa língua, como você aprendeu?

- Não sei eu simplesmente compreendo, mas me diga que casulos são este que você falou?

Todos na cela ainda ficaram mais espantados e assustados quando escutaram Athos dizendo a palavra casulo.

- É uma maneira deles drenarem a vida dos humanos.

- O que? – gritou Athos – me explique isto.

- Tudo bem eu explico, mas vou explicar tudo, para você não pensar que todos nós somos iguais. Pode ficar tranquilo que os casulos que te falei vão demorar muito tempo para serem feitos, às vezes meses, então o que mais temos no momento é tempo.

- Tudo bem, então começa, pois estou curioso.

_ Há muitos séculos atrás nosso líder foi destruído pelo seu Deus. E seu Deus no auge de sua ira amaldiçoou a nossa raça a viver como morcegos. Esta asa que você esta vendo toda membranosa em outrora era formosa como a de um anjo. Elohim, seu Deus afundou nossa cidade debaixo deste pântano, e nos castigou a nunca mais ver a luz do sol e da lua.

Vivemos muitos séculos na escuridão, até que começamos a iluminar com archotes e descobrimos no interior daqui vários minerais que poderiam ser usados em magia arcana e metais coloridos muito resistentes que passamos a confeccionar nossas armaduras e armas.

Nós tínhamos vida eterna e hoje vivemos apenas em media 300 anos.

Depois da derrota de Daniel que era o nosso grande líder, o braço direito dele Aroniah que era seu irmão passou a nos liderar. Todos os descendentes dos anjos amaldiçoados passaram a adotar seus nomes como sobrenome. Aroniah decretou que eles já não eram mais anjos e como tal não poderiam mais serem chamados assim e então passamos a nos identificar como Kirottus, que em nossa língua significa ser amaldiçoado.

Muitos séculos se passaram até que nasceu Nithah Aroniah, que não se conformava com esta situação e começou a questionar e a procurar uma solução para esta maldição, ele queria conhecer o mundo fora da escuridão. Nós formamos um grupo e nos auto intitulamos de Dragon Angel. Todos do grupo tinham que tatuar o braço com um dragão.

Nosso grupo começou com ele, eu e Badiyah Masiah, que era o mais inteligente de todos e conhecia muito bem as magias arcanas. Durante anos tentamos de tudo e muitos de nós se aventurou no mundo externo e todos tiveram fins trágicos.

Nosso grupo já era bem grande e dominávamos a todos. O filho de Nithah, McFine além de ser o Kirottus mais poderoso e invencível entre nós, também era o mais obsessivo na idéia de sair da caverna e imaginou que o segredo poderia estar nos humanos já que eles conseguiam viver na superfície, então devia ter algo no corpo deles que era imune à maldição. Durante os eclipses de sol e lua eles saiam para capturar humanos para estudar a possibilidade deles terem algum segredo dentro deles e começaram a misturar a magia arcana com magia negra e a utilizar humanos na experiência e junto com Badiyah tentar descobrir uma maneira de sair da caverna. Um dos minerais que encontramos aliado a magia arcana e negra conseguia drenar dos humanos um elemento que nos protegia contra a luz do sol e da lua, só não protegia se um raio solar atingisse diretamente. Mas a vida de um humano era pouco, nos dava pouco deste elemento, então precisávamos de mais, então eles começaram a montar armadilhas pelo pântano que de vez em quando pegava um humano. Estes humanos são colocados em casulos que drena este elemento sem matá-los. Este elemento é sintetizado e transformado em pequenas cápsulas que assim que tomadas nos permite ficar um tempo em exposição à luz. Mas demorou muitos anos até que fosse possível sair sem estar na escuridão total, mas mesmo hoje o tempo é muito curto que suportam, por isso, só saem quando a lua vai ser coberta e então conseguem mais tempo, ou seja, um pouco antes e depois da lua ser coberta aliada ao tempo de cobertura eles acabam conseguindo capturar muito mais humanos para drená-los o elemento. Eu não sabia que estavam usando os humanos para esta experiência e quando descobri tentei impedi-los e desde então estou preso aqui nesta cela.

- Mas por que ele não o matou? – perguntou Athos.

- Acho que é por que eu sou amigo do pai dele.

Athos estava confuso com a estória que acabara de escutar e olhando para as pessoas que estavam ao seu lado, ficou na dúvida se deveria contar-lhes a verdade, que estavam em um corredor da morte.

- Meu nome é Athos e o do senhor?

- Eu me chamo Yethiah Capuah

- É um nome estranho.

- Não menos que o seu.

- É melhor você dormir, pois agora é noite e vocês humanos preferem descansar neste horário.

Demorou para Athos dormir, mas os outros pareciam que já estavam acostumados com a situação e já haviam dormido há muito tempo. O velho Capuah ficou em total silêncio, quando adormeceu também.

Athos quando acordou notou que os barulhos que vinham de fora da cela tinham se cessado. Todos estavam acordados.

- Não escuto barulho lá fora, será que eles foram embora?

- Sim – disse aminthas – é dia e eles dormem, é sagrado para eles até os guardas aproveitam para dormir.

Mais algumas horas se passaram até que Capuah acorda e conversa mais sobre os hábitos dos Kirottus com Athos, principalmente sobre a maldição, que ele não entende por que esta maldição persiste, pois a maioria que hoje existe esta sendo punido por algo que seus antepassados fizeram.

Neste instante entrou McFine que começou a conversar com Capuah.

- E então esta feliz em viver junto de seus queridinhos?

Não tenho o que conversar com você.

Ele então se dirigiu a Athos tentando falar a língua humana, mas estava saindo muito mal nesta tarefa, dizendo apenas algumas palavras desconexas, sendo interrompido por Athos:

- Não precisa de se dar o trabalho de falar a minha língua, eu posso entendê-lo perfeitamente.

McFine fez uma cara de surpresa e calou-se, virando-se de costas e não conseguia disfarçar a emoção que sentira naquele momento. Capuah achou estranha a reação de McFine que chegou a ficar ofegante. Assim que se virou novamente para Athos seus olhos estavam brilhando de satisfação, parecia uma criança que acabara de receber um presente que há muito tempo esperava. Assim que ele controlou sua ansiedade perguntou calmamente para Athos:

- Por que você veio até nós?

- eu não quis vir, eu caí aqui, foi um acidente.

- Meu jovem neste mundo nada ocorre por acaso.

- toda regra tem exceções – disse Athos.

- Não, não tem, você é diferente posso sentir.

- Diferente como? Só por que sei falar sua língua!

- Talvez, Ainda não sei, mas vou descobrir.

- Onde você aprendeu a nossa língua?

- Apenas sei.

- Estranho, mas compreensivo.

- Por que?

Neste instante entrou abruptamente os dois integrantes dos Dragon Angel Jeliel e Sitael falando ansiosamente:

- Senhor tem dois Marriah fazendo muitas perguntas – Disse Jeliel

- vocês sabem quem são?

- sim, eram Pk e seu amigo Omael - falou rapidamente Sitael causando uma certa raiva em Jeliel que queria fazer uma média com Mcfine.

- Até que demorou para Webster se intrometer – disse Mcfine e depois se perdendo em pensamentos.

Todos ficaram olhando para McFine esperando alguma ordem até que ele falou:

- Muito interessante, parece que o universo funciona que nem uma ampulheta.

Todos ficaram intrigados com o comentário dele, mas ninguém se atreveu a falar alguma coisa.

- Chamem os rapazes e vão até lá no buraco deles e me tragam Webster e seus dois pupilos de preferência vivos. Agora me escutem com atenção se tiver mais alguém com eles tragam todos...Vivos.

McFine virou novamente para Athos com o mesmo brilho nos olhos de satisfação que havia demonstrado anteriormente e perguntou:

- Por acaso tem mais pessoas que vieram com você?

- Não, eu caí sozinho.

- certo, eu entendo, mas quando estava no pântano havia mais alguém com você?

Athos ficou intrigado com as perguntas dele, e ficou receoso para falar a verdade, pois ele poderia mandar alguém atrás deles.

- Não, eu caminhava sozinho.

Ele olhava para Athos com a certeza que ele estava mentindo.

- Muito interessante.
- O que é muito interessante.
- Nada de mais, mas acho que mais uma pedra do jogo foi mexida.
- Pedra do jogo? Não estou entendendo.
- Se eu estiver certo, seus amigos já estão entre nós.
- Não pode ser, como eles entrariam aqui.

Athos depois que falou se arrependeu, pois entregou que realmente havia alguém com ele lá no pântano.

- É impossível você só disse isso para eu falar a verdade.
- Em breve, descobriremos, se eu estou certo.
- O que está acontecendo? – perguntou Capuah.
- Acho que o universo esta começando a corrigir um erro grave.
- Do que você está falando? – perguntou Capuah.

McFine começou a rir e saiu do calabouço.

CAPÍTULO 15

O resgate de Athos

Eles escutam um bater forte e rápido na porta, parece que estavam desesperados e assim que o Carrasco abre a porta PK e Omael entram correndo.

- O que aconteceu – perguntou Carrasco.

- Senhor acho que realmente esta acontecendo alguma coisa lá no castelo de Mcfine – disse PK.

- Por que você diz isso.

- Nós fizemos como o Senhor pediu, voamos até lá e começamos a fazer perguntas como que fosse uma conversa sem nenhuma intenção, mas tenho certeza que eles desconfiaram, e não demoram eles devem aparecer por aqui.

- Mas vocês ficaram sabendo de alguma coisa? – perguntou Cornélio Flyner.

- Um deles me disse que não demoraria para os Dragon Angel mostrar sua verdadeira força – Pk fez uma pequena pausa para tomar ar e continuou – e ai então perguntei que força era essa e então ele disse a coisa mais estranha, achei até que ele estava bêbado.

- Fala logo, não enrola – disse Carrasco.

Ele disse que estava chegando a hora deles provarem que eram mais forte que esta maldição.

- Eu não disse – gritou Haddock – eu não te falei que eles têm algum jeito de sair deste buraco.

- E tem outra coisa – disse Omael recebendo um olhar de raiva de PK.

- Eles devem estar com o amigo deles – disse isto olhando para Haddock.
- Por que você acha isto? Perguntou Carrasco.
- Ontem mais ou menos no horário que eles disseram que o amigo deles caiu nos fomos lá no labirinto e encontramos Jeliel e Sitael com uma atitude suspeita parecia que estavam esperando algo.
- Provavelmente eles já sabiam que nós estávamos próximos da armadilha – disse Cornélio.
- Mas por que vocês não disseram isto antes.
- Não tínhamos certeza e eles estavam acusando a gente de mentirosos e assassinos, não queríamos alimentar mais a teoria deles.
- Gente é melhor agirmos rápido – disse Eric – se estiverem certos provavelmente eles não demoram a chegar aqui.
- Pk – disse Carrasco – vá e chame os outros.
- Eu já sabia que o senhor iria me pedir isto, então já os chamei, eles estão lá fora montando guarda.
- Como podemos chegar naquele castelo sem sermos vistos? – perguntou Cornélio Flyer
- Vocês devem esperar que amanheça novamente, pois ai todos kirottus adormecem e então vocês poderão caminhar até lá.
- Não temos tanto tempo assim, não sabemos o que estão fazendo com os humanos que estão presos lá – disse Cornélio Flyner.
- Bom tem um canal subterrâneo que dá direto no castelo, mas acho que ele foi bloqueado, não tenho certeza – disse Carrasco.
- Nós temos que arriscar – disse Frigg.
- Então vamos logo – falou Haddock.

Eles saíram rapidamente da sala e começaram a subir aquelas escadas horríveis, que na descida já havia sido difícil e na subida piorou tornando-a uma verdadeira tortura em seus corpos. Eles observavam os nomacks que subiam com desenvoltura sem sentir a pressão que a eles empurravam para baixo. Assim que todos saíram pela porta que dava direto para o galpão destelhado e se reuniram com os outros nomacks que os estavam aguardando, eles escutaram um zunido certo cortando o ar. Era uma flecha que atingira com precisão a cabeça de um nomack que estava à frente de Haddock.

- Por que você o matou – disse Sitael em cima do telhado do galpão – McFine disse para levarmos todos com vida.

- Você é burro Jeliel, você não está vendo que ele quer são os humanos que estão com eles. Pk, Omael e Carrasco ficaram no chão em volta dos humanos protegendo-os, enquanto os Marriah alçaram vôo com suas espadas em punho na direção dos Dragon Angel que conseguiam atirar suas flechas em pleno ar.

A batalha acima deles não durou muito, pois os Marriah estavam em maior número.

- Vamos rápidos – disse Carrasco - eles não vão demorar muito trazendo mais ajuda.

Eles saíram da casa e chegaram até a entrada do túnel que daria acesso ao castelo sem serem visto, mas para a decepção deles a entrada estava totalmente destruída.

- Não tem jeito teremos que passar pela vila mesmo – diz Carrasco.

- Mas não é perigoso? – Pergunta Cornélio Flyner.

- Acredito que não, porque na vila a maioria não são guerreiros, são Kirottus comuns e mesmo os que odeiam os humanos não terão coragem de nos enfrentar.

Eles então caminham até a vila causando surpresa a todos. Por onde eles iam passando os Kirottus iam recuando, uns fazendo cara de admiração e outros de raiva, mas como Carrasco havia dito, nenhum deles se atreveu a atacá-los. Eles caminharam devagar para

não assustá-los mais do que já estavam, foi quando uma saraivada de flechas cortou o ar atingindo mais dois Marriah. Quando olharam para o alto viram um exercito de Dragon Angel voando na direção deles. Eles olharam para todos os lados e não tinham como escapar daquele exercito alado, pressentiam que era inútil resistir, então abaixaram as armas para evitar mais mortes. Foi quando escutaram um grito vindo do telhado de uma casa de dois pavimentos bem à frente deles. Era uma criança Kirottus fantasiada de guerreiro. Os Dragon Angel pararam no ar ao verem que várias crianças estavam aparecendo nos telhados armados com arco e flecha.

Carrasco ao observar bem viu que eram crianças que sempre brincavam de atacar os Dragon Angel, pois sempre escutavam de seus pais que a maldição não era retiradas deles por causa do coração ruim dos Dragon Angel.

Eles se intitulavam os cavaleiros da luz e que através de suas flechas eles conseguiriam o perdão dos céus que os recompensariam com o retorno deles para a superfície, a recuperação do direito de ter contato com a luz.

O líder deles se chamava Fletcher Jr e era o filho de Carrasco.

- O que estas crianças pensam que estão fazendo, brincando de guerreiro neste momento – disse Haddock.

- Você não sabe nada sobre nós – disse Pk se enchendo de brio e pegando sua espada de volta.

- Vocês estão loucos – disse Frigg – são apenas crianças.

- Nós os kirottus nascemos guerreiros e quando temos um ideal a defender, os defendemos até a morte se for preciso – disse Carrasco.

Cornélio Flyner pegou de volta o seu cajado e disse olhando para todos:

- Parece que as coisas vão esquentar, vocês vão deixar as crianças resolverem tudo sozinhas?

Neste instante, Frigg pegou seu machado, Haddock sua espada e Eric o arco e flecha que havia pegado de PK.

- Carrasco então fez um sinal de concordância para seu filho que olhou para seus companheiros mirins e com um brado de guerra autorizou-os a atirarem suas flechas em direção aos Dragon Angel que estavam pairando no ar perplexos, derrubando vários deles.

Os Dragon Angel então voaram na direção das crianças sem nenhuma misericórdia, mas para surpresa deles algo inusitado aconteceu, a maioria dos Kirottus da vila também armados de espadas voaram na direção deles para proteger suas crianças e que foram seguidos pelos Marriah liderados por Carrasco, parecia uma batalha dos céus apesar de estarem restritos a uma caverna enorme.

Mas algo estranho aconteceu aos olhos de Cornélio Flyner e Frigg no momento em que as crianças e os comuns partiram na direção dos Dragon Angel, provavelmente deveria ser uma ilusão de ótica ocasionada pelo bater dos metais e armaduras reluzentes, mas o que eles viram foi maravilhoso, pois eles não pareciam aqueles morcegos gigantes de asas membranosas, eles pareciam anjos de verdade, iguais aqueles que escutavam nas estórias que suas mães contavam quando eram crianças, suas asas eram angelicais, parecia uma batalha de anjos contra demônios.

Enquanto a luta estava enraivecida no ar, Cornélio, Haddock, Eric e Frigg seguiram correndo PK e Omael e mais alguns Marriah em direção ao castelo.

- Nós não vamos ajudá-los? – perguntou gritando Frigg em meio ao barulho da batalha.

- Esta guerra não é de vocês – disse Omael.

- Vocês agora têm que se preocuparem com seus semelhantes – Completou PK.

Quando chegaram próximo ao castelo verificaram que ele não estava tão bem guarnecido.

- Como vamos encontrar o Athos este castelo é bem grande – perguntou Frigg.

- Eu o conheço muito bem – disse PK – eu brincava ai quando era criança com Jeliel e Sitael.

- Não são aqueles Dragon Angel que estava no labirinto que você suspeita terem pegado o Athos? – perguntou Haddock.

- Sim, eles mesmos, mas não quero falar sobre isto agora.

Assim que terminou se falar Pk fez um sinal para abaixarem, pois o vigia estava olhando desconfiado na direção em que se encontravam. Depois de alguns minutos PK volta a falar:

- Tem somente dois guardas na torre e dois no portão principal devemos derrubá-los ao mesmo tempo para que não consigam alertar que estamos aqui.

Omael e PK prepararam suas flechas enquanto Frigg pegou uma pedra e como se tivessem treinado juntos há muito tempo, dispararam ao mesmo tempo suas flechas e pedra atingindo ao mesmo tempo seus alvos derrubando-os.

PK olhou para os outros quatro Marriah que os acompanhava e perguntou:

- Vocês pegaram os elmos dos Dragon Angel?

Todos assentiram com um menear da cabeça.

Então nos leve como se fossemos prisioneiros.

Eles caminharam através do portão principal que dava acesso a um corredor longo que tinha o teto com pequenos orifícios na qual havia vários Dragon Angel armados com arco e flechas, que caso alguém conseguisse passar pelos guardas do portão principal, seriam facilmente abatidos por eles.

Eles passaram com uma certa tranquilidade, pois como não ouviram nenhum barulho e também já esperavam que humanos fossem trazidos naquele momento, nem fizeram perguntas.

Assim que ultrapassaram o corredor deram de cara com uma área livre, mas também toda murada, pois o castelo foi construído como dois anéis de muros, para caso alguém conseguisse também passar pelo corredor pudessem ser atingidos pelos arqueiros que se posicionavam no próximo muro. Esta área também era fechada com cordas que ligavam as duas muralhas partes mais altas para caso fossem outros Kirottus que tentassem invadir o castelo e não o pudessem fazer pelo alto.

Eles seguiram em frente até o próximo portão, no caminho havia pedras de todos os tamanhos para dificultar o inimigo caso o castelo estivesse sendo atacado. Mas eles não sabiam que havia um caminho certo para ser seguido. Isto é feito para descobrir inimigos disfarçados. As flechas começaram a zunir por todos os lados, mas estava claro que queriam atingir apenas os Marriah, dando a certeza à eles que queriam eles vivos.

Apesar da enorme quantidade de flechas os Marriah eram muito ágeis e levantaram vôo e atingiram seus oponentes com grande facilidade, fazendo com que começassem a baixar o portão secundário para que ficassem presos entre as duas muralhas.

- Temos que arrumar uma maneira de parar este portão – gritou Cornélio Flyner.

Haddock olhou para Frigg com aquela cara de que agora é com você.

Neste instante chegaram mais Dragon Angel nas muralhas só que mais atentos, pois vieram com uma proteção para que não fossem atingidos pelas flechas dos Marriah.

Frigg vendo que se demorasse mais um pouco seus amigos Marriah seriam atingidos, então ele se posicionou próximo a uma pedra oval maior do que ele e começou a inspirar e expirar freneticamente fazendo com que seus músculos e veias saltassem dando a

impressão de Frigg aumentar seu tamanho e com um urro assustador que fez a batalha cessar por alguns instantes, pegou a pedra e a levantou com extrema facilidade que assustou a todos, menos Haddock que já o tinha visto daquela forma, e arremessou a pedra em cima do portão estilhaçando-o em mil pedaços.

Eles correram através do portão sendo seguido com vôos rasantes dos marriah impressionados com Frigg. Deram de cara com uma descida que parecia não ter fim, mas aos poucos o caminho vai nivelando. Começam a escutar o barulho de água que vinha de um rio subterrâneo.

Eles pularam na água que os cobriu até a cintura. Caminham até um vão que dá acesso a um grande labirinto parecendo uma central de distribuição água que tinha várias saídas.

Apesar do conhecimento do castelo, PK ficou na dúvida de dois caminhos a seguir.

- Não pode ser, isto de novo não – disse Frigg.

- O que você quer dizer com isto – perguntou Eric

- É que nosso amigo, este que estamos procurando ficou na dúvida de dois caminhos também e fomos no errado – disse Haddock.

Depois de algum tempo PK decide por um caminho e para a felicidade de todos era o caminho certo dando direto a outra saída próxima à uma escada circular.

Eles sobem a escada que dava direto em um corredor úmido.

- Estamos no caminho certo, podem ficar tranquilos – disse PK.

- Falando em tranquilidade... Vocês não acham que está muito tranquilo – disse Haddock.

- O que você está querendo dizer? – perguntou Frigg.

- O que ele está querendo dizer é que desde que passamos pelo portão secundário, ninguém mais atacou – completou Cornélio Flyner.

- Continuo a não entender.

- Acho que eles estão facilitando para nós – disse Haddock.

Ao final do corredor deram de cara com a porta do calabouço aberta.

- Fiquem preparados – disse Pk – tenho certeza que estão preparando uma armadilha para nós.

Eles começaram a empurrar a porta do calabouço bem devagar para não alertar o inimigo, mas era uma tarefa difícil, pois a porta rangia muito. Assim que a porta abriu completamente eles invadiram preparados para um embate, mas tiveram uma surpresa, pois não havia nenhum Dragon Angel os aguardando.

Eles olharam e viram uma grande cela com muitos humanos trancafiados.

- Frigg...Haddock.

Era o grito de uma voz embargada pela emoção. Frigg e Haddock correram em direção a cela e com grande alegria viram que sua busca havia terminado.

- Finalmente o encontramos – disse Frigg chorando.

- E aí panaca, vê se não assusta mais a gente – disse Haddock.

- Gente eu não acredito que vocês vieram aqui só para me buscar.

- Você acha que nós íamos deixar alguém te matar – disse Frigg com cara de bravo.

- É isto aí, se alguém tiver que matá-lo tem que ser a gente – completou Haddock.

- Pessoal não temos tempo – disse Cornélio Flyner – onde estão os guardas.

- Não sei – disse Athos – o chefe deles mandou todos saírem daqui.

- Vocês também estão aqui – gritou Haddock emocionado para aminthas e seus filhos que assentiram com a cabeça, mas não falaram nada.

- Vão todos para o fundo – disse Frigg.

Assim que todos se posicionaram no fundo, Frigg abriu a porta da cela com apenas um chute.

Aminthas e seus filhos abraçaram Haddock com muita força, fazendo-o chorar de emoção, pois eles eram como uma segunda família para ele.

Quando todos estavam se preparando para sair da cela uma voz grossa e poderosa veio da porta do calabouço.

- Finalmente vocês chegaram.

Todos olharam para trás e viram um Dragon Angel trajando uma armadura vermelha bem maior do que os que já haviam cruzado pelo caminho.

- McFine – disse Pk.

- Pensei que o idiota do seu tio Fletcher estaria aqui também.

- Não fala assim dele – Pk disse isto partindo para cima de McFine.

McFine com uma velocidade quase imperceptível pegou PK pelo pescoço e o levantou com uma tremenda facilidade.

- Tse, tse, tse, vocês não aprendem mesmo – McFine disse com ar de deboche – vocês não são páreo para mim.

McFine então jogou PK em cima de Omael com tamanha força que os dois se arrebentaram na parede e seus companheiros Marriah ficam paralisados de medo diante da força de McFine.

Haddock, Eric e Frigg se preparam para atacá-lo ao mesmo tempo, mas foram impedidos por Cornélio Flyner.

- Fiquem parados, este nomack é muito poderoso e com certeza mataria todos nós com extrema facilidade.

- Velho sábio – diz McFine – Você sabe que sou mais forte que todos vocês juntos.

McFine olha atentamente para Cornélio e percebe que ele não havia entendido nada que ele havia dito.

- Bom parece que só você entende a minha língua certo! – Mcfine diz isto olhando para Athos.

Athos olha para todos e viu que somente ele estava entendendo fazendo-o pensar por isto só estava acontecendo com ele, mas apesar de sua dúvida ele respondeu:

- Sim, somente eu consigo compreendê-lo.

Todos ficaram atônitos ao ver Athos conversando com aquele nomack gigante.

- O Athos consegue entender o que eles falam! – disse perplexo Haddock.

- Sim – disse Byron – é muito massa, ele fala a língua dos morcegos.

- Silêncio – disse irritado Mcfine e virando para Athos continuou falando:

- Então faça o que eu mandar que ninguém se machucará.

Athos concordou apenas com o olhar e um menear da cabeça.

- Mande todos colocarem suas armas no chão.

- Ele mandou todos colocarem suas armas no chão – disse Athos.

- Você tá louco, eu não vou colocar minha arma no chão – disse Haddock.

- Façam o que ele está mandando – disse Cornélio Flyner com um voz de autoridade.

Todos abaixam suas armas inclusive Haddock a contra gosto.

- Revistem-nos.

Assim que a ordem foi dada por Mcfine vários Dragon Angel entraram no calabouço e foram tirando todos os pertences deles e jogando no chão com o olhar ansioso de Mcfine.

Quando terminaram de revistá-los McFine ficou impaciente, mas não alterou sua voz:

- Me diga Athos, é este seu nome certo?

Athos confirmou apenas com um movimento da cabeça.

- Então gostaria de saber uma coisa – após dizer isto ele faz alguns movimentos com a mão e aparece flutuando no ar em tom amarelado ouro várias palavras na língua dos Kirottus – leia para mim o que esta escrito.

- Em uma situação de morte, a verdade deve sempre prevalecer – disse Athos.

- Interessante – disse isto coçando o queixo – Você fala e lê fluentemente a nossa língua.

O clima no calabouço estava ficando tenso, todos viam que McFine não estava satisfeito.

- Sabe tudo está se encaixando, então eu acredito que o Universo está tentando corrigir um grave erro ocorrido no passado e eu sei que vocês são uma parte importante para que isto possa acontecer, mas sinceramente ainda não sei onde vocês entram nesta estória.

- Você poderia falar mais claramente, quem sabe eu possa lhe ajudar – Disse Athos.

- Claramente, claro, claro...Então...Onde está o livro?

- Livro! Que livro? Não sei do que você está falando!

Cornélio Flyner vendo a reação de Mcfine e Athos, pergunta o que eles estão conversando.

- Ele tá dizendo que aconteceu alguma coisa no passado que vai ser corrigido, mas ele precisa de livro que acredita que está conosco.

Neste instante quando Athos fala do livro, Haddock se assusta ficando tenso, mas disfarça não deixando ninguém perceber a sua reação.

- Se vocês não estão com o livro, com certeza sabem onde ele está.

- Eu já disse, não sabemos nada sobre este livro.

- É parece que conversando não chegaremos a nenhum acordo – disse McFine olhando para os outros humanos que estavam na cela e fixando o olhar em Byron e Clayde, as únicas crianças presas.

Athos viu aparecer do nada duas setas pontiagudas na mão de Mcfine e lembrando da frase que tinha lido anteriormente “Em uma situação de morte, a verdade deve sempre

prevalecer”, pressentiu o que estava para acontecer e no meio daquela situação Athos escutou ao fundo Cornélio Flyner gritando - Proteja!

Athos saiu correndo na direção de McFine gritando:

- Não, não faça isto! Mas era tarde, as setas já haviam sido arremessadas na direção das crianças.

Athos ajoelhou-se no chão com os olhos fechados, pois estava sem coragem de olhar na direção dos meninos, e ver uma cena aterrorizante.

- Você acha que vai conseguir manter este campo por quanto tempo? – perguntou McFine.

Athos sem entender nada abriu os olhos e virou-se na direção das crianças e teve uma grande surpresa, todos os humanos estavam envolvidos com um campo de força altamente resistente criado por Cornélio Flyner.

- Idiota – disse McFine para Cornélio Flyner – seu campo não foi suficiente para proteger a todos.

Athos então viu que Haddock não estava sendo protegido e como um raio Mcfine voou na direção de Haddock pegando-o pelo pescoço e levantando-o.

- Bom parece que voltamos ao mesmo ponto – disse isto olhando para Athos – agora meu jovem onde está o livro – disse isto apertando o pescoço de Haddock.

- Eu já disse, eu não sei nada sobre este livro que você está querendo – disse gritando e pedindo para ele soltar Haddock.

- É parece que você não liga muito para este aqui né! Mas mesmo assim que tal ver ele sofrer mais um pouco – ao dizer isto ele aperta o braço enfaixado de Haddock causando-lhe uma enorme dor.

Athos corre na direção de McFine na esperança de conseguir soltar Haddock, mas é jogado contra a parede.

Neste instante McFine sente uma enorme dor em seu braço e quando vira e olha para Haddock leva um susto, pois Haddock esta com uma expressão forte e com os olhos enegrecidos:

- Solte meu pescoço agora – disse Haddock.

McFine assustado arremessa Haddock contra a parede próximo a Athos imediatamente, sentindo uma fraqueza no corpo como se parte de sua energia tivesse sido sugada.

Neste instante rompe-se para dentro do calabouço Carrasco para cima de McFine, sendo seguido por outros Marriah começando uma briga titânica.

Todos olhavam admirados para Carrasco crescendo em cima de McFine enquanto os outros Dragon Angel eram sendo dominados pelos Marriah.

Em um momento da luta Carrasco grita com todos:

- Fugam pela torre leste do castelo – e olhando para PK completa – levem-nos pela raiz da grande árvore sagrada.

- Temos que salvar as pessoas que estão nos casulos – Grita Athos.

- Não há tempo – diz o velho nomack prisioneiro Capuah – A saída deles do casulo demora dias e se tentarem resgatá-los eles terão morte instantânea, mas não se preocupe, pelo jeito esta havendo uma revolução nos nossos domínios, então deixe comigo que nós os salvaremos, preocupe-se com seus amigos e outros prisioneiros.

Haddock puxa o braço de Athos dizendo:

- Deixe este nomack velho ai e vamos embora.

Neste momento sem perceber Haddock é golpeado por um Dragon Angel e cai próximo a Capuah, que se levanta e com apenas um gesto arremessa o oponente de Haddock e mais dois para bem longe.

Capuah estende a mão para ajudar Haddock a se levantar.

- Eu sinto muita força dentro de você – Capuah diz para Haddock – mas você vai precisar de muita sabedoria para usá-la.

- Eu não preciso de seus conselhos.

Capuah arregalou os olhos ao saber que Haddock também entendia a língua deles.

- Você entende a língua deles também? Perguntou Athos.

- Não eu não entendo, sei lá antes eu não entendi nada, não sei por que...

Haddock nem terminou a frase quando foi atacado, mas desta vez ele estava alerta e desferiu um único golpe de sua espada derrubando seu oponente.

- Vamos logo não percamos tempo – gritou PK indicando a saída do calabouço.

Eles vão correndo através de vários corredores com PK à frente orientando a todos em direção à torre leste, que era a mais alta e segundo Carrasco, seria a salvação deles.

Quando eles olham para trás viram vários Dragon Angel perseguindo eles, só que desta vez tinha muito mais, parecia um enxame de abelhas.

Os corredores eram bem largos e alto permitindo que eles voassem dentro do castelo em uma velocidade incrível.

- Frigg faça alguma coisa! – gritou Haddock

- O que você quer que eu faça?

- Usa sua força.

- O que ele pode fazer? – perguntou Athos.

- Você não viu o que ele fez na estrada do castelo – disse PK logo à frente.

Athos ficou intrigado, lembrou-se da fuga da Fortaleza do Centro, mas o que ele poderia fazer naquela situação pensava ele.

- Não temos tempo, eles estão quase nos alcançando – disse Athos.

Com a velocidade que os anjos negros estavam, em poucos segundos seriam capturado, mas para a sorte deles o corredor começou a se estreitar obrigando os Dragon Angel a pararem de voar e correr a pé, dando um pouco mais de distância entre eles.

O estreitamento foi tão grande que Frigg já conseguia com os braços esticados tocar os dois lados do corredor dando a ele uma idéia. Ele começou a apertar as mãos uma contra a outra, parecia que queria fundi-las e começou a aumentar o ritmo de sua respiração forçando a aumentar de tamanho, parecia que estava sendo inflado, fazendo com que seus músculos começassem a se definir cada vez mais.

- Vai mais rápido eles estão quase nos alcançando – gritou Eric

Os anjos negros já estavam quase tocando Frigg, então ele abriu os braços e com um grito socou as paredes e começou a rasgá-las como se fossem de papel. O movimento frenético que fazia com as mãos fez com que o teto desabasse em cima dos Dragon Angel.

-Por enquanto estamos salvos – disse Cornélio Flyer olhando para trás e vendo uma barreira entre eles e os Dragon Angel.

- Cara isto foi incrível – gritou Athos para Frigg que estava estirado no chão morto de cansaço.

- Vamos logo não podemos perder tempo – disse Aminthas preocupado com seus filhos.

Quando chegaram ao final do corredor deram de cara com uma cúpula toda cheia de desenhos pintados na parede. Parecia ter sido feito por alguma criança, mas assim que olharam para o teto viram um buraco que com certeza era a saída daquele inferno.

Os desenhos eram todos desconexos, de um lado tinha figuras de anjos lutando entre si no céu e no outro lado havia o desenho de um anjo com aspecto poderoso segurando uma espada com uma mão e um livro com a outra.

- Será que era este livro que McFine tanto queria? – indagou Athos.

- Não pode ser – disse Haddock – por que um livro deste estaria conosco.

- Esta pintura é muito controversa – disse PK.

- Por que você diz isto? Perguntou Cornélio Flyner.

- O que aprendemos quando criança é que este aí é nosso Deus Daniel, e a espada significa a justiça e o livro é a sabedoria, mas muitos acreditam que este livro é o livro da salvação, o livro que acabaria com a nossa maldição.

- Pelo que sei este livro nunca existiu – disse Omael – É apenas para nós refletirmos sobre nosso comportamento através da sabedoria.

Neste instante eles escutam uma explosão e um bater de asas ensurdecedor a seguir.

- Eles derrubaram o bloqueio, precisamos ser rápidos – disse Cornélio Flyer.

PK olhou para os outros Marriah com um olhar de tristeza e dúvida como se pedindo uma aprovação de seus companheiros para o que iria acontecer em seguida. Todos olharam para ele concordando que eles deveriam seguir em frente, pois sabiam o que tinham que fazer.

- Só dá para sair daqui voando, não tem escadas - Disse Eric.

Nós estamos aqui para isto mesmo – disse PK apontando para os outros Marriah que os acompanhavam.

Cada um deles pegou várias pessoas e voaram através da passagem.

Em seguida voou Omael carregando Frigg com certa dificuldade enquanto outro levou Haddock e Eric.

O último a levantar vôo foi PK que estava carregando Cornélio Flyer e Athos.

Neste instante vários Dragon Angel os tem no seu alcance inclusive Mcfine, mas são atingidos por flechas vindo do fundo do corredor impedindo-os de capturar PK, que sai voando através do buraco no teto. As flechas foram arremessadas por Carrasco em seu último esforço de ajudar todos a escaparem.

Quando McFine olha para cima vendo todos escapando pelo buraco começa a rir e impede que seus subordinados perseguissem eles.

Ele olhava fixamente para uma pintura, que há muito tempo não entendia, era a única pintura que não fazia sentido em seu quebra cabeça.

A pintura era enigmática, era um desenho de anjos carregando humanos em direção a luz, na qual um deles carregava um livro.

- Deixe-os ir – disse McFine com uma voz de satisfação e continuando a olhar a pintura ele pensa:

- Agora tenho certeza, o mal será reparado em breve.

Todos os Marriah voaram em direção à saída decididos, sabiam que tinham que salvar todas aquelas pessoas.

As pessoas quando enxergam o final da subida, vêem que seria impossível atingir seus objetivos, já era dia e o sol estava muito forte e com certeza faria seus amigos Marriah retrocederem senão iriam morrer.

Para a surpresa de todos os Marriah não retrocederam, continuaram na mesma velocidade com um olhar de determinação, eles sabiam que era preciso se sacrificar. Tinham a certeza que eles iriam ajudar seu povo, não sabiam como ou porque, mas suas esperanças foram depositadas neles.

Os Marriah que estavam à frente atravessaram aquele portal de luz deixando todos boquiabertos com a coragem deles.

Frigg e Haddock olham para Omael e gritam:

- Não você não pode se sacrificar por nós.

Mas já não dava mais tempo, a luz do sol o atingiu com tamanha força que ele desapareceu, mas seu rosto não transmitia medo, transbordava felicidade, sabia que o sacrifício valeria a pena.

Logo atrás vinha por último Pk carregando Cornélio Flyner e Athos.

Eles estava aterrorizados vendo seus salvadores se sacrificando por eles. Amigos recentes que há poucas horas eram considerados seus inimigos mortais, e que agora caminham para a morte para nos garantir a vida. Cornélio Flyner naquela fração de segundo questionava por que tamanho desprendimento.

Athos e Cornélio Flyner quando vão se aproximando gritam para tentar impedir PK de seguir em frente, pois ele era necessário para seu povo, mas ele mesmo com lágrimas nos olhos e com visível medo da morte que o aguardava sabia que tinha que se sacrificar e talvez salvar seu povo da maldição imposta a eles. Pk continuou firme em seu propósito quando o vento que lhe cortava o rosto parecia falar com ele:

- Não tenha medo.

Aquelas palavras entraram por seu ouvidos e caminhando direto para seu coração, era uma sensação forte, parecia que algo estava sendo arrancado, mas era uma sensação boa que o fez voar ainda mais rápido de encontro à luz do sol. Parecia que houvera uma explosão de luz fazendo com que Athos e Cornélio Flyner fechassem seus olhos, talvez causada pelo tempo que ficaram na escuridão.

Athos enquanto está com os olhos fechados tem uma sensação estranha, mas familiar, ele naquele momento lembrava da sensação de quando era carregado no colo por sua mãe quando era criança e assim que abriu os olhos teve uma surpresa maravilhosa, ele não estava mais sendo carregado pelo nomack Pk e sim pelo anjo Pk.

Algo acontecera, não sabia como, Pk estava mais alto, forte, com a pele mais lisa e transmitia bondade e suas asas já não eram mais membranosas, eram de penas iguais as dos anjos das estórias que escutava quando criança.

Athos quando olhou para os lados se deparou com mais anjos, eram seu amigos marriah sobrevoando a árvore sagrada.

Pk com uma expressão feliz diz para todos:

- Agora eu sei que esta maldição foi imposta em nossos corações e a cura sempre esteve dentro de nós eu preciso voltar agora e salvar o meu povo.

Todos que ali estavam comemoram não só a saída daquele lugar horrível e agradecem seus anjos salvadores.

Antes de ir Pk voa em direção a Haddock e toca-lhe o braço enfaixado fazendo-o arquear o corpo e diz:

- Haddock eu sei que você está com muitas dúvidas, pois aconteceram muitas coisas ruins na sua vida e infelizmente muitas outras coisas ainda irão acontecer aumentando ainda mais sua aflição, mas acredite não nascemos bons ou maus, são nossas ações e crenças que moldam nosso caráter e com certeza nós somos donos de nossos destinos.

Haddock abaixou os olhos e não questionou, sabia que Pk estava certo, mas será que aquelas palavras seriam suficiente para aplacar a angustia que sentia em seu coração, e com um aperto de mão Haddock agradeceu.

Pk fez um gesto para que todos os anjos se reunissem próximo a ele e disse para seus amigos humanos:

Gostaria de poder ajudá-los a descer desde lugar, mas meu povo precisa urgentemente de nós e tenho certeza que vocês estarão bem daqui para frente, mais uma vez obrigado por tudo.

- Nós é que temos que agradecer – disse Cornélio Flyner e olhando para as pessoas ao seu redor fez com que todos dissessem ao mesmo tempo:

- Obrigado por tudo e boa sorte!

Os anjos emocionados e decididos alçaram vôo pela entrada da grande árvore sagrada em direção ao seu povo aflito.

Assim que os anjos desapareceram da vista de todos, ele teve a dimensão da altura onde se encontravam. A árvore sagrada era gigantesca, sua copa cobria boa parte do pântano.

Cornélio Flyner olhando para baixo disse:

Bom amigos vamos embora por que a decida vai ser longa.

Todos olharam para baixo com muito receio, mas depois de tudo que passaram aquilo parecia uma brincadeira de criança.

CAPÍTULO 16

Segredos desvendados

Apesar de estarem naquele pântano assustador, todos estavam felizes e caminhavam fazendo a maior bagunça até a casa de Cornélio Flyer.

Eles quando entraram ficaram maravilhados com a parte interna da casa, imaginando como poderia existir algo tão aconchegante naquele lugar horroroso.

Depois que todos se acomodam Aminthas conversa com Haddock:

- Eu reparei que você está carregando uma espada quebrada.

- Sim, esta espada lembra meu pai.

- Mas não pode ser dele, pois fui eu que sempre fiz as espadas para ele.

- De certa forma era dele sim, pena que está quebrada e acho que não pode ser consertada – diz Haddock com voz de desânimo.

- Por que você acha que ela não pode ser consertada Haddock?

- O metal desta espada é especial, acredito que mesmo que você a conserte ela nunca será mais como antes.

Aminthas virou-se para Cornélio Flyner e perguntou:

- Você tem ferramentas aqui para que eu possa consertá-la?

- Sim esta na parte de trás desta árvore lá fora.

Aminthas levantou-se pegou sua capanga que continha alguma coisa e a espada quebrada de Haddock e saiu imediatamente.

Quando Aminthas abriu a porta, entrou a luz do sol mostrando que lá fora estava um clima gostoso em torno da árvore-casa de Cornélio Flyner. Todos ficaram surpresos, pois em momento algum o sol conseguia atingir o chão do pântano. A surpresa foi tanta que todos saíram para aproveitar aquele momento de descontração ficando apenas Cornélio Flyer, Athos, Haddock e Frigg dentro da casa.

Athos tinha adorado a casa, mas tinha uma atenção especial por um caldeirão que estava no centro da sala e falou com uma excitação tremenda:

– É um caldeirão máster de mais de 1000 anos, ele é raro, pois só foram fabricados três e um está com o mago Etério, o outro é do feiticeiro Asmin e o terceiro era do – fez uma pequena pausa e olhou fixamente para flyer tentando identificá-lo melhor e disse:

– Peraí, então você só pode ser o Tio Nélio – disse bem exaltado e feliz, pois era um tio que apesar dele nunca ter conhecido, seus pais falavam muito bem dele.

Cornélio Flyer chegou próximo de Athos e sentiu a mesma sensação de força que teve quando encontrou com Haddock, só que a de Athos era sem dúvida muito boa.

- Sim Athos, sou seu tio Nélio.

- Puxa tio por que você foi embora?

- Sabe Athos eu fiz uma coisa grave no passado e fiquei com vergonha de encarar as pessoas por isso eu me isolei aqui no pântano.

- Mas o que o Senhor fez de tão grave? Perguntou Athos.

Cornélio Flyner ficou sem graça e silenciou-se caminhando em direção à lareira e olhando para as chamas se perdeu em pensamentos.

Todos ficaram olhando para ele, mas já o conheciam bem, sabiam que quando começava a pensar não gostava de ser interrompido. Ele se virou e encarou um a um e parando o olhar em Haddock começou a falar:

- Eu nunca falei desta estória com ninguém e isto está me corroendo por dentro, então acho que chegou o momento de desabafar.

- Há 20 anos atrás a rainha Margareth morreu por minha causa.

Haddock ao ouvir o nome dela dá um pulo da cadeira onde estava sentado e começa a escutar Cornélio Flyner com mais atenção, mas sem interrompê-lo.

- No início eu não gostava dela, achava que ela só queria enganar o rei Bartok, e cheguei a ponto de tentar impedir que o rei casasse com ela, mas felizmente não consegui.

Como é de costume a rainha deveria dar um herdeiro ao rei, mas ela não conseguia engravidar e alguém falou para o rei que eu havia feito um feitiço que a impedia de engravidar. O rei sabia que eu não gostava dela, pois eu sempre deixei isto claro.

O clima na sala estava ficando tenso, Cornélio Flyner percebia que Haddock estava ficando agitado, mas mesmo assim continuou a contar:

- Mas com o tempo eu fui aprendendo a gostar dela e a conhecê-la melhor e vi que ela não era nada do que eu imaginava. Tentei explicar para Bartok, mas o rei não confiava mais em mim e apesar de eu ser seu braço direito ele me expulsou do castelo. Um dia estava em uma taverna desconhecida e escutei alguém falando sobre uma conspiração e que tinham intenção de assassinar Margareth. Eu aguicei bem meus ouvidos e descobriu que esta conspiração era promovida pela Sosel.

Haddock ao ouvir o nome Sosel levantou-se assustado, pois novamente aquele nome, era a mesma sociedade que entregou o bilhete para Malcovic que dizia sobre Lorde Awe e o...

- Aconteceu alguma coisa Haddock? Você está tão agitado – Perguntou Frigg.

- Não esquento comigo, pode continuar Senhor.

- Tentei descobrir por que queriam matá-la, mas infelizmente não consegui mais informações, mas descobri que estava próximo para acontecer.

Haddock estava pálido e agitado e Cornélio Flyner ficou na dúvida se deveria continuar ou não. Ele foi até a cozinha e trouxe um copo de água para Haddock, sabia que a estória iria afetá-lo profundamente.

- Eu não quero água, eu que saber tudo agora – disse Haddock irritado.

Cornélio Flyner então continuou a contar:

- Eu então a convenci a fugir comigo até descobrir exatamente o que estava acontecendo, mas acho que cometi um erro. Acredito que eles falaram de propósito na taberna para eu escutar e agir como eu agi. Eu fugi pela floresta de KiBay em direção ao vilarejo de Ladagaz e fomos atacados, fiz de tudo para protegê-la, mas deu tudo errado. Fomos perseguidos na floresta e em um momento de desespero Margareth pulou de um penhasco para a morte.

- Quer dizer que a morte da esposa de meu pai, ou melhor, a morte da pessoa que meu pai mais amou em sua vida, foi causada por você – disse Haddock já com voz alterada.

- Não fale assim – disse Frigg – este homem nos ajudou a salvar Athos.

- Isto não diminui nada o fato dele ser um assassino.

- Agora você está exagerando – disse Athos.

- Ela já não era a esposa dele, ele a dispensou por que não conseguia engravidar e casou-se com a sua mãe Susan. Na verdade o assassinato estava previsto para acontecer no dia do casamento de seu pai com sua mãe.

- Você está querendo dizer que meu pai mandou embora seu grande amor por causa de mim? E que no final a culpa da morte dela, no fundo foi minha culpa também?

- Lá vem você com esta estória de ser culpado da tristeza de seu pai – disse Athos.

- Meu filho...

- Eu não sou seu filho, então não fale assim comigo – disse Haddock extremamente irritado.

- Eu não quis dizer nada disso, se você pensa que tem algo a ver com isto, tire da cabeça, pois você não pode se responsabilizar por algo que aconteceu muito antes de você ter nascido.

Haddock vira-se para a parede porque não queria encará-los e passou vários pensamentos em sua cabeça. Ele lembrava que antes achava que sua mãe havia morrido no parto por sua causa, depois Malcovic disse que a mãe suicidou-se por não suportava seu pai amar outra mulher, e agora descobre que largou Margareth para poder ter um filho. Sua cabeça estava confusa, pois de certa forma, no final das contas sempre ele era o culpado das mazelas de sua família.

- Eu sempre me senti culpado pela amargura de meu pai, pois ele sempre sofreu por causa de Margareth e...

Haddock já não conseguia falar, pois estava com a voz embargada querendo chorar, então saiu da casa correndo.

Frigg tentou impedir a saída de Haddock, mas Cornélio Flyer fez um sinal para não impedir.

-Ele precisa pensar, deixo-o sozinho.

Chegando lá fora Haddock deu de cara com Aminthas que perguntou a ele:

- O que aconteceu Haddock, você me parece triste.

- Aminthas você sempre foi amigo de meu pai, conheceu minha mãe e provavelmente deve ter conhecido Margareth.

- Sim conheci as duas.

Haddock vendo todas aquelas pessoas que acabaram de salvar conversando alegremente, felizes por estarem ali, enquanto ele lembrava de seu pai que passara uma grande parte de sua vida amargurado. Ele chamou Aminthas para sentar em um tronco abaixo de uma árvore e contou a estória que acabara de escutar de Cornélio Flyner. Ao final da estória ele comentou:

- A amada de meu pai morreu por culpa daquele velho.

- Não o culpe Haddock, ele foi enganado, pois as pessoas ruins que realmente queriam matá-la se aproveitaram da índole boa dele para usá-lo. No fundo ele queria apenas protegê-la.

- Mesmo assim ele é culpado.

- Você não pode culpar ninguém que por ter tentado fazer o bem, mesmo que no final tenha dado errado, o que vale é a intenção.

- Quando voltarmos para a Fortaleza do Centro, tudo ficará bem e você conta esta estória para seu pai, por que ele merece saber a verdadeira estória da morte de Margareth – disse Aminthas.

- Eu não posso mais voltar para lá – disse Haddock melancolicamente.

- Por quê?

- Aconteceram muitas coisas desde que você e seus filhos foram levados pelos nomacks e neste meio tempo meu pai morreu.

Aminthas levou um grande susto e perguntou:

- O que aconteceu?

- Não quero falar sobre isto, mas quando você, seus filhos e estas pessoas voltarem para lá, irão dizer muitas coisas de mim, inclusive que matei meu pai, mas acredite em mim, eu não o matei.

- Haddock nem precisava dizer isto, eu o conheço bem, tenho certeza que você é uma pessoa boa e que nunca faria isto.

- Gostaria de ter esta certeza também – Haddock disse isto olhando para seu braço enfaixado.

- Se você não vai voltar comigo, então o que você pretende fazer?

- Eu ainda não sei, as coisas estão acontecendo muito rápido.

Aminthas levantou-se e começou a andar esfregando a mão na cabeça com ar de preocupação.

- Aminthas não precisa se preocupar, desde que sai do castelo, aconteceram muitas coisas ruins, mas consegui superá-las.

- Haddock não estou preocupado com isto, depois que vi vocês lá agindo naquela cidade das trevas, tenho certeza que você junto de Frigg e Athos estarão bem.

- Então o que está te preocupando.

- Talvez demore muito para nos vermos novamente, e sei que a revelação de Cornélio Flyner te abalou muito, mas eu estou na mesma situação dele.

- Como assim?

- Eu também guardo um segredo e me atormenta também.

- Por que todos sempre escondem algo de mim? – disse abaixando a cabeça.

- Por que você ainda é muito jovem e não suportaria determinadas revelações, mas estou vendo que com os últimos acontecimentos você amadureceu muito.

- Tudo bem, acho que não tem como piorar.

- É sobre sua mãe.

- Poupe suas palavras, Malco me contou tudo.

- O que ele te contou?

- Que ela não morreu no meu parto, mas se suicidou.

- É sobre isto que quero te contar, por favor, ouça atentamente o que aconteceu naquela noite que disseram que ela havia suicidado.

Aminthas olhou bem nos olhos de Haddock para ver se ele realmente estava preparado para escutar aquela estória, e vendo que Haddock estava razoavelmente tranqüilo continuou:

- Naquela noite ela foi até a minha casa muito assustada dizendo para eu ajudá-la a fugir, pois você e ela estavam correndo perigo. Ela disse que seu pai acordou de um jeito muito estranho que a deixou com medo, mas o que mais a assustou foi outra coisa. Eu perguntei o que era, mas ela não quis me dizer o que estava acontecendo, só me falava que quando vocês estivessem em segurança ela me contaria. Nós voltamos ao castelo, pois ela precisava pegar algumas coisas antes de fugirmos. Eu fiquei lá embaixo próximo da torre leste do castelo, foi quando escutei o grito dela e quando me dei conta ela havia caído lá de cima.

- Você não acha que chegando lá ela se arrependeu e pulou?

- Não tinha como, ela estava com mala pronta, e estava bem lúcida no que queria fazer e ninguém grita como ela gritou, tenho certeza que foi assassinada.

Haddock fica em silêncio tentando entender a estória.

- Esta estória não tem lógica.

- Por que você diz isto?

Haddock começa a comparar esta estória com a de Malcovic e a pensar – Quem estaria mentindo ou porque.

- O que você está pensando Haddock?

Haddock sem dar atenção a aminthas continuou com seus pensamentos: - Será que Malcovic teria coragem de matar a minha mãe? E se Aminthas estiver mentindo, que interesse ele tem com isto.

- Aminthas confesso que estou confuso, gosto muito de você, mas não faz sentido esta estória.

- Você confia muito em Malcovic né?

- Por que você diz isto?

- Por que a estória que ele te contou, ele contou para seu pai também.

- Como você sabe disso?

- Como você mesmo disse eu era muito amigo dele.

- Por que você não contou para ele?

- Sei que você não vai perdoar-me depois do que vou falar, mas acho que seu pai estava envolvido na morte de sua mãe.

- Agora você se excedeu, não quero ouvir mais nada.

Haddock já ia se virando quando aminthas falou:

- Antes de você ir quero lhe entregar algo.

Haddock com raiva nos olhos ficou olhando para Aminthas pegar atrás de uma árvore um grande embrulho.

- Acho que você vai precisar disso.

Haddock meio cético desembulha o pacote e tem uma grande surpresa, era a espada quebrada que carregava novinha em folha.

- Enquanto você lutava aquele velho nomack que estava preso comigo naquele calabouço horrível chegou próximo a mim e me entregou algumas pedras bem diferentes das que eu

conheço – disse aminthas – e olha que conheço quase tudo de pedra que existe em Kalena.

Mas pelo olhar dele percebi que eram pedras especiais.

- Mas acho que esta espada nunca mais será como antes – Haddock dizia isto relembrando o dia da cerimônia de transformação.

- Haddock isto eu não posso afirmar, mas uma coisa é certa, quando ele me entregou estas pedras, ele me mostrou esta espada que estava com você, ou seja, ele me pediu que a consertasse.

- Mas ele sabia que você era um ferreiro? – perguntou Haddock intrigado.

- Isto é o que achei mais estranho, em momento algum foi dito isto para ele, mas eu senti que ele sabia que esta espada era especial e que você iria precisar muito dela.

Haddock a olha com muito carinho, relembrando de seu pai a empunhando, então ele a segurou firme e sentiu uma energia indescritível passando dela para ele, fazendo revelar em sua lamina, vários símbolos semelhantes aos existentes em seu cabo.

A felicidade tomou conta de Haddock, pois a espada Ellavrin utilizada por Palet no passado havia se revelado a ele.

CAPÍTULO 17

O Sonho

- Você tem certeza que devemos ir lá? – Perguntou um menino de cabelos negros que aparentava ter uns 12 anos.

- Claro, eu tenho certeza que quando ouve a explosão alguma coisa aconteceu – respondeu o outro de cabelos louros de aparência igual - Já devemos estar perto.

- Ainda acho que não deveríamos ir lá – disse isto olhando para vários pedaços de pedras chamuscadas espalhadas pelo chão indicando que a explosão que as atingiu foi muito forte – nossos pais disseram para não virmos aqui, eles acham que foi um monstro.

- Larga de ser bobo, eles nem sabem o que aconteceu – e começando a rir concluiu - e nós sabemos.

- Isto é verdade, mas...

- Mas o que?

- Você não acha que o barulho foi muito estranho?

- Isto é verdade, deve ter sido um eco na montanha.

- E se um monstro foi acordado?

- Monstros não existem, larga de ser medroso.

- Hoje o dia está bom para brincar, vamos embora, amanhã a gente volta.

- Já disse larga de ser medroso, a gente tá quase lá.

Eles então subiram uma pequena elevação dando de cara com a entrada de uma caverna.

- Olha será que a explosão foi tão forte assim? – disse o menino de cabelos negros.

- Não é possível vai ver que só quebrou a pedra que fechava a entrada desta caverna.
- Os dois olharam para a escuridão dentro da caverna, era assustador, principalmente pela brisa gelada que vinha de seu interior.
- Vamos entrar – disse excitado o menino de cabelos loiros.
- Você tá louco, e se tem mesmo um monstro ai dentro.
- Isto é bobagem, imagine o que nós poderíamos encontrar aqui? – disse isto já entrando na caverna.

- Encrenca – disse o menino de cabelos negros.

Conforme foram entrando e aprofundando para seu interior a luz começou a desaparecer até a escuridão total.

- Ilumine – Disse o garoto loiro e uma chama branca e esférica apareceu na palma de sua mão iluminado o ambiente em volta deles.

O garoto loiro ia caminhando firme na frente, parecia que algo o estava atraindo, não sabia o que, mas tinha certeza que tinha que caminhar até seu final.

- Vamos embora, estou com medo – dizia insistentemente o garoto de cabelos negros.

- Se você quer ir embora tudo bem, mas eu vou continuar.

Eles caminharam durante muito tempo, era uma descida meio íngreme, mas nada fazia amedrontava o garoto loiro, apesar da insistência do outro em querer voltar.

- Veja – disse o garoto loiro apontando para algo dourado brilhando.

- O que é aquilo – perguntou o outro.

- Não sei, vamos chegar mais perto.

- Athos acorda! – gritou Frigg – cara eu não sei como você consegue dormir assim.

- Cara! Estou morto de cansaço, parece que não durmo há semanas.

- Você estava falando dormindo Athos, o que você estava sonhando - perguntou Haddock.

- No mínimo fazendo alguma coisa errada – Completou Frigg.

- Não sei, acho que era eu quando criança, mas eu estava um pouco diferente.

Athos ficou sentado na cama e disse:

- Frigg você acha que realmente eu possa ter poderes?

- Por que você pergunta isto?

- É que no meu sonho uma das crianças tem algum poder, só não tenho certeza se sou eu realmente uma delas.

- Olha Athos muitas coisas estranhas estão acontecendo, eu não duvido de nada – disse Frigg.

- Todos se levantaram para sair do quarto quando Athos falou:

- Espere um pouco.

Todos pararam e ficaram olhando para Athos que levantou a palma da mão e disse:

-Ilumine

Nada aconteceu. Frigg ficou olhando para ele sem entender nada.

- Ilumine – disse novamente e do mesmo jeito nada aconteceu

- Precisa se concentrar – disse Frigg.

- Gente vamos parar com esta conversa, pois o pessoal já esta lá na cozinha – disse Haddock.

Eles saem do quarto e caminham até a cozinha encontrando apenas Cornélio Flyner e Eric na mesa.

- Bom dia! – disse Cornélio Flyner.

- Bom dia! – todos responderam.

Assim que todos se sentaram à mesa Haddock perguntou:

- Será que eles estarão bem?

Naquela manhã bem cedinho todas as pessoas que foram salvas por eles, inclusive Aminthas e seus filhos partiram em direção da Fortaleza do Centro.

- Pode ficar tranqüilo, eu forneci uma carroça e indiquei exatamente um caminho que não é perigoso, com certeza eles estão bem.

- Mas não sei pra que esta pressa de ir embora – disse Frigg.

- Todos eles têm parentes que estão sofrendo achando que eles estavam mortos e, além disso, eles precisam avisar as autoridades de lá que caso os marriah não consigam vencer a batalha lá entre eles, poderá haver um ataque em massa dos nomacks na Fortaleza do Centro e eles precisam ficar preparados.

- Será que eles falarão sobre nós? – perguntou Athos.

- Eu os orientei a dizer que vocês haviam sido mortos durante o resgate, pois acho que no momento é interessante vocês não terem eles no encalço – disse Cornélio Flyner.

Após o café todos vão para a sala e ficam ali meio sem ter o que fazer e falar quando Cornélio Flyner pergunta a Athos:

- Onde você aprendeu a língua dos nomacks?

- Não faço a menor idéia, simplesmente sei.

- Isto é muito estranho – disse Frigg.

- Sabe tem uma coisa que estou querendo falar e sempre esqueço – disse Athos.

- O que é? – perguntou Haddock.

- Sabe aquele nomack poderoso, o McFine, ele falou insistentemente de um livro, que livro será este.

- Deve ser bobagem, aquele pessoal é meio louco – disse Haddock meio que querendo cortar o assunto.

- Não sei não, inclusive o velho Capuah disse que sentia que as forças da natureza estavam inquietas e que o mal estava se organizando novamente.

Cornélio em silêncio observava o que Athos estava falando.

- Sabe quando McFine fez aquela magia em que apareceram letras para eu poder ler – disse Athos e depois que todos confirmaram que lembravam com um gesto de positivo com a cabeça Athos continuou: - então me fez lembrar quando estávamos fugindo da Fortaleza do Centro e estávamos passando pela entrada da prisão.

- O que tinha lá – perguntou Eric.

- Tinha o mesmo estilo de escrita gravada em uma parede toda quebrada.

- Sim eu me lembro, estava escrito na parede que explodiu durante a cerimônia de transformação – disse Haddock.

- Cerimônia de transformação? – perguntou Cornélio Flyner.

Haddock pensou um pouco e não sabia se devia contar ou não, pois ainda estava desconfiado de Cornélio Flyner desde a estória que ele havia revelado a ele no dia anterior, mas precisava saber mais, e talvez ele poderia ajudar.

- Estava preso no fundo do castelo Lorde Awe, o Tirano, uma pessoa nefasta e um dos homens mais poderosos que estas terras já conheceram, mas com a cerimônia de transformação ele foi morto.

- Você tem certeza que ele foi morto?

- Sim, tenho certeza.

Cornélio Flyner fez uma cara de desconfiado, mas continuou no assunto anterior:

- O que estava escrito na parede? – perguntou Cornélio Flyner para Haddock.

- Eu não sei.

- Mas você conseguiu entender Capuah lá no calabouço – disse Athos.

- Sim eu sei, mas antes eu não conseguia entender, isto está muito estranho.
- Athos você se lembra do que estava escrito?
- Sim me lembro perfeitamente.
- Então diz logo – disse Frigg sem se conter de tanta curiosidade.
- Estava escrito “CASO O MAL CONSIGA ESCAPAR... PELA BRISA... SOLUÇÃO... TRAIADOR”.
- Só isto – disse Frigg decepcionado.
- Sim, muitas palavras foram destruídas, mas com certeza elas estavam nesta ordem.
- Senhor! – disse Eric – posso falar.
- Sim claro
- A pessoa que escreveu esta frase pode ter previsto que este homem que estava preso poderia escapar.
- Sei onde você esta querendo chegar, mas segundo Haddock ele morreu.
- Mas pelo que foi dito ele era muito poderoso e ardiloso, será que ele seria morto tão facilmente.
- E quem disse que ele foi morto facilmente, nesta cerimônia até meu pai que era o rei de Kalena morreu.

Todos ficaram em silêncio, pois o clima estava ficando tenso.

Cornélio interrompeu a discussão e foi para um canto da sala e começou a pensar, ele estava intrigado, talvez algumas histórias que tinha ouvido poderia ser verdade, já que realmente havia Lorde Awe.

- Existe um livro – disse Cornélio Flyner.

Todos olharam para ele com surpresa, mas Cornélio Flyner reparou que o espanto de Haddock foi diferente dos demais, aguçando mais suas desconfianças. Ele então olhando para Haddock disse:

Eu não tenho certeza, tudo pode ser apenas estórias, mas existiu um livro no passado que foi escrito pela brisa...

- Pela brisa, como assim – perguntou Athos.

- Parece que quando Lorde Awe foi derrotado, um antepassado meu e seu – disse isto olhando para Athos – escutou palavras no vento, e a escreveu todas em um livro, ele ficou conhecido como o livro que foi escrito pela brisa e que seria muito poderoso.

- Isto é estória tenho certeza que este livro não existe – disse Haddock com muita firmeza.

- Pode ser que Lorde Awe não esteja morto – Aquela frase caiu como uma bomba na sala fazendo todos arregalarem os olhos.

- Eu já disse, eu vi, os senhores de reinos viram ele estava morto.

- Algo está acontecendo eu também sinto o que o velho nomack sentiu, coisas muito ruins estão para acontecer, e este livro pode ser a chave do mistério.

- O que vocês pretendem fazer daqui a diante, já que não podem mais voltar para a Fortaleza do Centro? – perguntou Cornélio Flyner.

- Na verdade não sabemos – disse Frigg olhando para Haddock e Athos.

- Realmente não temos para onde ir – disse Haddock.

- O que o senhor sugere? – Perguntou Athos.

- Acho que vocês devem dar um propósito para a vida de vocês, tudo que esta acontecendo não é mera coincidência, vocês devem ter alguma relação com tudo que esta acontecendo, então eu sugiro que vocês partam e procurem este livro.

- Vamos começar por onde, e além do mais nem sabemos se ele existe mesmo – disse Athos.

- Realmente eu não posso afirmar nada, pois depois das grandes guerras, muitas informações foram perdidas e outras sumiram propositadamente.

Cornélio sentou-se em sua cadeira meio desanimado e continuou falando:

- Mas se pudéssemos ter a certeza que o povo do leste sobreviveu às grandes viagens do passado, aí sim seria um bom começo.

- Eles sobreviveram – disse Athos, Frigg e Haddock ao mesmo tempo.

- Como assim? – perguntou Cornélio Flyner.

- Durante as comemorações dos mil anos da Paz Megumi descendente de Katsuo e que hoje é o Senhor do Oeste apareceu montado em maquinas voadoras muito estranhas.

- Não é de admirar, eles são muito inteligentes. Então eu sugiro que todos vocês caminhem para o leste, e com certeza eles devem ter alguma informação sobre este livro.

- Como vamos encontrá-los, durante anos vários guerreiros os procuraram e não conseguiram – disse Haddock.

- Eu não tenho como dar esta informação, mas tenho certeza que vocês darão um jeito.

Frigg e Haddock se entreolharam e pensaram a mesma coisa: “No fim acho que este velho é doido mesmo”.

- Desculpe por estar forçando vocês para uma jornada tão perigosa, mas sinto que se existe um perigo para o povo de Kalena, somente vocês poderão resolver isto. Vocês devem prestar muito atenção a tudo que ocorrer daqui para frente, cada detalhe deve ser observado, não deixem escapar nada.

- Acho que não podemos mais perder tempo, devemos ir embora agora – disse Haddock.

Os três caminharam até o quarto onde dormiram aquela noite. Eles quase não pregararam os olhos tamanha era a ansiedade deles e assim que amanheceu o dia eles pegaram todos os seus pertences e assim que chegaram na sala viram Eric com uma mochila e o arco e flecha que ganhara de PK, uma arma especial arcana que nunca acaba as flechas.

- Athos – disse Cornélio Flyner – fico muito feliz em ter um sobrinho que nem você e tenho certeza que seu pai o visse agora iria se orgulhar de você.

- Obrigado Tio Nélio.

- Sabe gostaria muito de acompanhar vocês, mas estou muito velho para aventuras então gostaria de lhe dar este cajado, ele passou de geração em geração e tenho certeza que você irá precisar dele.

Quando Athos pegou o cajado em suas mãos sentiu um ardor que lhe atingiu até a espinha, sentiu uma sensação gostosa, parecia que aquele cajado sempre fora dele.

- Gente conversei com Eric e o convenci a ir com vocês.

- Nós não precisamos dele – disse Haddock.

- Daqui para frente vocês enfrentarão perigos inimagináveis e fora da Fortaleza do Centro existem poderes acima da compreensão de vocês, então eu não recusaria a ajuda dele, pois além dele ser muito inteligente e um exímio arqueiro conhece este pântano como ninguém e com certeza vocês chegarão em seu destino correndo menos perigo.

Haddock meio a contra gosto concordou com ele e com isto todos se despediram de Cornélio Flyner e carregando o máximo de provisão possível sumiram no meio da mata a caminho do leste.

Se você gostou leia também o livro 2 da série : O Homem de Pedra

Dê sua opinião sobre o livro no site:

WWW.centraldefavoritos.wordpress.com ou pelo email:

edersc@yahoo.com.br

Estou a procura de uma editora que possa publicar meus livros, então caso você seja um editor ou conheça um, entre também em contato comigo.

Obrigado.